

UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD CIENCIAS JURÍDICAS, POLITICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN

DOCTORADO EN CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

A COMUNIDADE CIGANA DE SOUSA NA PARAÍBA: UMA ANÁLISE
DA IDENTIDADE, ESCOLARIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE FRENTE AS
NOVAS EXIGÊNCIAS SOCIAIS

Maria José Rangel

Asunción, Paraguay

2019

Maria José Rangel

A COMUNIDADE CIGANA DE SOUSA NA PARAÍBA: UMA ANÁLISE
DA IDENTIDADE, ESCOLARIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE FRENTE AS
NOVAS EXIGÊNCIAS SOCIAIS

Tese a ser apresentada a Universidad Autónoma de Asunción (UAA) como
requisito final para a obtenção do título de Doctora em Ciencias de la
Educación.

Tutora: Prof^a Dra. Olga González Cardozo

Assunção, Paraguai

2019

Rangel, Maria José

A comunidade cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da identidade, escolarização frente as novas exigências sociais. Sousa-PB

Total de páginas: 163

Tutora: Dra. Olga Gonzáles Cardozo

Tese acadêmica de Doutorado em Ciências da Educação –
Universidad Autónoma de Asunción Facultad Ciencias Jurídicas
Políticas y de La Comunicación, Paraguai 2019.

Código de Biblioteca.....

Maria José Rangel

A COMUNIDADE CIGANA DE SOUSA NA PARAÍBA: UMA ANÁLISE
DA IDENTIDADE, ESCOLARIZAÇÃO E RELIGIOSIDADE FRENTE AS
NOVAS EXIGÊNCIAS SOCIAIS

Esta tese foi aprovada em ___/___/___ para a obtenção do título de Doutora em Ciências da
Educação para a Universidade Autónoma de Asunción – UAA.

DEDICATÓRIA

A MEUS PAIS, (in memorian) Maria da Guia Nóbrega Rangel e Roberto Rangel Travassos. A toda minha família: filhos, nora, neto, irmãos, sobrinhos queridos e amigos. A professora Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

AGRADECIMENTOS

A Deus que é um só Deus na Santíssima Trindade por toda força, garra e determinação para concluir este estudo.

Agradeço a minha querida mãe Maria da Guia Nóbrega Rangel, que faleceu no decorrer deste estudo, mas que em vida sempre incentivou a alcançar os meus objetivos. A todos os meus familiares: aos meus filhos, neto e nora: Dannel, Rafael e Arthur, irmãos, sobrinhos, demais parentes e amigos, pela fortaleza com que me fizeram nutrir o desejo desta conquista.

A prof.^a Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues, coordenadora do Grupo de Pesquisa: Formação Docente/Inclusão/Exclusão e Diversidade do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

Aos ciganos Calon da Comunidade de Sousa-PB, na pessoa do presidente do Centro Calon de Desenvolvimento Integral, o cigano Francisco Soares Figueiredo.

Aos colegas do Centro de Tecnologia da Universidade Federal da Paraíba e de modo especial, as amigas Célia, Miriam, Marileide por compartilharem comigo o desafio de estudar no exterior e conquistar este título.

Aos professores, funcionários e colegas da UAA e a todos aqueles que, de algum modo, direta ou indiretamente, contribuíram para essa vitória. A professora Dra. Olga Gonzáles Cardozo, sempre cordial e solícita, pela luz de suas sábias considerações, tão caras ao presente trabalho.

O céu é meu teto; a terra é minha pátria e a liberdade é minha religião.

Lema Cigano

ÍNDICE

RESUMO	ix
RESUMEN	x
Lista de Quadros	xi
Lista de Figuras	xii
Lista de Abreviaturas	xiii
INTRODUÇÃO	1
1. O PROBLEMA	6
1.1. Objetivos da Pesquisa	6
1.1.1. Objetivo Geral	6
1.1.2. Objetivos Específicos	7
1.2. Justificativa	7
2. MARCO TEÓRICO	9
2.1. Aporte conceitual	9
2.2. Etnia	9
2.3. Etnia cigana	11
2.4. Ciganos na Europa	14
2.4.1. Origem e caracterização	14
2.5. Ciganos Calon no Brasil	26
2.5.1. Trajetória e evolução	26
2.5.2. Aspectos políticos e culturais	30
2.6. Ciganos Calon na Paraíba	36
2.6.1. Origem e contextos	36
2.7. Os ciganos Calon de Sousa	37
2.7.1. Breve histórico	37
2.7.2. Elementos Culturais	49
2.7.3. Identidade	60
2.7.4. Escolarização	68
2.7.5. Religiosidade	71

2.7.6. Os ciganos Calon de Sousa nos dias atuais	74
3. METODOLOGIA	76
3.1. Local da Investigação	78
3.1.1. Comunidade Cigana Calon de Sousa, PB, Brasil	80
3.2. Tipo de Investigação	82
3.3. Técnicas e Instrumentos de Coleta de Dados	84
3.4. População e Amostra	86
3.5. Desenho Metodológico de Investigação	88
4. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	89
4.1. Análise da entrevista com os professores	89
4.2. Análise dos resultados do questionário aplicado aos ciganos	97
5. CONCLUSÕES	104
6. RECOMENDAÇÕES	108
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	118
Apêndice A - Carta de Anuência para o chefe dos ciganos	118
Apêndice B – Carta de Anuência aos diretores das escolas públicas	119
Apêndice C - Roteiro da entrevista para os professores	120
Apêndice D - Questionário aplicado aos ciganos	121
Apêndice E - Validação da entrevista	122
Apêndice F - Guião de entrevista	123
Apêndice G - Validação questionário	124
Apêndice H - Roteiro do questionário	126
Apêndice I - Declaração de aplicação da pesquisa	127
Apêndice J - Declaração de participação no Grupo de Pesquisa	128
ANEXOS	129
Anexo 1. Cronologia contributiva da história dos ciganos	129
Anexo 2. O holocausto cigano	142
Anexo 3. Celebração ao dia do Cigano 2018	145
Anexo 4. Lista de Fotografias	147

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada na comunidade cigana na cidade de Sousa na Paraíba, Brasil. A investigação vinculou-se ao Grupo de Pesquisa Formação Docente/Inclusão, Exclusão e Diversidade do Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação, Departamento de Habilitação Pedagógica do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Este estudo tem como tema: A Comunidade Cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da identidade, escolarização e religiosidade frente as novas exigências sociais. Pergunta-se como está fundamentada a identidade cigana coletiva e individual? Qual a importância da escolarização para os ciganos nos dias atuais? Quais os elementos que vivificam o fortalecimento da religiosidade na comunidade cigana e quais as perspectivas de futuro para os ciganos Calon sousense? Tendo como objetivo geral proposto: analisar as transformações ocorridas na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade na perspectiva de manutenção da tradição e desenvolvendo uma metodologia de desenho não experimental do tipo descritiva com enfoque qualitativo, interpretativo, foram utilizados como técnica e instrumento para coleta de dados a entrevista estruturada e um questionário aberto. Na amostra para a entrevista estruturada foram envolvidos vinte e três professores de duas escolas públicas de Sousa, que tem alunos ciganos em sala de aula. O questionário foi aplicado a trinta ciganos da comunidade cigana Calon de Sousa. Os resultados desse estudo foram de suma importância pois realçaram as dificuldades do cotidiano dos ciganos tornando a relevância desta pesquisa, através de uma abordagem histórica social dessa população, edificar e aprofundar o conhecimento sobre os ciganos de modo a tornar visível e respeitosa à sociedade contemporânea, esta pluralidade cultural que até então parece invisível.

Palavras chaves: cigano, identidade, escolarização e religiosidade.

RESUMEN

Esta encuesta fue realizada en la comunidad gitana de la ciudad de Sousa en Paraíba, Brasil. La investigación se vinculó al Grupo de Pesquisa Formação Docente/Inclusión, Exclusión y Diversidad del Programa de Pos Grado del Centro de Educación, Departamento de Habilitación Pedagógica del Centro de Educación de la Universidad Federal de Paraíba. Este estudio tiene como tema: La Comunidad gitana de Sousa en Paraíba: una análisis de la identidad, escolarización y religiosidad delante de las nuevas exigencias sociales. Preguntase, ¿cómo está fundamentada la identidad gitana colectiva e individual? ¿Cuál es la importancia de la escolarización para los gitanos en los días actuales? ¿Cuáles son los elementos que vivifican el fortalecimiento de la religiosidad en la comunidad gitana y cuáles son las perspectivas de futuro para los gitanos Calon sousense? Teniendo como objetivo general propuesto: analizar las transformaciones ocurridas en la comunidad gitana Calon de Sousa, cuyos aspectos son la identidad, escolarización y religiosidad en la perspectiva de manutención de la tradición y desarrollo, una metodología de dibujo no experimental del tipo descriptiva con enfoque cualitativo, interpretativo, pues para ello, fueron utilizados como técnica e instrumento para la colecta de datos, la entrevista estructurada y un cuestionario abierto. En el muestreo para la entrevista estructurada fueron envueltos veintitrés profesores de dos escuelas públicas de Sousa, que tienen alumnos gitanos en la clase. El cuestionario fue aplicado a treinta gitanos de la comunidad gitana Calon de Sousa. Los resultados de ese estudio fueron de suma importancia pues, realzaron las dificultades del cotidiano de los gitanos tornando la relevancia de esta pesquisa, a través de un abordaje histórico social de esa población, edificar y profundizar el conocimiento sobre los gitanos de modo a tornar visible y respetuosa la sociedad contemporánea, esta pluralidad cultural que de momento parece invisible.

Palabras claves: gitano, identidad, escolarización y religiosidad.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Estados membros com o número estimado de ciganos na Europa	19
Quadro 2. Direitos constitucionais e direitos das minorias	32
Quadro 3. Marcos legais recentes que garantem direitos aos ciganos	33
Quadro 4. Marcos legais que garantem direitos aos ciganos paraibanos	34
Quadro 5. Palavras em romani e seus significados	64
Quadro 6. Palavras no dialeto Caló e seus significados	65
Quadro 7. Letra e tradução do Hino Cigano	68
Quadro 8. Plano de Educação Estadual da Paraíba/Brasil para os ciganos	70
Quadro 9. Contexto religioso na comunidade cigana Calon	73
Quadro 10. Elementos atuais de identidade cultural Calon em Sousa	74
Quadro 11. Escolarização na comunidade Calon de Sousa	75
Quadro 12. Religiosidade na comunidade Calon de Sousa	75
Quadro 13. Participantes da pesquisa	87
Quadro 14. Desenho metodológico da investigação	88
Quadro 15. Resultado da entrevista com os professores	89
Quadro 16. Resultado do questionário aplicado aos ciganos	97

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Dispersão cigana na Europa	15
Figura 2. Concentração dos Ciganos na União Europeia	19
Figura 3. Elementos de inclusão social	21
Figura 4. Dez princípios básicos comuns para a inclusão dos ciganos na Europa	22
Figura 5. Municípios brasileiros com ciganos	30
Figura 6. Mapa da Paraíba	37
Figura 7. Vale dos dinossauros em Sousa, PB, Brasil	38
Figura 8. Comunidade Cigana Calon	39
Figura 9. Desafios dos ciganos Calon de Sousa	40
Figura 10. Elementos Culturais dos Calon de Sousa	50
Figura 11. Símbolos da cultura cigana	52
Figura 12. Lendas ciganas	59
Figura 13. Elementos de identidade dos Calon de Sousa	62
Figura 14. Bandeira cigana	67
Figura 15. Mapa do Brasil	79
Figura 16. Mapa da Paraíba e seus municípios	80
Figura 17. Rancho Calon de Sousa	81
Figura 18. Centro Calon de Desenvolvimento Integral – CCDI	82
Figura 19. A pesquisadora no CCDI	147
Figura 20. Reunião no CCDI com chefe dos ciganos	147
Figura 21. A pesquisadora aplicando questionário	148
Figura 22. Aplicação de questionário	148
Figura 23. Comemoração do Dia do Cigano	149

LISTA DE ABREVIATURAS

APA	American Psychology Association
UAA	Universidade Autônoma de Assunção
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ONU	Organização das Nações Unidas
UE	União Europeia
TUE	Tratado da União Europeia
PBC	Princípios básicos comuns
TCE	Tribunal de Contas Europeu
CNE	Conselho Nacional de Educação
CEB	Câmara de Educação Básica
GEER	Gerência Executiva de Equidade Racial
SEMDH	Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CCDI	Centro Calon de Desenvolvimento Integral
SEPPIR	Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
PEE	Plano Estadual de Educação

INTRODUÇÃO

O presente estudo faz uma abordagem sobre a população cigana que contém uma diversidade de identidades étnicas e culturais. Livres como o vento vivendo uma vida de liberdade, misteriosos e seus encantos fascinaram as pessoas de todo o mundo, tornando os ciganos personagens de lendas e aventuras povoadas de fantasias, músicas, rituais fantásticos, amores tempestuosos e heroísmo. (Baçan,1999).

O Brasil é um país de grande diversidade cultural e que tem sua história também marcada pela cultura cigana que está presente nos diferentes espaços sociais. Para conhecer determinado povo socialmente se faz necessário saber quais os hábitos, sentimentos, manifestações espirituais, porque é onde se reflete a sua história que se pode chamar de cultura. São ciganos sim e brasileiros como eles mesmos não se cansam de repetir e que seguem o lema por onde passam “*a terra é nossa pátria, o céu é nosso teto e a liberdade é a nossa religião*”. E é com esse espírito de descoberta e conhecimento inspirados pela lição de liberdade que podemos colocar as cartas na mesa e começar a ler a mão de um Brasil que desde sempre teve os ciganos em seus caminhos e foi também um caminho para os ciganos¹.

A história da pesquisadora com os ciganos Calon de Sousa na Paraíba iniciou-se através da professora Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues, coordenadora do projeto “A formação docente frente à diversidade” resultando com a construção do Plano: “A escolarização dos ciganos como espaço de construção de cidadania”, esta pesquisa é parte integrante de uma pesquisa mais ampla cadastrada no CNPQ: Formação Docente/Inclusão, Exclusão e Diversidade do Departamento de Habilitação Pedagógica, do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba.

¹ Vídeo: Brasil. Terra de fulanos, beltranos e ciganos. Série de Programas. O povo cigano no Brasil. Publicado pelo youtube em 15/08/2016.

Esse processo de diálogo entre a pesquisadora e a professora Janine aconteceu em 2015, quando a partir daí, surgiu uma identificação, pessoal e profissional, com o viver dos ciganos Calon de Sousa na Paraíba/Brasil. É nesta senda que tem início o desafio de conhecer os problemas, desafios, as potencialidades e expectativas vivenciados pela população cigana em estudo.

Tendo adotado, desde logo, uma atitude de escuta e vigilância perante o diverso, e desconhecido, ouvido da professora Janine que teve a história com os ciganos Calon iniciada em 2009, onde desde então desenvolve um trabalho de estudo e participação cidadã, com a comunidade cigana, objetivando dá voz e visibilidade a esse povo desconhecido para sociedade brasileira. Após o relato de algumas das atividades desenvolvidas a pesquisadora espreitava as oportunidades que iam surgindo, passíveis de serem “agarradas” e reinvestidas num processo de aprendizagem permanente, através do que era transmitido na construção do saber cigano daquela população. Teve início então a participação da pesquisadora no grupo de estudo e conseqüentemente a oportunidade de conhecer os ciganos Calon de Sousa na Paraíba.

O espaço trabalhado foi a cidade de Sousa/PB/Brasil, onde, atualmente encontra-se a maior comunidade fixa cigana do Nordeste, distribuídos em quatro “ranchos”, na altura do km 463 da BR-230, a 3 km do centro de Sousa, os ranchos são vizinhos, situados logo atrás da Escola Agrotécnica Federal de Sousa e da Escola de 1º Grau Celso Mariz a cerca de um quilômetro de distância, junto ao parque da Exposição de Animais. Moonen (2013).

Esta comunidade cigana é formada por adultos na sua maioria, crianças, adolescentes e idosos. Pela tradição antiga, viveriam em tendas e viajariam de um lugar para o outro, envolvidos com a natureza, sem destino certo, contudo essa minoria social tenta à duras penas preservar sua valiosa identidade e salvaguardar as peculiaridades de seus próprios conceitos de cidadania, em que pese os avanços tecnológicos, científicos e culturais, as mudanças de paradigmas e o fascinante processo de globalização. Hoje, os ciganos calon de Sousa, vivem fixados na cidade, na sociedade como pessoas comuns misturados aos não ciganos.

A constatação da globalização, que não singulariza, lutar por não perder a tradição cigana, é uma alternativa de adaptação ao progresso para os ciganos Calon de Sousa. Algumas questões tornam-se significativas nas transformações ocorridas frente as novas exigências sociais na construção da identidade, na escolarização e religiosidade dos ciganos Calon de Sousa na Paraíba. Como está fundamentada a identidade cigana coletiva e individual? Qual a importância da escolarização para os ciganos nos dias atuais? Quais os elementos que vivificam o fortalecimento da religiosidade na comunidade cigana e quais as perspectivas de futuro para os ciganos calon sousense?

Dentre as dificuldades encontradas que discutem o tema, uma delas é a ausência de dados sobre esse povo rodeado de mistérios, e que pela sua tradição, a oralidade, não registram, não escrevem e passam seus costumes de maneira oral de geração em geração. Como imaginar nesta sociedade pessoas que não tem endereço fixo, documentos, carteira assinada e que enfrentam constantes dificuldades. Bem-vindo ao mundo cigano! (Marsiglia, 2008).

A etnia cigana, considerada como minoria na diversidade racial brasileira, é um tema pouco conhecido e abordado na sociedade atual, principalmente no que se refere as políticas públicas voltadas a essa população. A palavra etnia é usada muitas vezes erroneamente como um eufemismo para raça, embora não possam serem considerados como iguais o conceito de raça é associado ao de etnia. A diferença é que etnia compreende os fatores culturais, como a nacionalidade, a filiação tribal, a religião, a língua e as tradições, enquanto raça compreende os fatores morfológicos, como a cor de pele, constituição física, estatura, traço facial, etc.

Esta pesquisa, de paradigma naturalista, configurou-se de uma metodologia com abordagem qualitativa do tipo exploratória, descritiva, interpretativa, sendo parte integrante de um estudo maior, denominado pelo Grupo de Pesquisa: Formação Docente/Inclusão, Exclusão e Diversidade do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, coordenado pela professora Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues,

da qual está pesquisadora é membro integrante deste grupo de pesquisadores desde 2015.

O trabalho de campo aconteceu na comunidade cigana de Sousa na Paraíba, onde a população está distribuída em quatro 'Ranchos', com um total de cento e noventa famílias, numa média de mil e cem indivíduos, entre crianças, adolescentes, adultos e idosos. As entrevistas estruturadas foram aplicadas através de perguntas-guias aos professores do Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e do Ensino de Jovens e Adultos - EJA, que tem alunos ciganos em sala de aula. Foi aplicado questionário aos ciganos, e o papel da pesquisadora centrou-se no encaminhamento da conversa com a preocupação que as temáticas fossem abordadas.

Terminada a coleta de dados, vivenciamos a primeira fase após leitura de todas as informações disponibilizadas no sentido de identificar temas comuns relacionados aos objetivos da pesquisa. Na segunda fase do estudo na análise de conteúdo, estabeleceu-se uma conexão entre os objetivos traçados no início da pesquisa, a teoria e a realidade encontrada. Para o processo de interpretação dos dados qualitativos utilizou-se quadros e figuras. E por fim na discussão final apresentou-se os principais resultados do estudo, com sugestões e propostas que agregará valores a outras pesquisas com informações e o conhecimento sobre os ciganos.

A estrutura desta tese inicia-se com a introdução que apresenta todo o contexto em que se desenvolveu a pesquisa, o primeiro capítulo apresentando a problematização que motivou a investigação, os objetivos para alcançá-los a justificativa, relevância do estudo, assim como, as limitações da pesquisa e os resultados obtidos.

No segundo capítulo, abordou-se o marco teórico com aporte conceitual tratando da Etnia, Etnia cigana, os ciganos na Europa, no Brasil (trajetória e evolução, Ciganos na Paraíba (origem e contextos), Ciganos Calon de Sousa (breve histórico,

elementos culturais, identidade, escolarização, religiosidade), como também os ciganos Calon de Sousa nos dias atuais.

No terceiro capítulo denominado de Marco Metodológico, composto de lugar de estudo, desenho, tipo e método de estudo, fontes de dados, população e amostra, técnicas de coleta de dados e técnica de análise de dados.

O quarto capítulo, o estudo apresenta as análises e interpretação dos resultados das entrevistas aplicada aos professores e os questionários inqueridos aos ciganos. No quinto capítulo a pesquisadora apresenta as conclusões. O sexto capítulo as recomendações, em seguida as referências, apêndices e anexos.

1. O PROBLEMA

A comunidade cigana Calon de Sousa na Paraíba é formada na sua maioria por adultos, crianças, adolescentes e idosos. Pela tradição antiga, viveriam em tendas e viajariam de um lugar para o outro, envolvidos com a natureza, sem destino certo. Essa minoria social tenta à duras penas preservar sua valiosa identidade e salvaguardar as peculiaridades de seus próprios conceitos de cidadania e tradição, em que pese os avanços tecnológicos, científicos e culturais; as mudanças de paradigmas e o fascinante processo da globalização. Mas hoje. Os ciganos Calon vivem fixados na cidade de Sousa como pessoas comuns misturados aos não ciganos. A constatação da globalização, que não singulariza lutar por não perder os costumes e a tradição cigana é uma alternativa de adaptação ao progresso para os ciganos sousenses.

Algumas questões abordadas tornam-se significativas nas transformações ocorridas com influência da globalização na construção da identidade, na escolarização e religiosidade dos ciganos Calon de Sousa na Paraíba: Como está fundamentada a identidade cigana coletiva e individual? Qual a importância da escolarização para os ciganos nos dias atuais? Quais os elementos que vivificam o fortalecimento da religiosidade na comunidade cigana e quais as perspectivas de futuro para os ciganos Calon sousense? Para tanto alguns objetivos foram elencados:

1.1. Objetivos da Pesquisa

1.1.1 Objetivo Geral:

Analisar as transformações ocorridas na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade na perspectiva de manutenção da tradição.

1.1.2. Objetivos Específicos

1. Identificar os elementos de identidade cigana nas práticas sociais: individual e coletiva dos Calon de Sousa;
2. Constatar a importância da escolarização para a comunidade cigana sousense;
3. . Especificar a religiosidade vivenciada pelos ciganos Calon de Sousa na perspectiva da tradição;
4. Verificar atitudes favoráveis que contribuam com o processo de inclusão social dos ciganos Calon sousense como cidadãos brasileiros.

1.2. Justificativa

Dentre as dificuldades encontradas que discutem o tema é um dos mais relevantes, a ausência de dados sobre esse povo rodeado de mistérios que pela sua tradição nunca deixaram registros de suas origens e seus costumes. A escassez de trabalhos científicos sobre os ciganos, bem como de referências bibliográficas, desencadeou a necessidade de produção de conhecimento científico contribuindo para desocultar uma realidade até o momento tão pouco estudada.

Para o antropólogo Frans Moonen (2008), quem pretende estudar ciganos enfrenta um enorme problema encontrar uma livraria ou biblioteca com produções brasileira ou em línguas estrangeira que é mais difícil ainda. Apesar de tudo a produção ciganológica brasileira tem aumentado nos últimos anos e alguns autores (antropólogos, pesquisadores, historiadores e escritores), tem publicado sobre a ciganologia e como também alguns autores ciganos que vivenciaram e contaram a própria história de vida.

A etnia cigana considerada como minoria na diversidade racial brasileira, é um tema pouco conhecido e abordado na sociedade atual, principalmente no que se refere na elaboração de políticas públicas voltadas a essa população. A palavra etnia é usada muitas vezes erroneamente como um eufemismo para raça, embora não possam serem considerados como iguais o conceito de raça é associado ao de etnia. A diferença é que etnia compreende os fatores culturais, como a nacionalidade, a filiação tribal, a religião, a língua e as tradições, enquanto raça

compreende os fatores morfológicos, como a cor de pele, constituição física, estatura, traço facial, etc.

No cenário da modernidade, onde é possível destacar o papel das instituições sociais como família, Igreja e o aparecimento de novas instituições, como imaginar nesta sociedade majoritariamente urbana pessoas que não tem endereço fixo, documentos, carteira assinada e nem história de vida registrada. Bem-vindo ao mundo cigano! Marsiglia (2008). Neste contexto de invisibilidade, os ciganos espalhados pelo mundo inteiro tem tradições, costumes, mitos folclóricos que nada revelam mantendo em “segredo” essa população com determinadas especificidades.

Assim sendo, esta pesquisa se propôs também a apontar as transformações ocorridas pela influência da globalização na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade na perspectiva de manutenção da tradição. Para a pesquisadora a relevância deste estudo será edificar uma abordagem histórica social dessa população, no desejo de aprofundar o conhecimento sobre os ciganos de modo a tornar visível à sociedade contemporânea esta pluralidade cultural invisível.

2. MARCO TEÓRICO

2.1. Aporte Conceitual

Este capítulo aborda os conceitos que buscam fundamentar a compreensão das questões propostas no presente estudo. Para isto, realizou-se uma pesquisa telematizada referente aos temas que permeiam o povo cigano Calon.

2.2. Etnia

Abordando o embasamento teórico, iniciando com o conceito de etnia que busca fundamentar a compreensão do significado desse termo na versão de alguns autores² que afirmam que a palavra etnia surgiu em Israel, na época retratada no Antigo Testamento da Bíblia. Os seguidores do Judaísmo usavam o termo *ethnos* para descrever os que não eram judeus. Estudiosos acreditam que no Novo Testamento, depois da ressurreição e ascensão de Jesus, este termo era usado para descrever as pessoas que não tinham sido evangelizadas, sendo que muitas vezes estes eram excluídos e diminuídos por aqueles que já tinham passado pelo processo de evangelização.

A palavra etnia vem do grego "*ethnos*", que significa "povo" que tem o mesmo *ethnos* ou costume e isso inclui a língua, a raça e a religião. A etnia é um tema de estudo da Antropologia, e se definiu desde cedo como assunto principal da Etnologia, ciência que sugere o estudo de diferentes grupos étnicos. O conceito de etnia vem ganhando espaço cada vez maior nas ciências sociais a partir das sucessivas críticas ao conceito de raça e, em alguns casos, ao conceito de tribo (Silva & Silva, 2006).

O conceito de etnia no dicionário da língua portuguesa é de coletividade que se diferencia por suas especificidades (cultura, religião, língua, modos de agir etc.), e

² Significado de Etnia – O que é, conceito e definição ver www.significados.com.br/etnia/

que possui a mesma origem e história; grupo étnico: etnia cigana. [Pejoraivo] Termo comumente usados para se referir à semelhança biológica, às pessoas que compartilham a mesma raça. Os autores Kalina e Maciel Silva na sua obra intitulada Dicionário de Conceitos Históricos fala da origem do termo etnia do seu criador e significado a seguir:

O termo etnia surgiu no início do século XIX para designar as características culturais próprias de um grupo, como a língua e os costumes. Foi criado por Vancher de Lapouge, antropólogo que acreditava que a raça era o fator determinante na história. Para ele, a raça, era entendida como as características hereditárias comuns a um grupo de indivíduos. Elaborou então o conceito de etnia para se referir às características não abarcadas pela raça, definindo etnia como um agrupamento humano baseado em laços culturais compartilhados, de modo a diferenciar esse conceito do de raça (que estava associado a características físicas) (Silva & Silva (2006).

Nesse sentido, o termo etnia é usado muitas vezes erroneamente como um eufemismo para raça, embora não possam serem considerados como iguais, o conceito de raça é associado ao de etnia. A diferença é que etnia compreende os fatores culturais, como a nacionalidade, a filiação tribal, a religião, a língua e as tradições, enquanto raça compreende os fatores morfológicos, como a cor da pele, constituição física, estatura, traço facial, etc. Silva & Silva (2006), citam Max Weber, que por sua vez, fez uma distinção não apenas entre raça e etnia, mas também entre etnia e Nação. Para Max, pertencer a uma raça era ter a mesma origem (biológica ou cultural), ao passo que pertencer a uma etnia era acreditar em uma origem cultural comum.

Pode-se perceber, dessa forma que a discussão sobre etnia nos leva a repensar o próprio conceito de etnocentrismo. O etnocentrismo é um conceito³ elaborado pela antropologia para fazer alusão à tendência que tem uma pessoa ou um grupo social em interpretar a realidade a partir dos seus próprios padrões culturais. Esta prática prende-se com o facto de acharmos que a nossa própria etnia e as respectivas práticas culturais são superiores aos comportamentos de outros grupos. Uma visão etnocêntrica julga e qualifica os costumes, as crenças e a linguagem de outras culturas de acordo com uma cosmovisão considerada desejável (sendo que esta é sempre e a própria). As diferenças entre um e

³ Ver <https://conceito.de/etnocentrismo>

outro grupo constituem a identidade cultural. Nesse sentido buscaremos delinear este grupo étnico.

Pesquisadores da etnicidade também consideram as características genéticas como sendo étnicas. A idéia não é consenso, mas é principalmente entendida enquanto parte da construção social do indivíduo. Para o cigano Nicolas Ramanush⁴, presidente da embaixada cigana no Brasil, etnicidade é um conjunto de características comuns a um grupo de pessoas, que as diferenciam de outro grupo. Normalmente essas características incluem a língua, a cultura e também a noção de uma origem comum. Ainda o autor diz que:

Na verdade, a etnicidade é um atributo que todos os membros de uma população possuem, e não apenas determinados segmentos desta, entretanto, a etnicidade está, com maior frequência, associada a grupos minoritários⁵ dentro de uma população (Ramanush, 2011).

2.3. Etnia Cigana

A etnia cigana, se originou na Índia e que a partir do século XII um movimento de migração dos ciganos os levou para a Europa, se instalando em Portugal a partir da segunda metade do século XV. No presente estudo, que envolve a população cigana, evidencia uma pluralidade de identidades étnicas, existem vários clãs ciganos: o Calon (da Península Ibérica); o Hoharano (da Turquia); o Matchuaiya (da Iugoslávia); o Moldovan (da Rússia) e o Kalderash (da Romênia). Tais grupos não são homogêneos e abrangem outras diversidades étnicas, assim como de clã, nacionalidade, religião, ideologia e etc.

Enquanto etnia, a população cigana tem sua origem segundo fontes de pesquisa ao norte da Índia, depois se espalharam pela Rússia, Alemanha, Inglaterra, Itália, França e Espanha, pelas matas desertas de Andaluzia, Córdoba, o Monte Sacro, Sevilha e Madri (Rodrigues, 2014). Embora não se sabe ao certo a gênese

⁴ Ver www.embaixadacigana.org.br

⁵ A expressão “grupos minoritários” é usada aqui, não em caráter numérico e sim a posição subordinada do grupo dentro da sociedade, pois o termo minoria expressa sua situação de desamparo.

desse povo e poucos conhecem a origem e história por serem uma população ágrafa⁶. Povo de hábitos nômades, sentenciados pela necessidade, que segundo fontes e pesquisas, chegaram à Europa a partir do século XIV vindos do norte da Índia entre o período de 1300 e 1400.

Diversos são os conceitos sobre o significado da palavra cigano (a) e suas generalizações. No dicionário de Aurélio (2017) o significado de cigano é de ou indivíduo pertencente aos ciganos, povo nômade, de origem asiática, que se espalhou pelo mundo; que ou aquele leva vida errante; que ou aquele tem arte e graça para captar as vontades; que ou quem age com astúcia para enganar ou burlar alguém; que ou aquele é excessivamente agarrado ao dinheiro; o mesmo que romani.

No Dicionário (Michaelis, 1950) diz-se de um povo nômade, originário do noroeste da Índia, que emigrou para a Europa central e que, atualmente, encontra-se presente com sua cultura e costumes em vários países do Ocidente. Dedicase ao comércio de cavalos, música, prática das artes divinatórias, artesanato, venda de miudezas etc.; calom, zíngaro. Que ou aquele que tem grande habilidade para o comércio. Diz-se de ou mercador ambulante, que oferece miudezas em domicílios. Que ou aquele que leva vida itinerante e/ou de boêmio. Nos Dicionários observa-se que o Aurélio conceituou a palavra cigano de maneira preconceituosa e discriminatória enquanto o Michaelis apenas generalizou o significado.

O autor (Moraes Filho, 1885) pioneiro da ciganologia brasileira aponta as definições de alguns autores do significado da palavra cigano: Joaquim José Caetano Ferreira, no seu esboço de um dicionário jurídico, diz o seguinte, em começo de artigo: “Ciganos – Raça de gente vagabunda, o nome cigano vem do Italiano Zingari, uma geração oriunda do Egypto, que, depois que este país foi conquistado pelo sultão Selim em 1517, apareceu na Alemanha e se espalhou depois por toda a Europa”. “Os franceses os chamam de Bohemiens, por se lhe haverem unido, no tempo da guerra dos Hussitas, uns fugitivos da Bohemia”.

⁶ Agrafa - Que não tem representação escrita; que não está escrito nem pode ser representado por meio da escrita. Que não possui sinais gráficos. Que não tem uma forma escrita; sem registro escrito: cultura ágrafa. <https://www.dicio.com.br/agrafo-2/>.

O lexicógrafo Antonio de Moraes e Silva, (1789) assim os define: “Ciganos – Raça de gente vagabunda, que diz vem do Egito, e pretende conhecer o futuro pelas raias ou linhas da mão; deste embuste vive...”. Moraes Filho na sua obra cita então que Constâncio diverge, supondo que cigano é uma variante de Zanguí, nome de uma província entre Etiópia e Egito, onde viveram por muito tempo, depois de expulsos da Índia, sua pátria. O autor Dahi diz que os ingleses denominam ciganos de Gipsies, isto é, quase egípcios. O mesmo autor continuando as suas considerações, insiste: “São uma casta indiana, expulsa de sua pátria e que se acolheu à Pérsia, depois ao Egito, donde se espalharam pela Europa, há alguns séculos”.

O escritor (Raphael Bluteau, 1712) cuja erudição e critério fazem peso nas letras de Portugal, no seu artigo consagrado a questão, apresenta algumas idéias originais e dignas de reparo. Destaca-se o que de mais curioso se encontra no eminente escritor: “Ciganos – Nome que o vulgo dá a uns homens vagabundos e embusteiros, que se fingem naturais do Egito e obrigados a peregrinar pelo mundo, sem assento nem domicilio permanente, como descendentes dos que não quiseram agasalhar o Divino Infante quando a Virgem Santíssima e São José peregrinavam com ele pelo Egito”.

A relatora especial das Nações Unidas sobre questões das minorias, (Rita Izsák, 2009), pediu uma maior atenção nacional e internacional para a situação das comunidades ciganas em todo o mundo, que são frequentemente marginalizadas econômica, política e socialmente, e experimentam formas de graves de discriminação. Assim falou a relatora “ *Embora as razões para a marginalização dos ciganos sejam complexas, um fator primordial é a discriminação social e estrutural profundamente enraizadas enfrentadas pelos ciganos em todo o mundo, incluindo anticiganismo*”.

Durante a apresentação do seu mais recente relatório ao Conselho de Direitos Humanos da ONU, (Rita Izsák,2009) cobrou que “os Estados-membros coloquem os direitos dos ciganos no centro de todas as estratégias e políticas relacionadas com

os direitos humanos e das minorias, a inclusão e o desenvolvimento social, com metas explícitas para as comunidades”, adotando outro padrão fora do modelo da “pobreza”. Ainda ressaltou “Continuo profundamente alarmada com a falta de representação dos ciganos em organizações de tomada de decisão local, nacional e internacional, especialmente dentro das instituições estabelecidas para proteger e promover seus direitos”.

Para a especialista em Direitos Humanos Rita Izsák, essas estratégias devem contemplar a proteção e promoção de identidade, linguagem e cultura cigana, bem como garantias a sua dignidade igualdade e participação política efetiva. Advertiu que muitos dos atuais programas destinados a auxiliar a comunidade cigana tendem a se concentrar no curto prazo, relativos a questões de projetos específicos que não conseguem adotar uma abordagem integrada que alcance a desvantagem dos ciganos em muitos níveis.

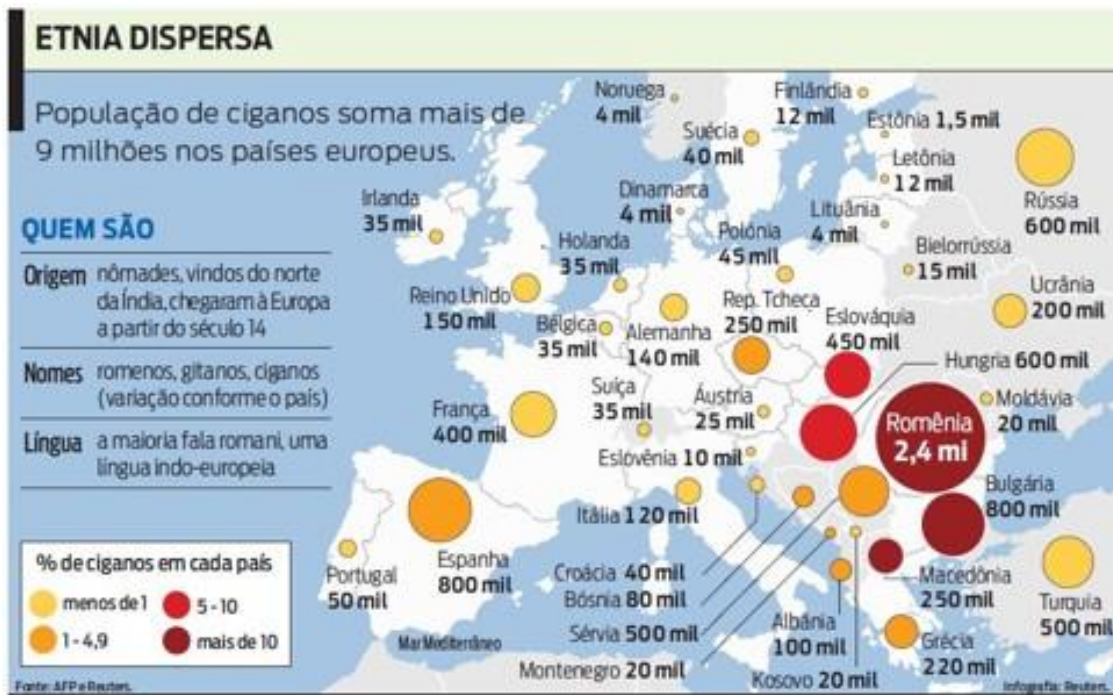
2.4 Ciganos na Europa

2.4.1 Origem e caracterização

Tal compreensão exige uma breve retomada histórica da origem e dispersão da etnia cigana na Europa, como se apresenta a seguir. A trajetória dos ciganos na Europa é bem movimentada e está longe de ser determinada, uma vez que, novas pesquisas e descobertas nem sempre são bem aceitas, e é bem possível que tenhamos de reescrever a história dessa etnia no continente europeu em alguns momentos. O que se entende por ciganos? Segundo o Conselho da Europa⁷, o termo “cigano” refere-se aos Roma, Sinti, Kalé, e grupos relacionados na Europa, incluindo os viajantes e grupos orientais (dom e lom), e abrange uma vasta diversidade de grupos, incluindo as pessoas que se identificam como ciganos. Embora a identidade étnica e cultural destes grupos não seja homogênea, por razões práticas, o termo “cigano” é utilizado para se referir a todos eles.

⁷ Conselho da Europa (glossário descritivo de termos relativos a questões relacionadas com os ciganos), 2012.

Figura 1 - Dispersão cigana na Europa



Fonte: UE

Os principais Clãs ou Grupos os Moldávio originaram-se em terras da Rússia e a denominação Moldávia vem da palavra Moldávia, república da Europa Central, que chegou a fazer parte do Império Russo e da antiga URSS. Os Kalderash originários da Romênia e da antiga Iugoslávia recebem esse nome por causa de sua ocupação predominante, caldeireiros, consertam painéis, caldeirões e fabricam tachos de cobre. Os Matchuaya surgiram na Romênia e na antiga Iugoslávia e vieram para o Brasil no fim do século XVIII. Os Boyashas são os ciganos circenses (artistas de circo) e acrobatas. Os Kalon ou Kalé, primeiro grupo cigano a chegar ao Brasil, originaram-se da Península Ibérica e vieram especialmente da Espanha e Portugal, degradados, perseguidos por estes países serem católicos e conservadores não admitindo os costumes tradicionais ciganos.

Não há consonância, quando se fala das primeiras migrações dos ciganos à Europa, é o que nos aponta a escritora Cristina da Costa Pereira (2009, p.27), grande conhecedora da cultura cigana, quando diz que os ciganos chegaram e se espalharam por toda à Europa nos séculos XIV e XV, dividindo-se em grupos, com

suas diversidades culturais, uma marca do que se convencionou chamar de “ a história dos ciganos”. A autora relata que não há um período exato que data a chegada dos ciganos ao continente europeu. Daí a dificuldade em a cronologia do tempo estabelecer uma data dessas migrações à Europa, portanto, a história está em movimento com novos estudos e pesquisas.

E na cronologia do tempo (ver Anexo 1) retornemos ao século XV, quando os ciganos já haviam se espalhado por todos os países da Europa e era tempos de inquisição, os reinos da Península Ibérica, Portugal e Espanha, católicos e defensores da moral cristã pregavam o combate a toda e qualquer crença que fosse de encontro a religião cristã. A Igreja Católica, historicamente documentada, foi a primeira a gerar estereótipos a respeito de nossa gente. Pois, no Concílio de Tarracón, de 1591, a Igreja pediu aos poderes públicos que castigassem os ciganos...” pois são uns embusteiros, ladrões, vigaristas e viciosos” Ramanush (2011).

Nessa época, os ciganos foram perseguidos pela Inquisição, o tribunal da Igreja Católica que julgava crimes contra a fé. Como conviviam tanto com mouros quanto com cristãos, os ciganos oscilavam do paganismo ao cristianismo, o que bastava para serem acusados de heresia. O pior é que os preconceitos em relação à religiosidade, à cultura e ao modo de vida nômade desse povo não ficaram restritos à Idade Média. No final do século XVI, nos Bálcãs os ciganos foram recenseados e pagavam impostos, mas também foram escravizados nos principados da Valáquia e da Moldávia e assim permaneceram a vida toda.

Século XVII e na Europa foram elaboradas muitas leis contra a presença e expulsão dos ciganos. Em 1783, Carlos II na Sansão Pragmática diz que: “ Eu declaro que aqueles que são chamados de ciganos não o são nem por origem nem por natureza” Ramanush (2011). Ainda segundo o cigano Ramanush com o Iluminismo no século XVIII a história começa a aceitar a legítima identidade Romani. Porém, registrou-se neste período o estabelecimento de uma imagem cigana (estereotipada), que permanece até hoje, por desconhecerem a verdadeira identidade e situação a nível mundial.

E foi no século XIX que os ciganos viveram os tempos do horror nazista, desde 1933, a imprensa nazista começou a evendiciar que os ciganos e judeus eram raça estrangeira, inferior, e que teriam “contaminado” a Europa como um corpo estranho. As autoridades nazistas com o apoio da generalizada antipatia contra os ciganos, puderam facilmente percorrer a via do extermínio desse povo, associando sempre nos discursos e escritos o binômio judeus e ciganos.⁸ Mas foi precisamente no mês de novembro de 1941, quando ecoou na Europa o slogan: “depois dos judeus, os ciganos! ”.

Em 24 de dezembro de 1941, que uma ordem reservada a todas as SS, afirmava que os ciganos eram duplamente perigosos, tanto pelas doenças de que são portadores como pela sua deficiência mental. A ordem concluía que os ciganos deveriam ser tratados com o mesmo rigor aplicado aos judeus. Em um boletim policial, datado de 25 de agosto de 1942, lê-se, entre outras coisas relativas aos ciganos, que “é, pois, indispensável exterminar um bando integralmente, sem hesitar”.

Em 1945, multiplicaram-se os testemunhos vividos pelos ciganos sobre o domínio do regime nazista: massacres coletivos, mortes individuais, tortura de todo de todo o tipo, experimentos químicos e médicos dos mais cruéis. E todas essas crueldades ocorriam nos diversos campos de concentração: Auschwitz, Birkenau, Mauthausen, Rabensbruch, Buchenwald, Chelmo, Lódz, Dachau, Lackenbach e Sachsenhausen. As populações ciganas viveram o “porajmos” que significa “devorar”, termo cunhado pelo povo cigano Rom para descrever as atrocidades cometidas na segunda guerra mundial. No texto o holocausto cigano⁹ transcrito na íntegra no Anexo 2 deste estudo os autores Myriam Novitch relatam o extermínio vividos pelos ciganos.

Para o campo de concentração Auschwitz em 1943, ao sul da Polônia, foram enviados ciganos de toda a parte, até soldados alemães em licença da frente militar, alguns deles condecorados por bravura em combate, cujo único delito era terem “

⁸ Myriam Novitch - os ciganos e o terror nazista.

⁹ Texto retirado de <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/holocausto-cigano>

sangue cigano” nas veias. Não se sabe ao certo quantos ciganos morreram no Holocausto, mais historiadores estimam que 50% dos ciganos que viviam na Europa foram mortos pelos alemães. A esse respeito, o cigano Nicolas Ramanush (2011) refere que ao término desse horror vivido pelos ciganos europeus não houveram reparações às atrocidades cometidas pelos nazistas e, ao contrário, quase todos os países europeus continuaram a produzir legislação anticigana.

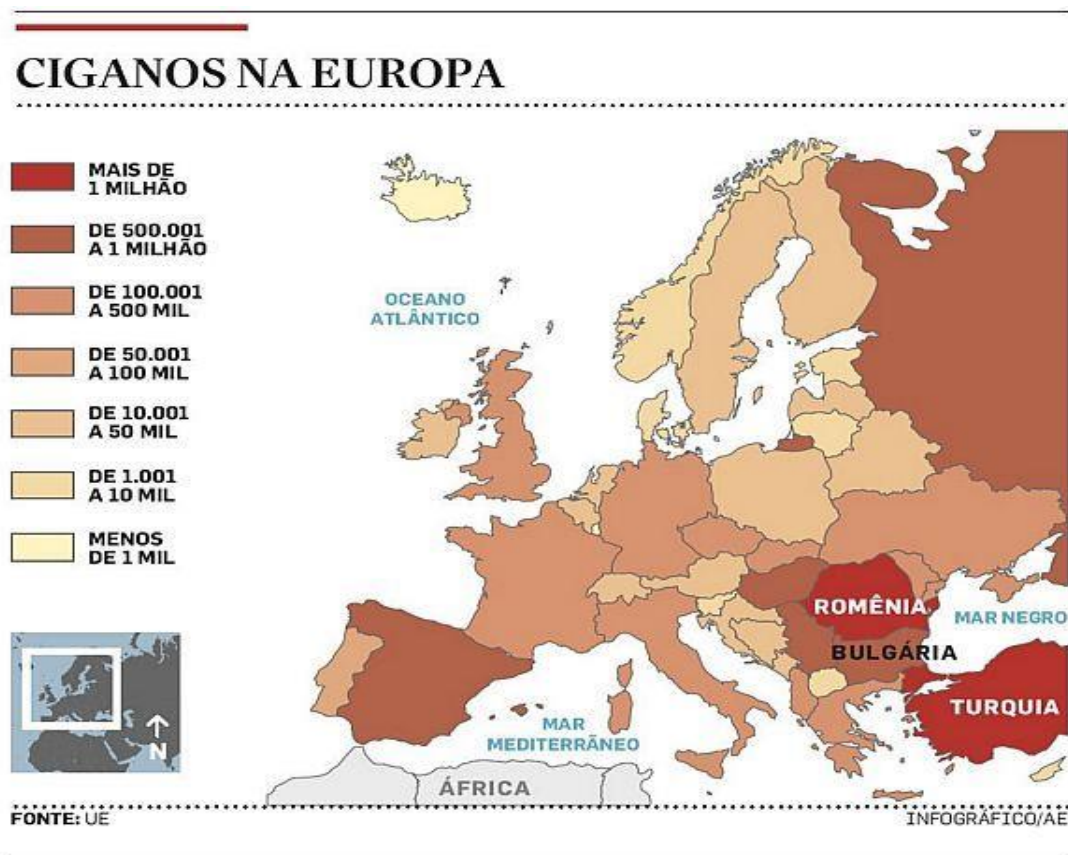
É neste cenário de anticiganismo que acontece a segunda onda migratória de ciganos para a Europa Ocidental, fugindo da miséria em que viviam a população rural e urbana, isto aconteceu no final do século XIX e início do século XX. A chegada de milhares de ciganos vindos do leste europeu ocasionou mudanças em alguns países de suas políticas ciganas. A terceira onda migratória aconteceu com o fim dos regimes comunistas na Europa do Leste, a partir de 1989, quando milhões de ciganos se refugiaram na Europa Ocidental ou nas Américas, ocasionando o crescimento do anticiganismo. Depois da queda do regime comunista, muitos ciganos preferiram trabalhar no estrangeiro e os destinos preferidos foram: Holanda, Reino Unido, França, Bélgica, Grécia, Espanha e Portugal. Ramanush (2011).

Consultando a literatura sobre o tema a pesquisadora encontrou no Relatório Especial do Tribunal de Contas da União Europeia¹⁰ (2016), a população cigana atual que é a minoria étnica mais numerosa da Europa. Os pressupostos sobre a proporção da comunidade diferenciam muito, entre dez e doze milhões de ciganos. Destes, cerca de seis milhões e duzentos mil residem na União Europeia, na sua maioria em Estados – Membros da Europa Central e Oriental, e que a maioria vive hoje um estilo de vida sedentário.

A figura 2, apresenta a concentração dos ciganos na União Europeia, e o quadro 1 o número estimado de ciganos nos Estados – Membros da União Europeia.

¹⁰ Iniciativas Políticas e Apoio Financeiro da União Europeia – EU para a integração dos ciganos (2016).

A figura 2. Concentração dos ciganos na União Europeia – EU.



No Relatório do Tribunal de Contas Europeu (2016) diz que cerca de quatro quintos da população cigana estimada da União Europeia vivem nos oito estados-membros enumerados no quadro 1.

Quadro 1. Estados-Membros Europeus com o número estimado de ciganos

Estado-Membro	Dimensão média estimada da população cigana		Estimativa mínima	Estimativa máxima
	Número/ pessoas	Porcentagem da população		
Roménia	1 850 000	8,6%	1 200 000	2 500 000
Bulgária	750 000	9,9%	700 000	800 000
Hungria	750 000	7,5%	500 000	1 000 000
Espanha	750 000	1,6%	500 000	1 000 000
Eslováquia	490 000	9,0%	380 000	600 000
França	400 000	0,6%	300 000	500 000
República Checa	200 000	1,9%	150 000	250 000
Grécia	175 000	1,5%	50 000	300 000
Total	5 365 000	3,0%	3 780 000	6 950 000
Total na UE	6 197 100	1,2%	4 368 700	8 025 500

Fonte: Conselho da Europa, (Estimativas e números oficiais dos ciganos na Europa), 2012.

De acordo com o quadro 1 de estimativa de ciganos nos Estados-membros da UE, os que apresentam maior concentração da população cigana é a Bulgária, Eslováquia, Roménia e Hungria), vale ressaltar que o relatório aponta que os ciganos representam entre 15% e 20% das crianças em idade escolar e das pessoas que estão no mercado de trabalho. Então, a União Europeia para promover a inclusão social e a integração dos ciganos estabelece em seus tratados a principal base jurídica que é o artigo 2º do Tratado da União Europeia (TUE, 2016) que diz:

A União funda-se nos valores do respeito pela dignidade humana, da liberdade, da democracia, da igualdade, do Estado de direito e do respeito pelos direitos do homem, incluindo os direitos das pessoas pertencentes a minorias. Estes valores são comuns aos Estados-membros, numa sociedade caracterizada pelo pluralismo, a não discriminação, a tolerância, a justiça, a solidariedade e a igualdade entre homens e mulheres.

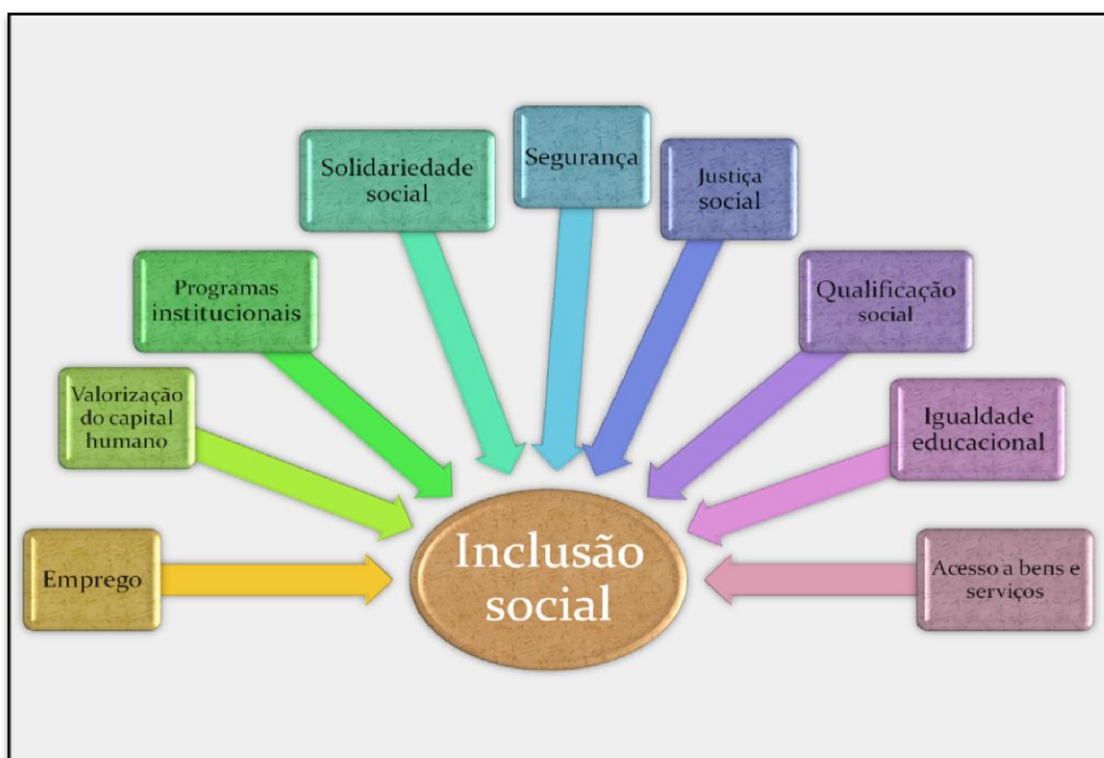
Neste contexto, este tratado objetiva efetivar atitudes que excluam a discriminação. E as ações devem estabelecer as condições de aquisição de serviços de qualidade, abrangendo a educação, a habitação, o mercado de trabalho e a saúde.

Essas políticas da União Europeia para promover a inclusão dos ciganos são atuais e ocorrem do plano “Europa 2020”, acordado em 2010 e que visa assegurar um crescimento inteligente, sustentável e incluso na Europa. Dentro dessas políticas a meta da educação consiste em diminuir a taxa de abandono escolar precoce para menos 10% e conseguir que pelo menos 40% da população com idade entre 30 e 34 anos completem estudos superiores. (Europa 2020). Com relação ao tema emprego a meta consiste em que 75% dos ciganos com idade entre vinte e sessenta e quatro anos tenham emprego. Neste plano a luta contra a pobreza e a exclusão social visa retirar pelo menos vinte milhões de pessoas da situação de risco social.

Necessário se faz, compreender a utilização indistinta dos termos “ integração” e “inclusão” utilizados pela União Europeia para se referir as medidas destinadas a melhorar as condições de vida e a situação dos direitos humanos das populações ciganas que vivem nos Estados-Membros da União Europeia. O termo “integração” é

utilizado mais frequentemente no contexto de iniciativas destinadas a proteger os direitos e os valores fundamentais dos ciganos, conforme artigo 2º do TUE, já citado anteriormente neste estudo. O termo “inclusão é utilizado mais no contexto de iniciativas socioeconômicas, visado nas estratégias “Europa 2020”, para alcançar um crescimento inteligente, inclusivo sustentável.

Figura 3. Elementos de Inclusão Social



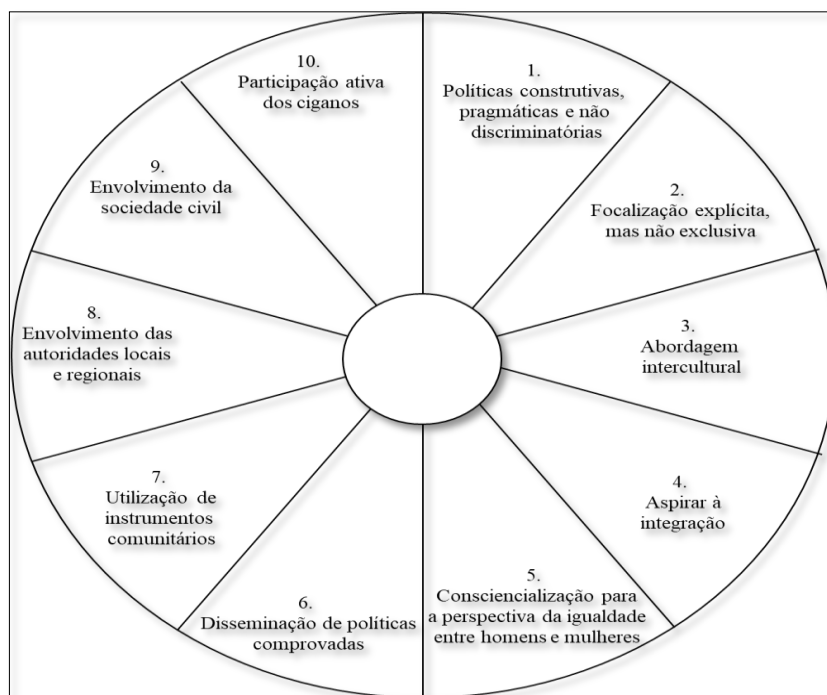
Fonte: Grupo de Pesquisa Formação Docente/Inclusão/Exclusão e Diversidade

A figura 3 apresenta os elementos da Inclusão Social: processo que visa amenizar a exclusão social, caracterizado pela busca da redução da desigualdade, procurando uma estabilidade social através da cidadania, ou seja, todos os cidadãos têm os mesmos direitos na sociedade.

A sociedade atual defende os princípios básicos de que são todos iguais e que deve prevalecer o respeito aos direitos civis e políticos. Mas a realidade é outra e as pesquisas mostram que os ciganos da União Europeia não têm esses direitos garantidos. Embora, tenha criado em setembro de 2008 um programa para a inclusão dos ciganos, objetivando estabelecer diretrizes para resolver a questão

cigana na Europa. E para tanto foi estabelecido dez Princípios Básicos Comuns para orientar as instituições comunitárias e Estados-membros, conforme figura da roda que é um símbolo cigano.

Figura 4. Dez princípios básicos comuns (PBC) para a inclusão dos ciganos na Europa



Fonte: Tribunal de Contas Europeu – TCE/2016

Com relação aos princípios básicos apontados no quadro acima o TCE em seu relatório Especial (2016, p.23) constatou que houve progressos em termos de estratégias existentes a nível da União Europeia e dos Estados-Membros, mas a maior parte das melhorias ocorreu demasiado tarde para ter impacto no período da programação de 2017-2013. Esses princípios básicos comuns (PBC) para a inclusão dos ciganos foram debatidos na primeira reunião da Plataforma Integrada Europeia, realizada em praga, em 2009. Depois em outra reunião realizada em 8 de junho de 2009, foram incluídos anexos às conclusões de uma reunião do conselho Emprego, Política Social e Consumidores.

De acordo com o Relatório do TCE (2016, p.74) que apresenta os princípios básicos comuns para a inclusão dos ciganos representados na figura da roda, que

retrata a bandeira cigana, passamos a seguir a discriminar o significado de cada item. No primeiro princípio que trata das políticas construtivas, pragmáticas e não discriminatórias, que visam promover a inclusão da população cigana devem respeitar e concretizar os valores essenciais da União Europeia, que incluem os direitos humanos e a dignidade, a não discriminação e a igualdade de oportunidades, assim como o desenvolvimento econômico. Essas políticas devem fazer parte das políticas gerais, que tratam da educação do trabalho, da habitação e segurança.

No segundo princípio temos a focalização explícita, mas não exclusiva que para o povo cigano é fundamental no processo de inclusão como grupo-alvo, sem excluir outras populações em situações socioeconômicas semelhantes. A abordagem intelectual. Para o terceiro princípio a abordagem intelectual é necessária no envolvimento da população cigana e povos de diferentes origens étnicas. Tanto a aprendizagem como as competências interculturais são essenciais para uma comunicação e para as políticas eficazes no combate aos preconceitos e estereótipos.

Observa-se que no quarto princípio, que é aspirar à integração, todas as políticas de integração visam a inserção dos ciganos na normalidade do tecido social (ensino, emprego e habitação). No quinto princípio conscientização para a perspectiva da igualdade entre homens e mulheres. Nas iniciativas de políticas de inclusão dos ciganos devem ter em conta as necessidades e circunstâncias das mulheres ciganas. Devem abordar questões como a discriminação múltipla e os problemas de acesso aos cuidados de saúde e apoio à criança, assim como a violência doméstica e a exploração.

As mulheres ciganas são frequentemente vítimas de discriminação sexual e na origem étnica. No entanto, elas têm um papel importante na promoção da inclusão, promovendo a integração das crianças no sistema educativo. TCE 2016, p.57). Como exemplo, na Espanha os projetos conseguiram chegar às mulheres e o percentual variou em 50% e 70% na inserção no mercado de trabalho. Na Romênia a participação das mulheres num projeto de saúde: multiplicar os efeitos da inclusão

(Roménia, projeto 12). Tendo como objetivo geral aumentar a taxa de emprego entre mulheres da etnia cigana e proporcionar-lhes um melhor acesso ao mercado de trabalho, a fim de evitar a exclusão social e promover a igualdade de oportunidades.

Este projeto permitiu formar cem mulheres ciganas para trabalhar em comunidades ciganas que nunca tinham tido um mediano de saúde. Na avaliação do tribunal de Contas Europeu- TCE, o projeto foi bem-sucedido, na medida que incentivou a inclusão das mulheres de etnia cigana, através de qualificação e emprego.

Na programação para o período 2014-2020 a integração dos ciganos continua a ser um desafio, uma vez que, o êxito de alguns projetados é afetado pela complexidade metodológicas e desempenho na coleta de informações sobre os ciganos. Nas avaliações dos projetos para a inclusão dos ciganos na União Europeia, o Tribunal de contas, em seu Relatório Especial constatou que:

O acompanhamento dos progressos realizados pelos projetos de integração dos ciganos é difícil, sobretudo devido a insuficiência relativas à disponibilidade e a qualidade dos dados sobre os participantes ciganos. A falta de dados exaustivos e sólidos constitui um problema não só relativamente aos projetos, mas também no que diz respeito a nível nacional e da União Europeia (TCE, 2016, p.70).

Os autores do Relatório Especial ressaltam a dificuldade da supervisão dos projetos pela falta de informações e dados sobre os ciganos. No sexto princípio básico comum que é a disseminação de políticas comprovadas. É fundamental que os Estados – Membros da União Europeia tirem ensinamentos de suas próprias experiências no desenvolvimento de iniciativas de inclusão dos ciganos e que partilhem essas experiências com outros Estados-Membros.

No sétimo princípio básico comum que trata da utilização de instrumentos comunitários, versa que os Estados-Membros ao desenvolverem e executarem as suas políticas voltadas para a inclusão dos ciganos utilizem os instrumentos comunitários existentes, incluindo os instrumentos jurídicos, os instrumentos financeiros (Fundo Social Europeu, Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional, Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural, Instrumento de Pré-Adesão) (TCE, 2016, p. 75). O envolvimento das autoridades locais e regionais que é o oitavo

princípio básico comum diz que os Estados-membros devem conceber, desenvolver, implementar e avaliar as iniciativas políticas de inclusão dos ciganos em colaboração com as autoridades regionais e locais.

O nono princípio básico comum para a integração é o envolvimento da sociedade civil. Os Estados-Membros devem conceber, desenvolver, implementar e avaliar as iniciativas políticas de inclusão dos ciganos em colaboração com atores da sociedade civil, como as organizações não governamentais, os parceiros sociais e os docentes universitários/investigadores.

O décimo princípio é a participação ativa dos ciganos que acontece com o envolvimento da população cigana em todas as fases do processo vem reforçar a eficácia das políticas, tanto a nível nacional como europeu, através da contribuição de peritos e funcionários públicos ciganos, bem como através da consulta a interessados da etnia cigana (TCE, 2016, p.76).

A União Europeia reconhece explicitamente que:

Em primeiro lugar, os Estados – Membros devem assegurar-se que os ciganos não são discriminados, mas sim tratados como quaisquer outros cidadãos da EU, com todos os direitos fundamentais, tal como consagrados na Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia (TCE, 2016, p.81).

Concluindo esse Relatório Especial o Tribunal de Contas Europeu constatou que a Comissão Europeia realizou progressos significativos ao definir iniciativas políticas para a promoção da integração dos ciganos, mas que subsistem alguns obstáculos e dilemas, sendo necessário mais esforço da Comissão Europeia como também dos Estados-Membros.

As razões históricas que levaram os ciganos a se espalharem pelo continente europeu, devem-se, essencialmente à sua difícil integração social, eram vistos como malditos ou enviados do demônio. No passado, os ciganos eram frequentemente punidos com a deportação para países ocidentais, particularmente a Portugal e posteriormente a colônia brasileira.

Segundo Elisa Maria da Costa¹¹ as leis e disposições diversas que aplicavam o degredo para África e para o Brasil visavam regular os comportamentos da generalidade das pessoas punidas com tal condenação. Ao que se acrescenta o fato de assim se libertar a Metrópole de gentes indesejáveis, irrecuperáveis, em suma, os desajustados que não cabiam dentro dos parâmetros tidos como normalizadores da vida em comunidade, numa sociedade bastante complexa. Os delitos a merecer castigo eram incontáveis, desde crimes sexuais, a roubos e falsificações, passando por crimes de sangue, jogo ilícito, vagabundagem e um sem número de outras faltas.

2.5. Ciganos Calon no Brasil

2.5.1. Trajetória e evolução

Os primeiros ciganos chegaram ao Brasil na segunda metade do século XVI, expulsos de Portugal e degredados para o Brasil. De origem Calon, vieram da Península Ibérica representando a etnia cigana nas terras brasileiras, até meados do século XIX, quando outros grupos sobretudo os Rom chegaram dos principais países europeus, principalmente do Leste.

Na Cartilha O Povo Cigano o direito em suas mãos¹² diz que Rom é todo e qualquer cigano e calon é um dos clãs que integram o povo cigano e que no Brasil temos sete clãs que são denominados: Kalderash, Moldowaia, Sibiaia, Roraranê, Lovaria, Mathiwa e os Calon, com grande expressão em todo território nacional, oriundos da Espanha e Portugal. O padre (Wallace, 2012) da Pastoral dos Nômades define o espírito cigano, “cigano tem um jeito de viver é todo cidadão e os ciganos falam assim uma coisa interessante “olha nós não queremos nada mais que nosso direito de cidadão brasileiro nós somos uma nação dentro da nação”.

A população cigana considerada como minoria na diversidade racial brasileira, é um tema pouco conhecido e abordado na sociedade atual, principalmente no que

¹¹ Arquipélago História, 2ª série, IX (2005).

¹² Cartilha Povo cigano o direito em suas mãos. Mirian Stanescon Batuli – Rorarni (nome cigano). Brasília 2007.

se refere as políticas públicas voltadas a essa população. Um país chamado Brasil que não é um só são tantos brasis com tanta diversidade que não poderia deixar sua história marcada pela cultura cigana. Os ciganos sempre estiveram presentes no imaginário dos brasileiros nas crenças, nas lendas, nos mitos, nas músicas e nas danças. (Extrato de entrevista, Rádio Senado).

Para Ático Vilas-Boas da Mota citado por Maria Elisa Lopes da Costa no artigo Contributos Ciganos para o Povoamento do Brasil (Séc. XVI – XIX) assim fala (Vilas Boas, 2004):

(...) não se pode compreender a cultura brasileira na sua totalidade sem ter em conta os contributos dos Ciganos para as artes, as letras, a toponímia, o trajar, numa palavra para a vida tradicional do país.

Na história dos ciganos no Brasil (Teixeira, 1999) destaca bem essa chegada dos ciganos ao Brasil, citando que a porta de entrada principal no período colonial foi em Salvador na Bahia, no século XVIII e XIX, o Rio de Janeiro também recebeu comunidades ciganas da Europa. O autor conta que o suposto pioneiro cigano Calon a chegar no Brasil, foi por volta de 1574, quando João de Torres, cigano português é degredado para a América portuguesa, e posterior ao Brasil. A partir desse movimento de migração a coroa portuguesa continua enviando ciganos para o Brasil até o período da independência.

A pesquisadora portuguesa Elisa Maria Lopes da Costa achou um documento de 1562, que comprova que o primeiro cigano Calon que veio para o Brasil foi João Giciano, com a mulher e quatorze filhos. Portugal não obteve êxito na inclusão dos ciganos a sociedade portuguesa e além disso precisava povoar áreas do sertão nordestino, ocupadas pelos índios. Um decreto de 18 de janeiro de 1677 impôs o degredo de ciganos para a Bahia, ou para capitais do Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro, entre outras.¹³

¹³ Gaspar, Lúcia. Ciganos no Brasil. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisadoescolar>. Acesso em: 1 ago.2018

A dissertação de mestrado “Sou cigano sim” – Identidade e representação: uma etnografia sobre os ciganos na região metropolitana do Recife/PE, apresentada por Erisvelton Sávio Silva de Melo, em 2008, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, apresenta o texto que trata sobre o degredo do cigano Calon João de Torres para o Brasil.

Não se sabe a quantidade de ciganos Calon banidos para o Brasil, estima-se que considerável número de famílias ciganas foram degredadas, marcadas por leis de controle, aprisionamento, e a proibição de aspectos culturais como língua, vestuário, sociabilidade, economia, formas de habitação e mobilidade espacial dos ciganos¹⁴. A coroa portuguesa espalhou ciganos por todo o Brasil, especialmente na região nordeste para que ajudassem a ocupar extensas áreas do sertão nordestino (Teixeira 1988), sendo que atualmente registra-se a presença de ciganos Calons em todos os estados do Brasil

Em terras brasileiras era preciso trabalhar para comer os homens trataram de exercer as atividades que era o comércio. (Teixeira,1999) explica essa profissão que os ciganos sempre fizeram muito bem “ se você me perguntasse qual que é a grande atividade dos ciganos ao longo da história eu diria que é o comércio. Em todo período colonial os ciganos eram bons comerciantes negociando todo tipo de produto com destaque para o comércio de cavalos e bestas de carga”. As mulheres iam a rua oferecer a “buena dicha”, quer dizer ler a sorte nas mãos das pessoas e botar baralho para quem quisesse saber do futuro.

Andando pelas estradas e acampando nas cercanias das cidades os ciganos passaram a fazer parte do dia a dia da sociedade brasileira, mesmo de forma restrita, pois eram estigmatizados, excluídos dos convívios com os moradores das cidades por onde passavam ou fixavam moradia. Eram perseguidos acusados de roubos chamados de vadios e quase sempre acusados de delitos. Eles não podiam render-se a marginalização e começaram a ter algumas habilidades como caldeireiros, ferreiros, ourives e artesãos estando presentes em todos os ciclos econômicos que passou o Brasil ao longo dos anos como aponta a prof.^a Cristina da

¹⁴ Miriam Alves de Sousa. www.mostracaravanacigana.com.br acessado em 17 de outubro de 2016.

Costa Pereira que cita “ eles viveram todos os ciclos que você pode imaginar. Por exemplo, onde tem o ciclo do ouro, o ciclo do café, o ciclo dos próprios escravos os ciganos estavam lá, comerciando, eles são comerciantes por excelência.”¹⁵

No século XIX, os ciganos chegaram a corte de D. João VI, participando de festas, como da comemoração do casamento da filha de D. João, Dona Maria Tereza no ano de 1810. Participaram dos festejos da elevação do Brasil a Reino Unido em 1815, como também dos preparativos para o casamento do príncipe D. Pedro em 1818, os ciganos foram convidados a apresentarem suas danças e músicas.

A sociedade brasileira não via com bons olhos as atividades ciganas, apesar de que não poderiam deixar de realizá-las e mais uma vez os ciganos são estigmatizados e levam consigo o peso da discriminação. Cristina da Costa Pereira lembra que até hoje a antiga profissão de “meirinho” o temido oficial de justiça é associado aos ciganos que no século XIX já exerciam o ofício.

Mas mesmo com tantas adversidades os ciganos brasileiros continuam na estrada ou comunidades fixadas nas periferias das cidades lutando para manter sua tradição e ter voz e visibilidade. A invisibilidade é expressa na falta de dados atualizados sobre as comunidades ciganas no Brasil. O último levantamento foi feito em 2014 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Naquele ano, o instituto registrou a existência de acampamentos ciganos em 22 estados brasileiros. Algumas estimativas apontam que vivem no Brasil de 600 a 800 mil ciganos, mas as comunidades acreditam que o número é muito maior.¹⁶

A figura 5 retrata os municípios com acampamentos ou bairros ciganos no Brasil.

¹⁵ Vídeo: Brasil Terra de fulanos, beltranos e ciganos. Produzido pela Rádio Senado, de Brasília. Acesso em 25/11/2016.

¹⁶ <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/30/interna-brasil,684988/ciganos-pedem-respeito-e-inclusao-em-politicas-publicas.shtml>

Figura 5. Municípios brasileiros com ciganos



Fonte: Brasil Cigano – Guia de políticas públicas para os povos ciganos (2003).

2.5.2 Aspectos políticos e culturais

No Brasil, não existe nenhuma legislação especificamente cigana. Os marcos legais abrangem toda e qualquer legislação, como leis, decretos, portarias, instrução normativa, medida provisória, etc. de uma determinada decisão política, econômica, cultural, educacional, dentre outros setores da vida do país.

Rodrigues et al (2014, p. 127) fala que os ciganos, hoje pouco protegidos por uma legislação ainda frágil no sentido de sua execução, são reconhecidos como integrantes do povo brasileiro, mas reconhecê-los como cidadãos parece ainda estar muito longe de ser conseguido, apesar de serem contempladas suas garantias sociais e culturais, em documentos como: a Carta de Direitos dos Ciganos em 2000; Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais de 1999; Documentos de Direitos Presenciais de 2000 e o Estatuto da Igualdade Racial de 2003.

Neste contexto, o cigano Calon de Goiás, Wanderley da Rocha participando da I Semana Nacional dos Povos Ciganos, em 2013, na cidade de Brasília/DF/Brasil, assim falou:

Em pleno século XXI nós não somos reconhecidos pelas autoridades do Brasil. Isso é injustiça! E nós estamos com voz hoje para dizer às autoridades aqui presentes, como também para todos os ciganos aqui presentes, que nós também somos cidadãos, somos contribuintes, somos eleitores (Brasil Cigano, 2013 p. 13.).

O Brasil Cigano¹⁷ - I Semana Nacional dos Povos aconteceu no período de 20 a 24 de maio de 2013, em Brasília, capital do Brasil, no esforço do Governo Federal para promover políticas públicas voltadas para a garantia da igualdade étnico-racial no país e para o combate à discriminação. Esse evento teve como objetivo fortalecer a organização e participação dos Povos Ciganos nas discussões sobre políticas públicas, valorizar e dar visibilidade à sua cultura em sua diversidade e ampliar a interlocução das lideranças tradicionais ciganas com o Estado brasileiro. Na Constituição Federal Brasileira de 1988 existem alguns artigos que por extensão, dizem respeito também às minorias cigana.

¹⁷ Coordenado pela Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, o Brasil Cigano foi fruto de um amplo leque de parcerias envolvendo órgãos do Governo Federal – como a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, o Ministério da Cultura, o Ministério de Desenvolvimento social e Combate à Fome, o Ministério da Saúde, o Ministério da Educação, o Ministério do Meio Ambiente e o Ministério da Defesa; do Governo do Distrito Federal – como a Administração de Brasília, a Secretaria de Desenvolvimento da Região Metropolitana, a Secretaria de Desenvolvimento Social e Transferência de Renda, a Secretaria de Governo, a Secretaria de Cultura e a Secretaria Especial de Igualdade Racial, a Secretaria da Mulher, a Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania, a Secretaria de Saúde e a Secretaria de Segurança Pública; e de entidades da sociedade civil organizada – como a AMSK/Brasil – Associação Internacional Maylê Sara Kali, a AICROM – Brasil/GO – Associação Internacional da Cultura Romani, a ANEC/GO – associação Nacional das Etnias Ciganas, a APRECI/PR – Associação de Preservação da Cultura Cigana, a CEDRO/SP – Centro de Estudos e Discussão Romani, e o Grupo Leshjae Kumpanja/AL.

Quadro 2. Direitos Constitucionais e direitos das minorias

<p>“Art.3º. Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:</p> <p>I – Construir uma sociedade livre, justa e solidária;promover o bem de todos, sempreconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”.</p>
<p>“Art.5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País inviolabilidade do direito à vida, à liberadde, à igualdade, à segurança e à prosperidade.</p> <p>XV – é livre a locomoção no terrirório nacional em tempo de paz, podendo qualquer qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens”.</p> <p>XLII – a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei”.</p>
<p>“Art.215º. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso à fontes da cultura nacional, apoiará e incentivará a valorização e a difusão das maniefstações culturais.</p> <p>§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório brasileiro”.</p>
<p>“Artº 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos participantes do processo civilizatório brasileiro”.</p> <p>I - as formas de expressão;</p> <p>II - os modos de criar, fazer e viver;</p> <p>III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas.</p> <p>§ 3º - A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais”.</p>

Fonte: Núcleo de Estudos Ciganos www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos

Neste cenário em que a Constituição Federal garante aos ciganos nascidos no Brasil os mesmos direitos dos outros cidadãos brasileiros.E através da Lei Complementar 75, de 20 de maio de 1993 a população cigana foi incluída na classificação de minoria étnica sob a tutela do Ministério Público Federal.Torna-se importante ressaltar alguns marcos legais recentes que garantem direitos aos Povos Ciganos. (Brasil Cigano, 2014).

Quadro 3. Marcos Legais recentes que garantem direitos aos ciganos

<p>Decreto da Presidência da República de 25 de maio de 2006. Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano.</p>
<p>Decreto nº 6.040 de 07 de fevereiro de 2007 que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais;</p>
<p>Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009, do Ministério da Saúde, que dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde, e que afirma, no parágrafo único, do Art. 4º, o princípio da não discriminação na rede de serviços de saúde;</p>
<p>Portaria nº 940, de 28 de abril de 2011, do Ministério da Saúde, que regulamenta o sistema do Cartão Nacional de Saúde, e que afirma a não obrigatoriedade do fornecimento do endereço de domicílio permanente no caso de população cigana nômade que queira se cadastrar;</p>
<p>Parecer CNE/CEB nº 14/2011 e Resolução CNE/CEB nº 03/2012, que definem Diretrizes do Conselho Nacional de Educação para o Atendimento em Educação Escolar para a População em Situação de Itinerância;</p>
<p>Inclusão no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (adÚnico), de marcador específico para a identificação de famílias ciganas.</p>
<p>Projeto de Lei do Senado nº 248 de 2015 Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto do Cigano, para garantir à população cigana a igualdade de oportunidades. I – população cigana: o conjunto de pessoas que se autodeclaram ciganas, ou que adotam autodefinição análoga; II – desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica; III – políticas públicas: as ações, iniciativas e programas adotados pelo Estado no cumprimento de suas atribuições institucionais; IV – ações afirmativas: os programas e medidas especiais adotados pelo Estado e pela iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para a promoção da igualdade de oportunidades. Art. 2º É dever do Estado e da sociedade garantir a igualdade de oportunidades, reconhecendo a todo cidadão brasileiro, independente da etnia ou da cor da pele, o direito à participação na comunidade, especialmente nas atividades políticas, econômicas, empresariais, educacionais, culturais e esportivas, defendendo sua dignidade e seus valores religiosos e culturais. Art. 3º A participação da população, em condição de igualdade de oportunidades, na vida econômica, social, política e cultural do País será promovida, prioritariamente, por meio de: I – inclusão nas políticas públicas de desenvolvimento econômico e social; II – adoção de medidas, programas e políticas de ação afirmativa; III – promoção do combate à discriminação. Art. 4º A população cigana, sem distinção de gênero, tem direito à educação básica, conforme disposto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), e a participação nas atividades educacionais, culturais e esportivas adequadas a seus interesses, providas tanto pelo poder público quanto por particulares.</p>

Fonte: Brasil Cigano, 2014

Neste contexto, a população cigana está sendo reconhecida pelo Estado (Governo Federal), no qual foram celebrados os Decretos 6.040/2017 e o Decreto de 25 de maio de 2006, que institui o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano.

No estado da Paraíba, o Governo do Estado em 2011, criou a Gerência Executiva de Equidade Racial, aportada na Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana. Essa Gerência tem como objetivos orientar, apoiar, coordenar, acompanhar e executar políticas públicas para, população negra, comunidades tradicionais: ciganos, indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais de religião de matriz africana e da proteção dos direitos de indivíduos e grupos raciais e étnicos.

Desde a implementação da Gerência Executiva de Equidade Racial – GEER/SEMDH, começou a localizar, mapear e identificar os grupos ciganos, assim iniciou-se várias ações com estes povos. E as principais demandas apresentadas pela população cigana estão voltadas para as áreas de educação, saúde, registro civil, segurança, direitos humanos, transferência de renda e inclusão produtiva.

Quadro 4. Marcos Legais garantem direitos aos ciganos paraibanos

<p>Constituição Federal de 1988 – assevera a educação como direito fundamental de todos. Art. 3º - I, II e IV da LDB, esta escolarização é reforçada com as garantias de igualdade de condições de acesso e permanência na escola, da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, assim como o respeito à liberdade e apreço à tolerância.</p>
<p>Diário Oficial do Estado da Paraíba nº 15.863 de 24 de junho de 2015 Governo do Estado instituiu em 2014, o Centro de Língua Calon em Sousa/PB.</p>
<p>Parecer CNE/CEB nº 14.211, de 7 de dezembro de 2011 preconisa o direito à educação de estudante em situação de itinerância. Este parecer foi consolidado por meio da Resolução CNE/CEB nº 3, de 16 de maio de 2012 Define as diretrizes para o atendimento de ciganos, circenses, filhos de funcionários de parques de diversões, teatro mambembe, sem terra e boias frias, garantindo o acesso e a permanência dessas populações na escola, respeitando e preservando suas particularidades culturais, regionais, religiosas, étnicas e raciais.</p>

Fonte: Projeto de Pesquisa Formação Docente/Inclusão/Exclusão e Diversidade

Nos aspectos culturais dos ciganos Calon que hoje vivem no Brasil deve-se observar que a etnicidade segundo o cigano (Nicolas Ramanush, 2011)¹⁸, engloba as influências obtidas quando de sua passagem pela Turquia, Grécia, Espanha e Portugal. O autor conceitua etnicidade como um conjunto de características comuns a um grupo de pessoas, que as diferenciam de outro grupo. Para Ramanush esse conceito de etnicidade tem um significado puramente social, está mais ligado à cultura do que um conceito de raça. No grupo Calon as maiores características são o estilo de vida, a língua e as relações de parentesco.

No estilo de vida alguns ainda são nômades outros, hoje, estão fixados nas periferias dos centros urbanos os homens trabalham no comércio informal ou exercem outras atividades. As mulheres fazem o serviço doméstico, a leitura de mão, no vestuário elas mantiveram o colorido das saias ciganas. A música que os ciganos Calon consideram como música cigana possui apenas duas variantes: no sul e sudeste, a música sertaneja; e no norte e nordeste, o forró.

A língua sempre utilizada pelos Calons brasileiros, é o português incluído em algumas regiões o dialeto do Romani que eles denominam de “shibi” (que em Romani significa língua. (Nicolas Ramanush, 2011). O autor faz uma ressalva sobre esse repertório chamado de “shib” pelos Calon não constitui homogeneidade linguística e semântica em território nacional. E enfatiza que a grande maioria entre os jovens, atualmente, não conhece esse repertório linguístico.

A família é sagrada para os ciganos, além do núcleo familiar, é extensa, que compreende os parentes com os quais sempre são mantidas relações de convivência no mesmo grupo, comunhão de interesses e de negócios, possuem frequentes contatos, mesmo se as famílias vivem em lugares diferentes. Os ciganos vêem cada família como uma célula mãe, que contribui para formar um grupo. É este profundo sentido de composição familiar que tem preservado vivo e unido o povo cigano ao longo dos séculos, não permitindo inclusive que este sentido se contamine e se degenera com acontecimentos cada vez mais comuns em nossos dias como a separação entre casais, afastamento dos filhos. Este caos familiar não

¹⁸ Cigano Nicolas Ramanush, ver www.embaixadacigana.org.br, acessado em 30/09/2016.

acontece, às custas de esforço e trabalho amoroso e perseverante dos ciganos, para que sempre possa reinar tranquilidade na família (Shepis, 1999).

2.6. Ciganos Calon na Paraíba

2.6.1. Origem e contextos

Ao serem degredados para o Brasil os ciganos Calon foram mandados aos diversos estados brasileiros, principalmente ao Nordeste para povoarem as terras desabitadas. O cigano Figueiredo (2012, p.13) relata que:

.... Por volta do ano de 1910, viviam uma turma de ciganos aproximadamente quinhentas pessoas: esse povo viajava do estado do Ceará ao estado da Paraíba por ser um povo muito católico viviam mais no vale do Cariri, terra do Padre Cícero. Na Paraíba viviam na região do Vale do Rio do Peixe aonde permanecem até hoje.

Na Paraíba, segundo os dados de Rodrigues (2014), em “Diversidade Paraíba”, os Calon estão distribuídos em vinte e três municípios do estado. Destacando-se as cidades de Patos, Pombal, Condado, São José do Rio do Peixe, Itaporanga Santa Luzia, Marizópolis, Mamanguape Itapororoca, Mataraca, Soledade, Santa Rita, João Pessoa, Bayeux, Conde, Aguiar, Uiraúna, Piancó, Santana dos Garrotes, Catingueira, Rio Tinto, Alagoa Grande e Sousa.

Os municípios com maior registro de referência cigana é a cidade de Sousa, há mais de trinta anos que eles se fixaram nesta região, com aproximadamente cento e oitenta famílias, a cidade de Condado com cerca de sessenta famílias, seguido da cidade de Mamanguape. As principais atividades dos ciganos é a propagação da cultura cigana, como a leitura de mãos, a cartomancia (jogo de cartas), música e dança, artesanatos e a valorização da língua Caló.

2.7. Os ciganos Calon de Sousa

2.7.1. Breve histórico

A cidade de Sousa está localizada no interior do Estado da Paraíba na mesorregião do sertão paraibano, distante 438 km a oeste de João Pessoa, capital do estado. Foi fundada em 1766, há duzentos e cinquenta e dois anos, e sua população, estimada pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2016, é de sessenta e nove mil cento e noventa seis habitantes, sendo a sexta mais populosa do estado da Paraíba, a primeira de sua microrregião e a segunda da mesorregião. A figura que se segue é o mapa da Paraíba com a cidade de Sousa representada onde está situada a comunidade cigana Calon.

Figura 6. Mapa da Paraíba com a cidade de Sousa



Fonte: Gavião da Paraíba - <https://joaoesocorro.wordpress.com>

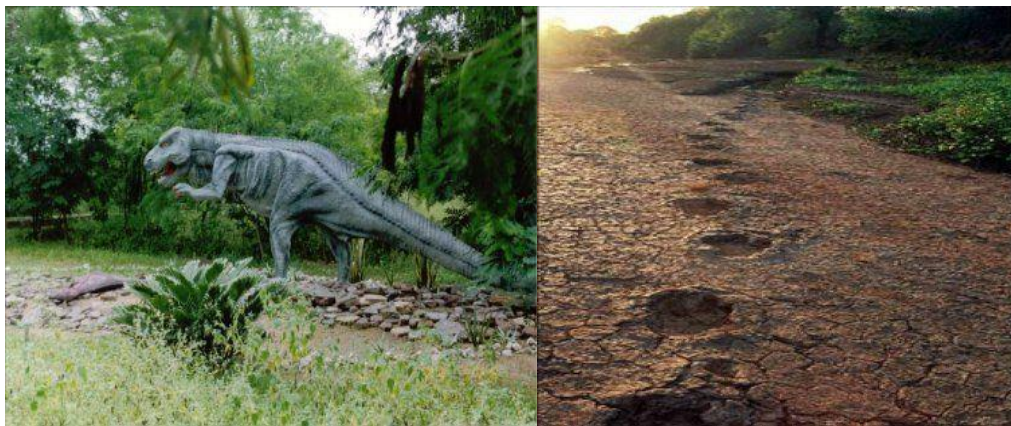
A maioria do território da cidade de Sousa, está localizado em uma bacia de origem tectônica, cujo relevo apresenta-se plano, com algumas serras. A área é formada por terrenos sedimentares, cujo solo é constituído de argilitos, arenitos, calcíferos, ocorrendo solos minerais profundos e argilosos com muito cascalho. Sua vegetação é formada principalmente por fecheiros, peneiros, jurema-preta e xique-

xique¹⁹. É banhada pelos rios Piranhas e Rio do Peixe que, próximo a barragem de Acauã, deságuam no rio Piranhas. Ambos os rios funcionam como principal elemento de macrodrenagem da região.

O clima é megatérmico do tipo tropical úmido e a média térmica anual é de 27°, com temperaturas que variam entre 18° na mínima e 38° na máxima. A região, caracterizada por ser área seca, recebe chuvas com mais frequências nos meses de janeiro e junho e a época mais seca se estende de agosto a setembro. Na indústria, destaca-se a indústria têxtil com mais de cento e sessenta e quatro indústrias. Merece destaque a produção de coco anão verde, Sousa produz a melhor água de coco do Brasil.

A cidade de Sousa, conhecida como a “Cidade Sorriso”, “Cidade dos Dinossauros”, há sinais onde registra-se a maior incidência de pegadas de dinossauros no mundo. Estes vestígios estão presentes em um dos mais importantes sítios paleontológicos existentes chamado o Vale dos Dinossauros.

Figura 7. Vale dos Dinossauros/Sousa/Paraíba/Brasil



Fonte: Secretaria de Meio Ambiente da Paraíba

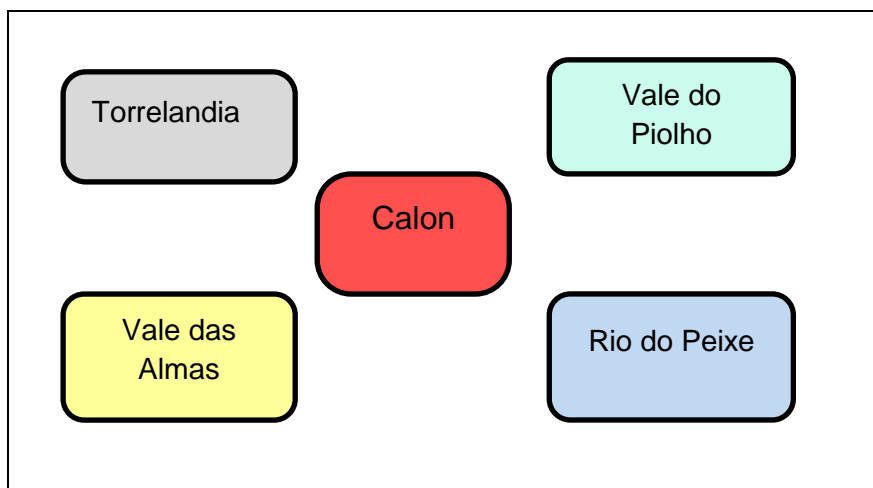
Neste sítio foram encontrados rastros e trilhas fossilizadas de mais de oitenta espécies em cerca de vinte níveis estratigráficos datadas de 120 a 60 milhões de anos, conservadas pela fossilização de arenito e lama petrificada. Essas pegadas variam de cinco até 40 centímetros de diâmetro. O parque é um dos sítios

¹⁹ Plantas cactáceas das regiões áridas do Nordeste, que serve de alimento para o gado durante as secas. Ver <https://www.dicio.com.br>

paleontológicos mais importantes do país e atrai turistas de diversas partes do mundo.

É nesta cidade onde, atualmente encontra-se a maior população cigana do Nordeste do Brasil, em torno de cento e sessenta famílias no total de mil e cem indivíduos entre adultos, idosos e crianças (dados da pesquisadora em 2017), distribuídos em quatro “ranchos” denominados de Torrelandia, Vale do Piolho, Vale das Almas e Rio do Peixe na altura do km 463 da BR-230, a 3 km do centro de Sousa.

Figura 8 Comunidade Cigana de Sousa/PB



Fonte: Grupo de Pesquisa 2016

Os “ranchos” são vizinhos, situados logo atrás da Escola Agrotécnica Federal de Sousa e da Escola Estadual de 1º Grau Celso Mariz, junto ao parque de Exposição de Animais. No meio existem algumas casas isoladas habitadas por ciganos e várias casas de não ciganos pobres (Frans Moonen, 1993).

A cigana dona Dolores de setenta e oito anos ainda lembra de suas andanças pelo estado da Paraíba, mas não esquece que Sousa era o porto seguro para os ciganos “*Nós vivia pelo mundo andando, sempre aqui na Paraíba, nós passava um mês num canto, um mês no outro, dois meses no outro, lugar que nós se pegava*”

para passar cinco, seis meses era aqui em Sousa".²⁰ É importante destacar que o fato dos ciganos serem nômades não era uma condição cultural étnica e sim uma maneira de adaptação frente as repressões.

E nessas andanças pelo sertão da Paraíba é difícil esquecer a desigualdade racial e falta de respeito para com essa população a maneira de como foram e ainda são tratados os ciganos de forma grosseira: ladrão de cavalo, ladrão de galinha, ladrão disso, ladrão daquilo outro, vagabundo, desnaturado, filho do diabo, tudo que fazíamos era tudo errado. (Figueiredo, 2012 p.10).

O autor retrata a maneira de relacionamento com a sociedade favorecendo o preconceito e o afastamento das pessoas da população cigana de maneira geral. Pode-se entender que essa relação de estigmatização ocorra pela falta de conhecimento da cultura cigana a maneira de viver desse povo de maneira nômade ou sedentária em comunidades. "A história dos povos ciganos não foi abordada em livros ou escolas por falta de registros escritos, assim a sociedade não tem nenhuma referência desse determinado grupo de pessoas" (Fraser, 1997, p.68).

Como se fosse premeditado no final da década de mil novecentos e setenta os ciganos começaram a deixar a vida de itinerantes encerrando definitivamente no ano de mil novecentos e oitenta e dois. Para os ciganos a cidade de Sousa era considerada uma terra segura e um dos responsáveis por isso era Antonio Marques da Silva Mariz, na época prefeito e sempre foi considerado amigo dos ciganos. Quando chegou a governador do estado da Paraíba na década de oitenta Mariz contribuiu para fixação definitiva dos ciganos em Sousa. O terreno onde foram instalados os ciganos foi batizada de "Rancho", era o lugar que os ciganos sempre se arranchavam quando viam a Sousa.

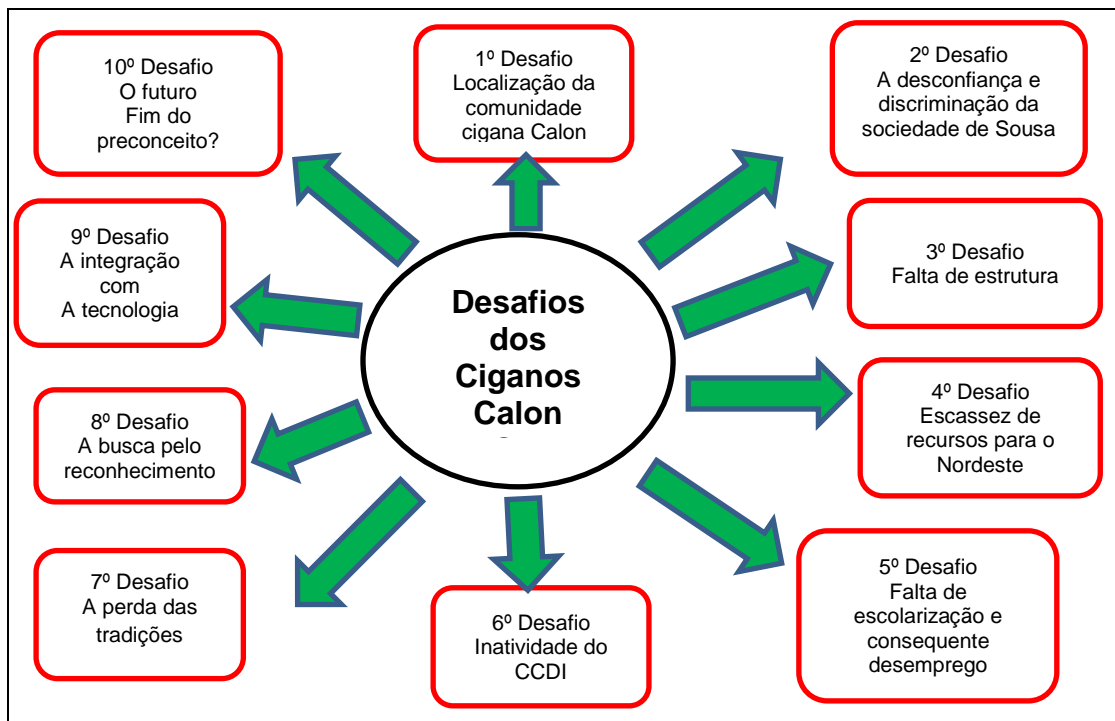
A cigana Dona Dolores, já citada nesta pesquisa, recorda das primeiras casinhas dos Rancho, todas de taipa, era o ano de mil novecentos e oitenta e dois. *"Isso aqui era uns campos que começamos a fazer umas casinhas de taipa, depois*

²⁰ O nome de Dona Dolores foi divulgado por já haver ido a público na série da Rádio Senado, programa 8, intitulado A Terra Prometida. Os Ciganos de Sousa. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br>.

o governador Antonio Mariz estalou essas casinhas de tijolos pequenininhas. E os ciganos foram negociando, trabalhando, crescendo essas casinhas porque tinha deles que os filhos era muito e dormiam do lado de fora”.

No processo de fixação da comunidade cigana nestes trinta anos passados eles vivem os seus problemas ainda nos dias de hoje que vamos chamá-los dos dez desafios dos ciganos Calon de Sousa²¹, conforme figura 9 elaborado por esta pesquisadora.

Figura 9. Desafios dos Ciganos Calon de Sousa



Fonte: Elaboração própria

O primeiro desafio – A localização do bairro cigano – Se há um conceito de discriminação um bom exemplo é a localização dos “ranchos” dos ciganos na cidade de Sousa. A cidade é cortada pela BR 230 de um lado da estrada fica o centro municipal todo o comércio da cidade as maiores empresas, os principais estabelecimentos da cidade como as Igrejas, a prefeitura os clubes. Do outro lado da rodovia a situação é completamente diferente ali estão a Colônia Penal Agrícola,

²¹ Transcrito na íntegra da série produzida pela rádio Senado de Brasília – O povo cigano no Brasil. Os ciganos de Sousa. Programa 8, atualizado em 31/01/2011.

o lixão e no meio dos dois a comunidade cigana Calon de Sousa. A cigana Fernanda Alcântara tem certeza que essa localização prejudica a integração entre os ciganos e os demais habitantes da cidade. Assim falou a cigana Fernanda:

Dificultou um pouco a comunicação assim pra gente ir para a rua, como se diz assim, comprar alguma coisa é muito ruim. E a discriminação é muito grande porque a partir das quatro horas da tarde se você não vier não tiver uma pessoa conhecida ninguém vem aqui, ninguém, moto taxi, taxista. Já acontece com todo mundo, você chama olhe você deixa até o presidio ele diz não eu não posso ir. É assim se você não tiver uma pessoa conhecida você vem a pé e é muito distante.²²

O prefeito da cidade de Sousa, na época, Fábio Tirone sabia dessa situação de marginalização extrema, mas estava convencido que a solução não era trazer os ciganos para a cidade mais levar a cidade até eles. “*Uma urbanização da comunidade é o que nós sonhamos e pretendemos realizar vai se instituir uma nova época aí você trazer o cigano para dentro da cidade ou levando a cidade para dentro do cigano*”. Levar a cidade até os ciganos é realmente uma das tarefas mais complicada.

Isso nos leva ao segundo desafio que é a desconfiança dos moradores de Sousa. Embora, estejam fixados há mais de trinta anos o preconceito em relação aos ciganos ainda é forte na sociedade sousense. O correio por exemplo não entrega correspondência na área do rancho e como já vimos a partir de determinado horário os moto-taxistas e taxistas não levam ninguém ao “rancho”.

Um professor de história nascido em Sousa também cresceu em meio a história mal contadas sobre os ciganos do “rancho”. Estudou conheceu os ciganos e se apaixonou pela aquela comunidade. Mais sabe que não é fácil contagiar outros corações com a sua própria paixão. Ele até tentou em um dia das crianças levar os seus estudantes para o rancho. Mas “*Eu decidi que ia fazer o dia das crianças na comunidade cigana*”. Na própria escola já houve uma rejeição dos pais de aluno ligando para a diretoria da escola dizendo que o filho dele ou que a filha dele não ia as viagens loucas do professor louco de história que não ia confiar o filho dele a filha dela comigo no meio dos ciganos.

²² Idem 21

Mas basta um dia de convivência com os ciganos para quebrar a idéia de perigo. Os ciganos presam pelo acolhimento gostam de contar suas histórias mostrar suas músicas é claro oferecer um belo cafezinho. O que na verdade pode assustar um visitante no “rancho” é a mais absoluta falta de instrutura urbana naquele lugar. Esse é o terceiro desafio a falta de estrutura. As casas são pequenas embora possam abrigar oito, nove pessoas a metade das casas são de alvenaria, mas as outras ainda são de barro de taipa como eles costumam chamar. O esgoto corre a céu aberto não existe calçamento e a água nunca está sempre disponível.

O Pedro Bernadone de vinte e três anos nasceu no rancho vive no rancho. De que maneira em Pedro? *“Muito precariamente é sem estrutura é casas de barro de taipa alguns com casa de palha, aí é esgoto a céu aberto próximo ao lixão a fedentina muitos casos de doenças contagiosas aqui de vírus essas coisas com as crianças”*. Não há escolas próximas e o posto de saúde que fica no rancho atende não só os ciganos, mas toda população pobre que mora nas proximidades, ou seja, está sempre sobrecarregado. Até um tempo atrás isso não era problema de acordo com o Tita a pedido do outro Cicero Romão Batista esse já com cinquenta anos só de ouvir a palavra hospital o cigano se arrepiava *“Hospital se falasse um hospital pro cigano vixe Nossa Senhora era mesmo que pegar e amarrar ele de cabeça para baixo”*.

O cigano Francisco Soares Figueiredo “o Coronel” conta que no mato era difícil pegar doença. *“O cigano não morria assim não só morria de noventa anos prá lá, o cigano fumava, ele bebia café, ele passava três quatro dias de fome, ele dormia no chão quente, ele tomava água quente da lagoa fazia o exame bom, mas nunca tem doença perigosa como hoje está acontecendo como hoje vejo no meio da comunidade cigana”*. É por que essas doenças perigosas agora estão no meio da comunidade cigana é que o acesso a um serviço público de saúde de qualidade passou a ser uma reivindicação dos ciganos de Sousa.

E não é só isso anseiam por uma boa escola, um bom calçamento, bem e até o mínimo uma boa água já que as vezes é necessário que as mulheres da

comunidade caminhem até um outro bairro para pegar água e trazer os baldes cheios em suas cabeças. O problema da água por exemplo pode ser reflexo do quarto desafio que é a escassez de recursos para o Nordeste. O sertanejo é antes de tudo um forte. Se levarmos em consideração as dificuldades dos ciganos que não deixam de ser sertanejos podemos verificar quanta força acumulada possui esse grupo. A falta de trabalho. *“É tem isso também a gente já sofre com essa precariedade de emprego que não é como nas cidades maiores nas cidades grande que tem uma demanda muito maior no contrato de funcionários”*. Emprego, mercado de trabalho algo para fazer o quinto desafio dos ciganos de Sousa – A falta de emprego.

Vamos transcrever esse desafio pelas vozes dos próprios ciganos de Sousa. *“Que nós tinha uma ruma de rapaz tudo atrás de emprego e não tem um que dê um emprego por que tudo discriminam cigano. Tem meus colegas que pegam serviços e me incluem porque quando a sociedade sabe que eu sou um cigano eles não dão oportunidade. Digo com sinceridade era um meio de vida do cigano ler a mão, trocar, comprar cavalo mais até isso acabou-se. Olha por que primeiro do que tudo ta desempregado não temos fonte de renda nenhuma a gente vive de pequenos negócios, infelizmente as condições financeiras são muito pequena”*.

É unanime os ciganos tem um enorme desafio quando a questão é emprego. Primeiro conseguir o emprego depois não ser discriminado nele o Pedro Bernadone sabe muito bem na pele o que é isso. *“Fui admitido para trabalhar numa certa empresa aí e passei por vários estágios coloquei o currículo primeiro estágio depois fiz uma prova qualificativa passei na prova fiz a entrevista coletiva e individual fiz outra prova de capacitação passei e fiz o teste com o dono da empresa passei. Fui admitido para trabalhar até então eles não me reconheceram como cigano, tudo normal comecei a trabalhar, trabalhei vinte dias tudo bem. Um dia um amigo chegou na loja conhecido meu da escola do futebol que a gente praticou esporte aqui e começou a conversar comigo e como é que tá a comunidade cigana? Tal conversa e ta tudo bem. Um dos gerentes da loja estava escutando a conversa quando o meu amigo saiu ele me chamou no cantinho, ó vem cá tu és cigano? Sou cigano, tá bom.*

No outro dia ... Ele chegou para mim e disse que: eles tinham se enganado me contratado porque o movimento da empresa tinha aumentado mais na verdade não tinha acontecido isso o movimento da empresa diminuiu muito e não estava precisando do meu serviço... O depoimento do cigano Pedro Bernadone é uma evidência da necessidade de mudança no setor econômico, como também uma possível integração da sociedade sousense junto aos ciganos.

O sexto desafio para os ciganos de Sousa é a inatividade do Centro Calon de Desenvolvimento Integral – CCDI, inaugurado a 6 de agosto de 2009. Situado entre as casas de taipa a paisagem seca e o esgoto a céu aberto com suas paredes branca e azuis, cobertura em telha estilo colonial por dentro com quatro salas amplas, dois banheiros e uma cantina, tudo isso com um objetivo de ser um local de desenvolvimento integral dos ciganos Calon. Para Ivonete Carvalho, na época, diretora de Programas da Secretária de Políticas para comunidades tradicionais da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade – SEPPIR aponta qual é o objetivo do CCDI: *“É que se construiu esse Centro de referência para ser um espaço que dialogasse com as famílias ciganas de Sousa na Paraíba que há uma grande concentração de famílias ciganas naquela cidade”*.

Mas sabe-se que esse fato não aconteceu e atualmente o CCDI está parado, as salas vazias e até mesmo a manutenção do local sai do bolso do Cigano Francisco Figueiredo “o Coronel”, o pai do Pedro Bernadone. Na verdade, o que tem no Centro são algumas cadeiras de plástico algumas delas quebradas, alguns livros e a imagem de Santa Sara a protetora dos ciganos. São muitos depoimentos pedindo providências para funcionamento do Centro.

A cigana Macilânia pedagoga defensora da educação entre os ciganos quer ver o Centro como um instrumento de aprendizado. *“E o projeto que a gente queria para o Centro Calon era um projeto que ele priorize a educação porque é por meio da educação que a gente vai se inserir na sociedade e vai fazer com que esse preconceito que ainda existe contra os povos ciganos ele diminua.”* Ocorre também a idéia de uma criação de uma companhia de dança cigana e uma cooperativa de arte, mas faltam recursos.

A comunidade cigana de Sousa enfrenta o sétimo desafio que é a perda das tradições e tudo o que elas representam para os ciganos, a buena diche (leitura de mãos), o idioma e algumas das tradições para manterem-se viva atualmente. As necessidades fundamentais acabam por deixar de lado a preocupação com a manutenção da cultura. Para o cigano Francisco “o Coronel” o Centro Calon pode funcionar como instrumento de resgate da cultura cigana.

Assim diz o coronel:

A construção desse Centro de resgate da cultura cigana ele já diz, esse foi uma construção para resgatar a cultura que está se extinguindo assustadoramente. E a construção desse Centro aí foi justamente para que a gente pudesse colocar pessoas capacitadas para que pudesse ensinar, por exemplo, o nosso idioma ele está se acabando, a buena diche (leitura de mão) está se acabando mais nós temos gente capaz de conseguir resgatar essas coisas”. Existe sim ações para o resgate das tradições, mas também é necessário que a comunidade cigana saia da invisibilidade na sociedade de Sousa como cidadãos brasileiros que são. (Figueiredo, 2014).

Nesta invisibilidade encontra-se o oitavo desafio da comunidade cigana que é a busca pelo reconhecimento do talento cigano. Os ciganos de Sousa têm uma incrível capacidade de produzir talentos musicais são dezenas de dançarinos, cantores e violonistas. A cigana Macilânia sabe a origem desses talentos “*O sangue cigano a gente é rico culturalmente a gente tem muita facilidade, eu vejo assim com muita facilidade em aprender as coisas. O cigano Tita nunca foi a escola, não sabe ler, não sabe escrever, mais se ele escutar uma música ele pega de ouvido, então ele sabe marcar a música, então a gente tem músicos natos, cantores natos e dançarinos perfeitos. (Extrato de entrevista, rádio Senado).*” Assim os ciganos artistas Calon de Sousa necessitam de oportunidades para mostrar a sociedade os seus dons e suas capacidades.

Continuando a saga dos ciganos Calon o nono desafio é a integração com a tecnologia, uma vez que são tradicionais e os ciganos mais velhos tiveram alguns choques nos últimos trinta anos. Inicialmente pelo fim do nomadismo, depois a questão da moradia em casas de taipa e agora uma tal de internet. O Cigano Pedro Bernadone conta o susto causado pela rede mundial de computadores: “*Foi quase*

como um choque pra cigano foi a internet, assustou, assustou muito os ciganos por causa da quantidade de informação que a gente consegue em outro país[...], mas já estão se acostumando ele costumava dizer que a internet era o diabo". (Extrato de entrevista, rádio Senado). Mas os jovens ciganos não pensam assim para eles a internet pode ser uma poderosa aliada na busca de informações, mas também de direitos suscitando mais uma oportunidade de mostrar ao mundo quem realmente eles são.

O chefe dos ciganos Calon de Sousa o Coronel não pensa da mesma maneira que os mais jovens e assim diz: *"Gostaria muito que a tal tecnologia não surgisse como uma serpente venenosa para estrangular a fé e a coragem de um povo que veio do princípio do mundo. A televisão, por exemplo: com suas programações tirou de nossas belíssimas mocinhas a originalidade Cigana encenando-o a prostituição e a desobediência aos pais". Figueiredo (2012, p.11).*

Nesse viés, o cigano Albino Granato²³ fala em entrevista *"Olha o que acontece é não tem como você brigar contra o progresso, hoje quem não gosta de conforto, quem não gosta de uma televisão de plasma, quem não gosta de um computador. Isso é fundamental nos dias de hoje, então o que a gente fala e briga pelas novas gerações é que elas estudem, que antigamente a mulher não ia para escola o filho aprendia a conhecer números era suficiente. Então o que acontece a quem possa interessar cultura com ignorância a ninguém, ora nós passamos para as novas gerações que por mais que haja tecnologia e progresso pode se adaptar ao progresso, estudar fazer uma faculdade se formar sem perder as raízes ciganas. Como é essas raízes ciganas: o respeito aos idosos, o respeito as crianças que isto está no mandamento cigano, o povo que não respeita o passado e não respeita o seu futuro não existe". Neste contexto o cigano ressaltou que a tradição pode se aliar a modernidade sendo mais um meio de mudança para melhor visibilidade a comunidade cigana.*

²³ Recorte de entrevista no vídeo do Youtube "A história dos Ciganos" – Programa Diversidade no Encontro da Nova Consciência.

Chegamos então ao décimo e último desafio dos ciganos Calon de Sousa – O futuro. São muitas as opiniões discordantes dos ciganos sobre as realizações para o futuro. Alguns acreditam que a vida vai melhorar e a cultura vai acabar, outros que com o aumento de conhecimentos a cultura voltará ainda mais forte.

Com a palavra a cigana Macilânia, graduada em Pedagogia, defensora da educação e da manutenção da cultura cigana. Ela diz o que imagina para o rancho cigano em 2030. *“Nossa eu imagino tantas coisas boas, coisas boas assim como eu digo sempre no meu vocabulário não existe a palavra desistir, jamais desistir, então o que eu imagino uma comunidade cigana com esgotamento, o saneamento questão de estrutura tudo bem organizado, as casas bem organizadas para se construir o bairro cigano de Sousa que vai servir de ponto turístico prá cidade”.* (Extrato de entrevista, Rádio Senado).

Para os ciganos Calon de Sousa os desafios estão apresentados e a população disposta a encara-los. Recorrendo a uma passagem bíblica onde Moisés passou por maus bocados durante a sua peregrinação e teve que enfrentar a descrença de quem o seguia. Portanto, muitos ciganos sousenses andam descrentes com a perspectiva de melhora de vida. No momento mais crítico da jornada de Moisés teve que dividir o mar ao meio para que o seu povo pudesse atravessar aquele pedaço de caminho. O preconceito com os ciganos pode ser vencido a cada dia com a busca de conhecimento e maior integração da comunidade cigana com a cidade de Sousa. Assim, o mar de preconceito pode não só partir ao meio, mas quem sabe secar.

Os ciganos de Sousa pertencem ao grupo Calon, isto é, são descendentes de ciganos portugueses que, em séculos passados foram deportados para o Brasil, sendo em seguida enviados as capitânicas brasileiras particularmente a região Nordeste do Brasil, chegando a Paraíba, caracterizados pela condição de nômades se fixaram definitivamente na cidade de Sousa era o ano de 1982.

Outras características dessa população é a coesão familiar na preservação da família, amor a liberdade e a natureza, aptidão para a música e para a dança,

tendência natural para o comercio de troca e venda, gosto para o trabalho por conta própria. Na história escrita e contada por quem a viveu, destaca-se trechos, transcritos literalmente, do livro intitulado Calon: história e cultura cigana, de autoria do cigano Francisco Figueiredo o (Coronel), chefe dos ciganos e presidente do CCDI, editado pela prof.^a Dr^a Janine Marta Rodrigues, coordenadora do Grupo de Pesquisa, atualmente na segunda edição (2012 – 2014) já citado neste estudo, descreve as peculiaridades dos ciganos Calon de Sousa.

Relata o Coronel:

Por ser um povo nômade, pobre e discriminado não tiveram oportunidade nem de estudar, nem de ter uma vida social digna; entretanto eles enfrentaram vários tipos de perseguição mais mesmo assim eles não perdiam o respeito nem seus tradicionais costumes. Os chefes dos ciganos eram eleitos pelos chefes mais velhos passando para eles todas as regras que deveriam ser cumpridas durante seu comando. A partir daí o novo chefe assumiria uma responsabilidade perante todos os seus comandados. Sua simplicidade era o jeito mais implícito de serem distinguidos entre os jurens (povo assim por eles chamados). Um povo muito hábil dotado de uma inteligência invejável apesar de não terem frequentado escola mesmo assim possui essa dádiva (Figueiredo, 2014).

O autor retrata a própria história de vida e de seu povo, marcado pelo marasmo da fome, da sede e da discriminação. De um povo que lhe são negados os seus direitos, de um povo que a sociedade lhes trata como quem fossem os mais infelizes entre os animais. Com o sedentarismo, a fixação de moradia na cidade de Sousa, de alguma maneira essa população perde suas características primitivas de estar em movimento.

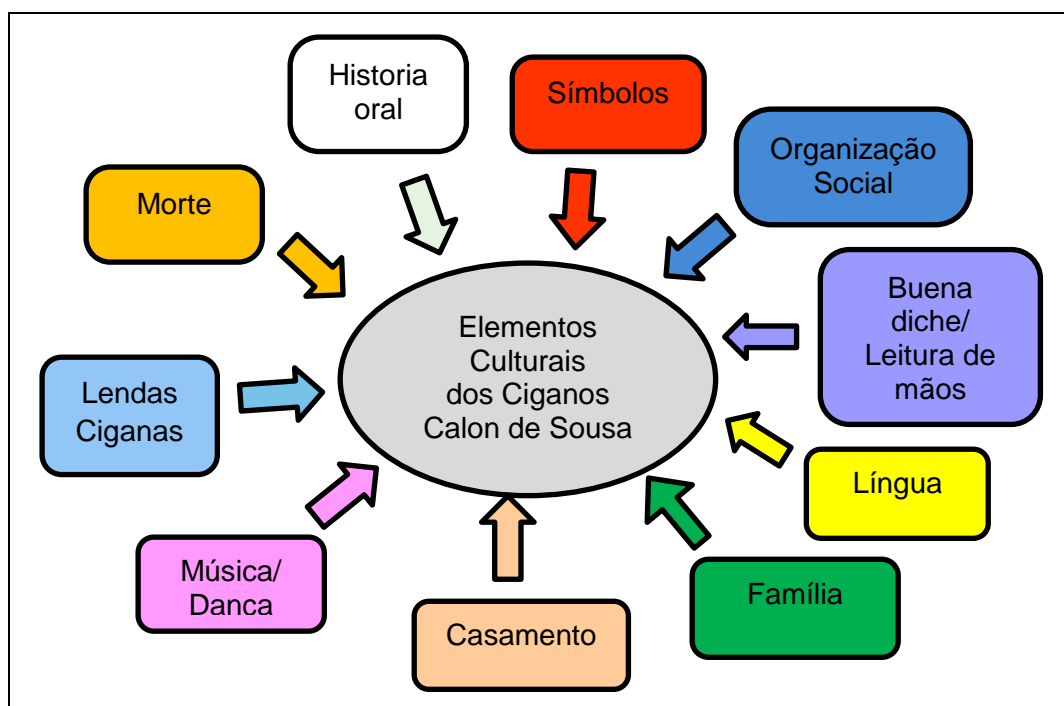
2.7.2. Elementos culturais

A população cigana Calon de Sousa apresenta uma cultura ágrafa, ou seja, transmite sua história oralmente de pai para filho. Tornando-se assim difícil aos pesquisadores e estudiosos da ciganologia explicar sua origem, história e costumes exatamente pela imensa falta de material e sigilo mantido sobre a vida cigana. Vinculada a história de perseguição, exclusão e preconceitos, surge a primordialidade em conhecer os elementos culturais, dentro de um contexto histórico

e cultural da comunidade cigana Calon de Sousa na Paraíba, contribuindo dessa maneira para desconstrução dos falsos modelos construídos sobre os mesmos, referendando a extrema riqueza da cultura cigana Calon.

Nessa compreensão, das práticas culturais dos povos ciganos, em especial os ciganos Calon de Sousa, com tradições e valores próprios que nos dias de hoje buscam preservá-los. Necessário se faz levar em conta, como os Calon de Sousa vivem a cultura milenar sobrevivendo ao tempo, como o nomadismo/sedentarismo, a organização social (eleição dos chefes, lideranças), a buena diche (leitura das mãos), a língua Romani/Calon, a família, o casamento, a música e a dança, religião, as lendas ciganas e a morte.

Figura 10. Elementos Culturais dos Calon de Sousa/PB



Fonte: Elaboração própria

Em relação aos elementos culturais dos ciganos sousense, ocorreram mais uma vez ao Coronel, (Figueiredo, 2012) que assim escreveu: “gostaria que ficasse bem claro que a descrição feita por mim nesta emocionante e misteriosa história eu partilhei dela em nossas andanças por esse mundo cheio de desigualdade racial e falta de respeito com o ser humano”. Seguindo a tradição cigana os Calon de Sousa, por volta do ano de 1910, viviam viajando do estado do Ceará ao estado da Paraíba,

povo nômade, pobre discriminado, até que por volta do ano de 1982, se fixaram na cidade de Sousa de forma definitiva, tornando-se assim uma população cigana sedentária.

A partir de uma abordagem para falar da vida cigana nômade dos Calon de Sousa, o cigano Coronel assim relata:

Viviam de arriba em arriba dificilmente demoravam em uma cidade por muitos dias as queixas chegavam de vez em quando as autoridades da cidade que eram obrigadas a expulsá-los do município. As vezes siam sem tomar o café da manhã, sem almoço passavam horas e horas sem tomar nem sequer um copo com água. As crianças dormindo ao meio dia em ponto em cima de um lombo de um jumento e nem sequer um simples guarda sol eles tinham para que pudesse amenizar tanto sofrimento. Quando chegavam para se acamparem não tinham mais energia suficiente para mais nada a não ser para se ancorar em um tronco de uma árvore que lhe servirá como cama. Com os pés inchados e corpo banido pela viagem longa assim sendo não demora muito para eles adormecerem. No dia seguinte com o rosto cheio de poeira, cansado e abatido começa novamente a peregrinação até que um filho de Deus lhe estendesse a mão (Figueiredo, 2012).

Neste contexto, o autor descreve com exatidão o processo de intinerância dos ciganos Calon de Sousa, uma vida na natureza, livres como o vento, mas sofrida na esperança de um dia serem algo na vida. Mediante as novas exigências sociais, foram obrigados a deixarem a vida de nômades tornando-se sedentários, uma vez que, a decadência do comércio de trocas, a diminuição das possibilidades de renda, as dificuldades de conseguir espaço para acampamento, o encurtamento das distâncias entre as cidades modernas que não ofereciam mais condições para o tráfego das caravanas de carroções puxados a cavalos e burros.

‘Dentro dessa tradicional cultura milenar os ciganos, sem saber onde a sua história de vida é verdadeira ou mito, apresenta na figura 11, dentro da sua cultura os símbolos pelos ciganos cultuados com seus significados.


Figura 11. Símbolos da cultura cigana

<p style="text-align: center;">Coruja</p> 	<p>O símbolo coruja para os ciganos representa segurança. A imagem da ave é utilizada para trazer equilíbrio e segurança no plano físico, econômico, e para evitar possíveis perdas materiais.</p>
<p style="text-align: center;">A chave</p> 	<p>Representa as 'soluções'. Usada para atrair boas soluções aos mais diversos problemas, o símbolo, quando trabalhado no fogo costuma atrair riquezas e sucesso.</p>
<p style="text-align: center;">Estrela de 5 pontas</p> 	<p>Para os ciganos, a estrela de cinco pontas simboliza evolução. O amuleto é utilizado para trazer proteção, além de estar associado à sorte, intuição e êxito. A estrela, também conhecida como pentagrama, representa o domínio dos cinco sentidos.</p>
<p style="text-align: center;">Estrela de 6 pontas</p> 	<p>Simboliza proteção. Usada como um talismã contra os inimigos invisíveis e visíveis, a também conhecida como Estrela Cigana é o símbolo dos grandes chefes ciganos. As seis pontas formam dois triângulos iguais, que indicam a igualdade entre o que está em cima e o que está a baixo.</p>
<p style="text-align: center;">Ferradura</p> 	<p>Simboliza sorte e energia. Usado para atrair boa sorte e energia positiva, a ferradura representa o trabalho e o esforço. Os ciganos usam o símbolo como um poderoso amuleto da sorte, além do mesmo afastar a má sorte.</p>

Fonte: <https://www.simbolos.net.br/simbolos-ciganos/>

<p style="text-align: center;">A Lua</p> 	<p>Para os ciganos, a lua simboliza os mistérios e a magia. Usada para atrair percepção, cura, poder feminino e o exorcismo é preciso estar atento às suas fases: nova, crescente, cheia e minguante. Quando cheia, a lua representa o maior elo de ligação com o sagrado – as grandes festas sempre são realizadas nas noites de lua cheia.</p>
<p style="text-align: center;">A Moeda</p> 	<p>Simboliza prosperidade e proteção. Usada para afastar energias negativas e para atrair riquezas. A moeda, ligada ao equilíbrio e à justiça e associada à riqueza material e espiritual (cara e coroa), para os ciganos representa o ouro físico (cara) e o espiritual (coroa).</p>
<p style="text-align: center;">Punhal</p> 	<p>Simboliza poder, força, superação e vitória. Muito utilizada em rituais de magia, o punhal tem o poder de transmutar energias. Na cultura cigana o símbolo é usado para abrir matas e nas cerimônias de casamento, onde os pulsos dos noivos são cortados e amarrados em um lenço vermelho, representando a união de duas vidas em uma.</p>
<p style="text-align: center;">A Roda</p> 	<p>Representa a Samsara – o ir e vir, o passar por diversos estados, o circular, morte e renascimento, o ciclo da vida. Muito usada para atrair equilíbrio e consciência, a roda é o grande símbolo cigano.</p>
<p style="text-align: center;">A Taça</p> 	<p>Simboliza a receptividade e a união, pois qualquer líquido adquire a forma da taça. No casamento cigano, os noivos bebem vinho em uma única taça, esta representa o valor e a comunhão eterna.</p>

Fonte: <https://www.simbolos.net.br/simbolos-ciganos/>

<p style="text-align: center;">Trevo</p> 	<p>Símbolo universal e o mais tradicional de boa sorte. O trevo de quatro folhas traz fortuna e felicidade – quando encontrado na natureza, pode-se esperar que boas notícias virão.</p>
---	--

Fonte: <https://www.simbolos.net.br/simbolos-ciganos/>

Com referência a organização social, a liderança na comunidade cigana (Figueiredo, 2012) assim revela o processo hierárquico: “O chefe de ciganos era eleito pelos chefes mais velhos passando para eles todas as regras que deveriam ser cumpridas durante seu comando. (Rodrigues, 2014, p.123) destaca que a cultura cigana, sua organização social, valoriza o idoso (como aqueles que são sábios e têm experiência para serem ouvidos) e a criança (como aquela que precisa de proteção) como começo e fim das famílias. A história vivida e contada pelo Coronel, o cigano Francisco Figueiredo²⁴, assim falou sobre os chefes dos Ranchos:

Em 1928 esses Ciganos eram chefiados pelos Ciganos Pereira Barros, Manoel da Silva e Cana Brava, que comandaram até 1942 passando o comando ao Cigano Francelino Sarapião de Albuquerque o “Frade” e Félix Torquato da Silva esses por sua vez comandaram até 1949 passando então a comandar a turma o Cigano Mangureira e o Pedro Maia os mesmos comandaram por vários anos com muita ordem e disciplina (Figueiredo, 2012 p.32-33).

Com a sedentarização dos ciganos muda também algumas atribuições que era do chefe que passa a atuar mais fora dos “Ranchos” servindo de elo entre os ciganos e o Estado, mas mantendo a função de manter a tranquilidade e harmonia da comunidade. Em entrevista para série produzida pela Rádio Senado, de Brasília em vinte e cinco de novembro de dois mil e onze o cigano Pedro Maia aos oitenta e três anos assim falou *“Chegava numa cidade o chefe “eu” era por direito não podia dispensar ia falar com as autoridades com o delegado, com o prefeito, com o de*

²⁴ Transcrito na íntegra do livro intitulado Calon: história e cultura cigana, autoria do Chefe dos Ciganos e presidente do Centro Calon de Desenvolvimento Integral de Sousa, Sr. Francisco de Figueiredo (o Coronel) 2012 e reeditado em 2014.

*direito aí nós ficava ali se arranchava como era o nome, nós se arranchava alí aí e trocar animá, cavalo, burro, jumento, ler a buena diche ler a mão*²⁵.

A dissertação de mestrado de Robson de Araújo Siqueira (2012) apresenta um estudo sobre os Calon do município de Sousa – PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais, onde apresenta o surgimento de um novo papel de liderança, articulado entre as necessidades da juventude cigana, as demais lideranças do rancho e os interesses frente à cena política de Sousa. O autor destaca os deveres de um chefe cigano em estabelecimento da ordem interna; função diplomática; providências assistenciais quanto às necessidades de subsistência da comunidade diante de ameaças externas, como também o chefe é o ponto de equilíbrio nas relações estabelecidas entre ciganos e não ciganos. O cigano (Ramanush,2011) presidente da embaixada cigana no Brasil²⁶, relata em seu ensaio Etnicidade Ciganas no Brasil como ocorre o processo de organização e liderança no grupo Calon, e diz que:

Podemos definir as relações de parentesco como relações entre acampamentos. Os Calon se organizam em grupos liderados por chefe (há muito tempo atrás chamados de Baro, depois Capitão). Em um grupo geralmente encontra-se casais idosos, seus filhos homens com os netos e outros parentes e até conhecidos que se agregam ao grupo. No grupo não há competição e sim contribuição para a manutenção do acampamento. Ser prestativo é qualidade que normalmente define o chefe. Mas ainda existe um diferencial nessa relação de parentesco que vem mudando o comportamento e os valores nos acampamentos: a presença do “agregado”. O agregado é aquele não cigano que se casou e passou a viver no acampamento (Ramanush, 2011).

O autor leva ao conhecimento da sociedade a estrutura organizacional tradicional do grupo Calon, mas que nos dias de hoje, relata a abertura de agregados há integrarem a comunidade cigana com seus valores diferenciados ocorrendo mudanças na tradição milenar cigana. Durante séculos a cultura e as tradições ciganas foram transmitidas oralmente. Na comunidade de Sousa a língua falada é a Caló ou Kalé. Esse dialeto falado pelos ciganos (gitanos) na Espanha, o Caló, foi seguramente a origem da língua falada pelos ciganos Calon no Brasil.

²⁵ O nome de Pedro Maia foi divulgado por já haver ido a público na série da Rádio Senado, programa 8, intitulado A Terra Prometida. Os Ciganos de Sousa. Disponível em: <http://www2.senado.gov.br>.

²⁶ Ver www.embaixadacigana.org.br

Segundo os autores o dialeto Caló, também é usado por alguns grupos e serve para manutenção dos segredos da comunidade cigana. Jamais um cigano ensina um gadjén (não cigano) tudo sobre sua língua. Mesmo essa língua tendo se modificado ao longo dos anos e das viagens, visto estarem seus falantes sempre em contato com outras culturas, sua preservação tornou-se quase necessária à sobrevivência. Vale salientar que os idosos são membros respeitadíssimos na comunidade cigana contando suas histórias de pai para filho. Nada mais desprezível para um cigano do que encontrar outro cigano que perdeu o contato com a língua original.²⁷

Outro elemento cultural dos Calon de Sousa é a leitura da mão (buena diche), a quiromancia que é o estudo e a leitura das linhas da mão. Conceituada como uma atividade dos ciganos nas ofisas (templos ciganos), nas praças, nas feiras, na rua. Para as mulheres ciganas, por sua vez, tem nessa atividade uma ajuda para as despesas do dia-a-dia.

Segundo (Figueiredo, 2012) a família é a maior preocupação do cigano Calon e ressalta que a missão do homem cigano é conservar sua tradição com capricho e sinceridade como também conservar o respeito e a dignidade de sua gente. Concordando com o autor cigano (Florência Ferrari, 2010) enfatiza que nada há mais importante para os Calon que está com seus parentes. A autora explica que os acampamentos são extremamente codificados. Numa barraca só entram parentes próximos, os demais só vão se forem convidados. " Vem comer na minha barraca" é uma frase repetida frequentemente para um visitante, e este deve aceitar e comer fartamente, sendo a recusa considerada ofensiva²⁸.

A família constitui o núcleo básico de toda e qualquer sociedade. Os ciganos veem cada família como uma célula-mãe, que contribui para formar um grupo. A família representa a unidade que, juntando-se a outras, forma o clã, que para ser respeitado como um todo deve respeitar suas unidades constituintes. É este

²⁷ Lourival Andrade Júnior – Artigo Os ciganos e o processo de exclusão. Revista Brasileira de História. São Paulo, V 33, nº 66, p. 95 -112/2013.

²⁸ Ver www2.jornalcruzeiro.com/matéria/385163/experiência-cotidiana-da-moradia-cigana-e-tema-de-exposição-2012. Acessado em 21/09/2018.

profundo sentido de composição familiar que tem preservado vivo e unido o povo cigano ao longo dos séculos, não permitindo inclusive que este sentido se contamine e se degenere com acontecimentos cada vez mais comuns em nossos dias como a separação entre casais, afastamento de filhos. Este caos familiar não acontece, às custas de esforço e trabalho amoroso e perseverante dos ciganos, para que sempre possa reinar tranquilidade na família (Schepis, 1999).

O próximo elemento que retrata a cultura dos ciganos de Sousa a ser comentado é o casamento. A sociedade cigana é patriarcal e para preservar sua cultura e valores, procuram incentivar o casamento entre os membros de sua etnia. A menina cigana ainda na adolescência logo após a primeira menstruação já está apta para casar e ter filhos. E um fator importante neste acontecimento é a noiva ser virgem e ser manter virgem até o casamento. Recorremos mais uma vez ao cigano Coronel que relata como acontece essa cerimônia obedecendo a um conjunto de normas e regras que constituem a lei cigana. Relata o Coronel:

O casamento é feito mesmo sem existir namoro entre os noivos, os próprios pais e o chefe marcam a data para o casamento, dezembro ou junho que são datas comemorativas para eles. A partir da hora que é oficializado o casamento o nome dos padrinhos também é oficializado; esse por sua vez começa logo os preparativos para o casamento pedindo a todos suas contribuições. Uma dúzia de pratos, outro da uns copos, outro da as colheres, outro da as panelas, uns aquilo, outros aquilo outro... ficando os padrinhos responsáveis por muitas coisas como por exemplo: as roupas dos noivos, a comida, a bebida e outras coisas mais. Os pais já começam também oferecendo ao filho um dos melhores de seus burros para que sua futura esposa possa cavalgar pelas estradas percorridas por eles. Aquele animal que seu pai lhe deu como presente não se troca nem vende. Morre de velho, mas, não se bota fora. No dia do casamento as cores mudam o visual e a alegria é estampada no rosto de cada um. Todos cantam, dançam e com os movimentos de seus braços fazem referência a noiva e o noivo cobrindo-os com flores e suas fantasias. Não demora muito para o momento tão esperado por todos em barraca feita especialmente para os noivos e duas testemunhas eles são levados. Ao passar algumas horas é entregue a seus pais uma camisa feita por eles, de um tecido macio e branco mostrando a virgindade da moça, depois passa de mão em mão que em seguida é guardada em lugar seguro como objeto sagrado. Depois de serem parabenizados seus pais pela sua disciplina voltam todos para a festa que só termina depois de três ou quatro dias. (Figueiredo 2012, p. 17 – 19).

O casamento cigano tem todo um ritual que tem início com o pré-casamento, momento em que os pais negociam o valor da noiva de maneira representativa




conhecida como dote. A festividade dura em média três dias com vários rituais: os noivos comem pão e sal, simbolizando a unidade do casal; os presentes e moedas são depositados num tacho; os noivos quebram uma taça supondo que o amor somente acabará quando os cacos da taça se juntarem e a noiva vive com a família do marido até a chegada de seu primeiro filho, quando então terá sua própria tenda. Mesmo depois de casados eles ficam sobre os cuidados de seu pais porque é tradição deles até que eles aprendam suas verdadeiras profissões que é dinhar drabe (ler mão), (Figueiredo, 2012).

Como não relatar o “casamento cigano” o primeiro com tradições cigano realizado na Paraíba, aconteceu no dia 30 de novembro de 2012, mereceu destaque em todo o cenário nacional. Vale destacar que o noivo é filho do cigano Coronel, Francisco Figueiredo, chefe dos ciganos Calon de Sousa e que os noivos foram prometidos um ao outro desde crianças, seguindo a tradição da lei cigana. Outro ponto a ser referendado é que aconteceu a cerimônia religiosa na igreja católica e comemorado em um salão de festa da cidade.

O autor descreve a própria história vivida pelos Calon de Sousa e fala sobre o parto das ciganas Calin (feminino de Calon) tem filho embaixo da tenda, as próprias Ciganas é quem assistem o parto, no mesmo dia ela já pode fazer de tudo. Só não pode fazer a comida para esposo por que eles acham que é conveniente. Todos no acampamento ficam muitos felizes com o nascimento do bebê, já escolhem os padrinhos muito antes que o neném nasça os compadres passam a ter respeito muito grande uns pelos outros; o Batismo acontece; a festa rola, a comida, a bebida, é distribuída com todos da tribo. As comidas mais presentes nas festas são: pão, queijo, doce e peru, já a bebida sempre é o café, dificilmente é servido bebida alcoólica (Figueiredo, 2012).

Outro elemento da cultura cigana são as lendas que povoam o imaginário dos ciganos ao longo dos tempos. Na figura 12 as principais lendas mais conhecidas desse povo cheio de mistérios.

Figura 12. Lendas Ciganas

<p style="text-align: center;">Arco-íris</p>  <p style="text-align: center;">siempre queriendo encontrar un arco iris infinito.-</p>	<p>Tempos distantes quando os ciganos viviam desesperados e sem perspectivas, uma cigana ao ver o arco-íris, clamou com toda a força de sua alma, desejosa de salvar os poucos que restavam de seu clã disse ao avistar um arco-íris: Deus do arco-íris, vós que atravessais os céus ligando a terra de uma extremidade a outra, eu a cigana... Te evoco e Te imploro, nos salve e nos mostre a terra da paz. Desde então, os ciganos se dispersaram pelo mundo na irradiação do arco-íris, levando encanto de suas roupas coloridas, a atração pelo ouro, conhecendo em suas almas e no relato intuitivo de seus antepassados que o colorido de suas roupas representa o dom de viver e que ao final do arco-íris existe um pote de ouro inesgotável e um jardim florido de paz.</p>
<p style="text-align: center;">Pandeiro</p> 	<p>O pandeiro traz a alegria do sol, saudando-o com inúmeras fitas coloridas, representando seus raios protetores e vivos. Como todo instrumento que faz barulho, ele tem como função expulsar os maus espíritos ou energias negativas, abrindo caminho para o povo festejar. Sua mensagem é mover transformar o que está parado em ritmo, revigorar o nosso corpo com a alegria e o calor da dança, assim como o sol faz conosco.</p>
<p style="text-align: center;">Sete Saias</p> 	<p>A lenda conta que a Cigana Sete Saias foi apaixonada por um moço “não cigano” o que seus pais não aceitavam... e proibida de viver este amor parou de comer até vir a falecer. Quando seu corpo estava sendo preparado para velar, sua mãe trouxe suas sete saias favoritas e colocou a seus pés para poder rodar e jogar cartas nos caminhos do astral superior. A moça chegando ao astral, foi recebida por Santa Sara Kali a qual a designou a proteger e ajudar todas as moças que choravam por seus amores proibidos e impossíveis...</p>

Fonte: Diversidade Paraíba

Imagens: Google

Para falar sobre a morte como elemento cultural cigano (Figueiredo, 2012, p. 16) ressalta que a morte de uma pessoa da tribo leva todos ao marasmo durante vários meses. Depois do sepultamento são queimados todos os seus pertences e naquele lugar eles passam vários anos sem irem lá. Se ele for casado a esposa corta o cabelo e veste-se de preto para os restos de sua vida; se for solteiro a família não aceita ninguém falar o nome dele perante seus pais. E assim é conservado o

silêncio até a hora da morte. Costumam sempre renovar os nomes dos entes queridos aos recém-nascidos, passando eles a receber o mesmo respeito e carinho entre todos; como quem quisessem dizer que aquela pessoa ressuscitasse novamente (reencarnação).

Para (Schepis, 1999) os ciganos acreditam na vida após a morte e seguem todos os rituais para aliviar a dor de seus antepassados que partiram. Costumam colocar no caixão ad pessoa morta uma moeda para que ela possa pagar o canoeiro a travessia do grande rio que separa a vida da morte. Os ciganos não encomendam missa para seus entes queridos, mas oferecem uma cerimônia com água, flores, frutas e suas comidas prediletas, onde esperam que a alma da pessoa falecida compartilhe a cerimônia e se liberte gradativamente das coisas da Terra. As cerimônias fúnebres são chamadas “Pomana” e são feitas periodicamente até completar um ano de morte. Os ciganos costumam fazer oferendas aos seus antepassados também nos túmulos.

2.7.3. Identidade

A identidade dos ciganos não é uma questão simples e diz respeito a um estigma social onde são definidos como degradados e indesejados não costumam ter visibilidade, e geralmente os que afirmam sua etnicidade são os músicos, artistas em geral, escritores, poetas, etc. são ciganos importantes identificados publicamente.

Independentemente da pouca expressão nos veículos de comunicação e de conhecimento da sociedade existiram e existem muitas pessoas ciganas famosas como Charlie Chaplin, Pablo Picasso, Elvis Presley, o presidente brasileiro Juscelino Kubitschek, o presidente Washington Luís, o cantor Benito de Paula, o músico e compositor Renato Teixeira, o compositor Wagner Tiso, o cantor Zé Rodrigues, a cantora Rosana, o deputado brasileiro Tiririca e o comediante Dedé Santana, entre outros. Tais dados foram coletados por nosso Grupo de Pesquisa no Projeto Formação Docente frente a Diversidade, “A escolarização de ciganos como construção de cidadania”.

A identidade é mais uma questão que transpassa as diferentes discussões sobre as novas exigências sociais na perspectiva de manutenção da tradição dos ciganos Calon de Sousa e de que modo ela é significativa para este estudo. No ponto de vista conceitual, identidade é o conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade. Esses traços caracterizam o sujeito ou a coletividade perante os demais²⁹.

Neste contexto conceitual a identidade pode ser pessoal quando envolve a percepção que o sujeito tem de sua individualidade; a identidade pode ser social quando resulta da comunicação estabelecida com o meio social onde o indivíduo está inserido e que ajuda a definir a consciência social; a identidade pode ser identidade cultural quando o sujeito se reconhece através dos valores que compartilha com a comunidade.

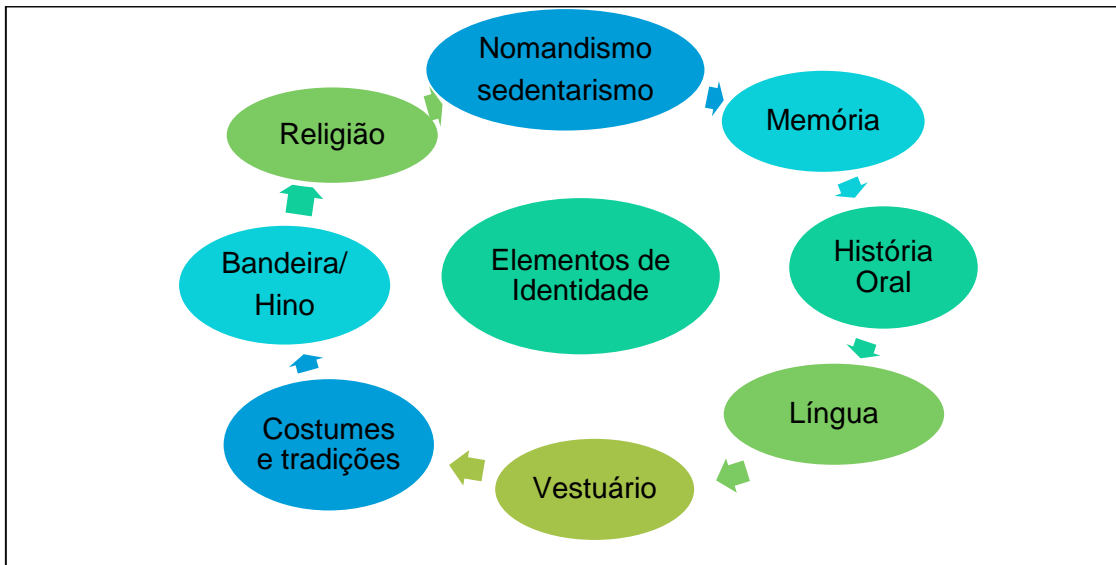
Se a identidade também é composta individual e coletivamente, presume-se que ao sujeito ingerir outros materiais culturais, muitas vezes incoerentes para uma cultura que tenta se fechar e atuar numa acepção mais naturalista da identidade, e assim colocar em risco as tradições³⁰. Pode significar a inserção num mundo não cigano impulsionado pelas novas tecnologias. Que podem comprometer essa visão de uma identidade naturalista. Na qual a identificação passa a ser construída em consonância com a origem em comum, características divididas com o grupo e com solidariedade e fidelidade putadas sobre alicerces bem definidos (Santos apud Hall, 2014).

A figura 13 indica os elementos de identidade dos ciganos Calon de Sousa que caracteriza um processo em construção no qual alguns princípios tornaram-se significativos nos dias atuais.

²⁹ Ver <https://conceito.de/identidade>

³⁰ Laudicéia da Cruz Santos et al. As Culturas dos Povos Ciganos no Espaço Escolar: A Formação Docente como experiência Inovadora na Escola Municipal Agnaldo Marcelino Gomes.

Figura 13. Elementos de Identidade Cigana dos Calon de Sousa/PB



Fonte: Elaboração própria

Os ciganos Calon de Sousa – Paraíba, tenta à duras penas preservar sua valiosa identidade e salvaguardar as peculiaridades de seus próprios conceitos de cidadania, em que pese os avanços tecnológicos, científicos e culturais frente as novas exigências sociais, ou seja, o fascinante processo da globalização.

No que se refere ao nomadismo, já tratado neste estudo, se faz necessário compreender que a sua origem foi por causa da perseguição aos ciganos como diz o cigano Daniel Rolim³¹ “ assim virou um efeito dominó, um efeito cascata, então isso acabou se integrando a cultura cigana esse nomadismo pelas perseguições”. Para Goldfarb (2004) o nomadismo é como uma identificação entre os ciganos, especialmente desenvolvido a partir de memórias do passado.

O passado nômade é requerido como elemento identitário, construído através da memória e das narrativas que exploram episódios bíblicos, recurso importantíssimo para a construção da coletividade cigana e do sistema de representações sociais que permite uma visibilidade social, bem como o estabelecimento de suas especificidades culturais frente à sociedade não cigana.

³¹ Vídeo Youtube: A história dos Ciganos – Programa Diversidade no Encontro da Nova Consciência.

(Abrantes et al, 2016).³² O cigano Figueiredo (2012, p. 29) conta que os ciganos são descendentes de Abraão que foi o primeiro cigano a acampar no deserto e várias outras histórias são comentadas mais o que se sabe é que não sabemos mesmo de onde vieram esse povo.

A história dos ciganos passada de pai para filho trás na memória as lembranças que resistem as transformações e se adequam as novas exigências sociais, sem deixar de existir. Compreender o que se mantém através do exercício da memória coletiva permite compreender as maneiras de apresentação do tempo e espaço. Para (Goldfarb, 2010) fatos do passado são narrados como uma espécie de matéria-prima na definição de “ser cigano”, retendo-se na memória apenas aquilo que merece ser lembrado. Assim as pessoas integram em suas falas sentimentos sobre o que foi visto, vivido, sentido, imaginado – fruto do processo coletivo de identificação com a história que é resgatada ou construída.

Para os autores (Abrantes et al, 2016) o tema cultura cigana torna inevitável à relação entre o passado nômade e presente no qual “pararam para morar”. Na ótica cigana essa mudança de condição territorial é a mais representativa mudança cultural dessas comunidades, é sempre direta ou indiretamente mencionada como o dispositivo de todas as demais mudanças percebidas no grupo, no que os mais velhos passam a se preocupar, sobremaneira, com a doção de modos não ciganos, rapidamente assimilados pelos jovens da comunidade.

Outro elemento preponderante na identidade dos ciganos é a língua cigana (o romani) é uma língua da família indo-europeia que, pelo vocabulário e pela gramática, está ligada ao sânscrito. Uma das dificuldades de preservação da língua entre ciganos, como em qualquer outra cultura, dá-se pelo fato de que eles se protegem falando o que os não ciganos não entendem, por outro lado, como a língua que apresenta caráter de oralidade é ensinada nas famílias, acaba por se perder pela falta de registro. A língua Caló é o dialeto falado pelos ciganos de Sousa.

³² Gervásio Bernardo Abrantes et al (2016), O modo de vida da comunidade cigana em Sousa – PB, INTESA – Informativo Técnico do Semiárido (Pombal –PB), v. 10, n 1, p 77-91, Jan – jun.

Para (Abrantes et al 2016) a língua é um elemento chave na união do povo cigano de Sousa. Os ciganos a reconhecem como Calon, mas diante do Juron (não cigano) costumam referir-se a ela como a “linguagem do cigano” ou “língua cigana” que alguns acreditam ter sido criada por antepassados para a “defesa do cigano”. Portanto, não basta ser cigano de sangue e falar a língua, a identidade pede que haja convívio na vida social em grupo, cigano com cigano, que use a língua como proteção do grupo e também do modo de vida cigano. Com a sedentarização dos ciganos em Sousa o uso da língua diminuiu e os mais jovens de hoje não sabem e não tem interesse em aprender o dialeto Caló.

Quadro 5 Palavras em Romani e seus significados

Romani	Significado	Romani	Significado
Acans	Olhos	Raty	Sangue
Marrão	Pão	Calon	Cigano
Aruvinhar	Chorar	Remedicinar	Casamento
Mirinhorôn	Viúva	Churdar	Roubar
Ales	Cabelo	Ron	Homem
Naçalão	Doente	Daí (ou bata)	Mãe
Baque	Sorte, fortuna, felicidade	Runin	Mulher
Nazar	Flor	Dirachin	Noite
Bato	Pai	Sunacaiour, duvêl	Deus
Paguicerdar	Pagar	Suvinhar	Dormir
Brichindin	Chuva	Estandar	Prender
Panin	Água	Tiráques	Sapatos
Cabén	Comida	Gadjó	Não cigano
Paxivalin	Donzela	Gajão brasileiro	Senhor
Cabiipe	Mentira	Urai	Imperador ou rei
Querdapanin	Português	Gajin brasileira	Senhora
Cadéns	Dinheiro	Urdar	Vestir
Quiraz	Queijo	Jalar	Ir embora
Calin	Cigana	Vázes	Dedos ou mão
Kachardin	Triste	Xacas	Ervas

Fonte: Rodrigues et al, 2014)

Fazendo parte do grupo de línguas neoindianas, é estreitamente aparentada a línguas vivas tais como o hindi, o goujrathi, o marathe, ocachemiri. Os ciganos assimilaram muitos vocábulos das línguas dos países por onde passaram. Outros dialetos, como o Caló, também são usados por alguns grupos como a população cigana Calon de Sousa na Paraíba. No livro *Diversidade Paraíba*, (Rodrigues et al, 2014 p. 21) apresenta algumas palavras de origem Caló e seus significados:

Quadro 6. Palavras em Caló e seus significados

Caló	Significado	Caló	Significado
Transmudar	Fazer diferente	Tiron Ron	Teu marido
Rumido	Resgatado	Arranchar	O mesmo que morar por alguns dias
Onividente	Que tudo vê, que tudo conhece	Chaburron	Criança
Remir	Adquirir novamente, resgatar	Cais	Árvore
Jurens	Que não são ciganos	Ariqueldar	Falar
Despandinhemos	Abrimos	Babanon	Bonito
Acon	Olho	Duveli	Deus
Calon	Cigano	Daí	Mãe
Chibi	Linguagem		

Fonte: Figueiredo, 2014

Os autores ressaltam que a língua Caló ainda falada por algumas famílias tornou-se elemento que é cuidado e estimulado nas atividades do projeto desenvolvido na comunidade já citado neste estudo, com a realização de oficinas com as crianças e jovens, ensinando, mostrando aos ciganos a importância da valorização, preservação e construção de suas identidades étnicas como forma de conservar a comunidade manifestando seus valores, costume e cultura.

O vestuário cigano representa um dos aspectos mais importantes de sua identidade cultural, pois além do significado próprio das vestes dentro dos costumes ciganos, traduzem também uma obediência às tradições do passado e uma das formas de mantê-las vivas ao longo do tempo. As mulheres usam saias longas, geralmente até os tornozelos, numa demonstração de recato e ao mesmo tempo

sedução. As blusas não possuem decotes ousados, as saias são rodadas e fartas, usando as ciganas mais ricas várias saias sobrepostas. O colorido é o forte atrativo de suas roupas. Muitas gostam de xales, fitas, rendas, possuindo um significado simbólico dentro de cada família cigana. As joias são usadas por ambos os sexos. Cordões de ouro, colares, pulseiras, anéis fazem parte da indumentária cigana como sinal do poder econômico e elementos de proteção.

As mulheres ciganas são muito vaidosas e faceiras, usando a discrição das roupas para fascinarem. As mulheres casadas usam o diklo (lenço de seda na cabeça), as solteiras não. O lenço não precisa cobrir todo o cabelo, mas apanhar um tanto de cabelo. Se uma mulher casada retira o lenço em público ou deixa de usá-lo isto é encarado como de mau agouro, desrespeito ao marido ou chamamento de viuvez. O preto é usado como uma cor complementar ou de fundo, e raramente veremos um cigano vestido de preto, que é uma cor usada nos funerais, embora eles não tenham por hábito vestir luto.³³

Andar sem calçados também faz parte do misticismo cigano, pois acreditam que esta é uma maneira de descarregar a energia negativa na terra, ao mesmo tempo propiciando a entrada de energia positiva que vem do céu, do sol, da lua e das estrelas. O cigano, (Figueiredo 2012) assim fala das Calin “ as ciganas se destacam pelas roupas coloridas, cabelos longos e brincos reluzentes, colares, anéis e a boca cheia de ouro, uma verdadeira rainha Calin.

A Bandeira cigana é outro elemento de identidade cigana. Foi instituída em 1971, como representação internacional de todos os ciganos do mundo, pela Internacional Gypsy Committee Organized no “ First World Romani Congress” – Primeiro Congresso Mundial Cigano realizado em Londres. A figura 14 apresenta a Bandeira Cigana.

³³ lunacigana.blogspot.com/2011/11/as-roupas-ciganas.html acessado em 03/08/2018

Figura 14. Bandeira Cigana



Fonte: www.elo7.com.br/

Segundo (Ramanush,2011) a bandeira cigana foi inspirada na bandeira da Índia. A bandeira cigana tem duas listras horizontais, azul representando os valores espirituais, verde os valores materiais e ao centro roda vermelha que simboliza dezesseis raios representando os dezesseis principais clãs ciganos, alguns historiadores têm outras teorias para o significado da roda outros dizem que a roda homenageia os dezesseis primeiros países a aceitar o Povo Cigano como Raça.

Sobre a roda que está representada na Bandeira:

(...). Roda o grande símbolo geométrico do Povo Cigano é o círculo raiado (representando a roda da carroça que gira pelas estradas da vida) provando a não linearidade do tempo e do espaço. Simboliza a Samsara, representando o ir e vir, o circular, o passar por diversos estados, o ciclo da vida, morte e renascimento, e é usado para atrair a grande consciência, a evolução, o equilíbrio.³⁴

O Hino cigano chama-se Gelem, Gelem foi composto por um cigano iugoslavo, Jarko Janovic, inspirado em uma canção popular do leste europeu. Seus versos foram inspirados nos ciganos que foram reclusos em campos de concentração nazistas, durante a II Guerra Mundial. Foi adotado oficialmente como Hino no I Congresso Internacional, realizado em Londres, em 1971 (Ramanush, 2011).

³⁴ www.portalentretextos.com.br

Quadro 7. Letra e tradução do Hino Gelem, Gelem

<p><i>Gelem, gelem lungone dromensa Maladilem baxtale romensa. Ah romale katar tumen aven E chaxrensar bokhale chavensa Ah Romale, ah shavale</i></p> <p><i>Sas sa vi man bari família Mudardia la i Kali legia Saren chindas vi Romen vi Romen Mashkar len vi tinke shavorren</i></p> <p><i>Ah Romale, ah shavale</i></p> <p><i>Putar Devla te kale vudara. Te shai dikhav kai si me manusha Palen ka gav lungone dromensa Ta ke phirav baxtale romensa</i></p> <p><i>Ah Romale, ah shavale</i></p> <p><i>Opre Rroma isi vaxta akana Aide mansar sa lumiake Roma Ah Romale, ah shavale.</i></p>	<p>Andei, andei por longas estradas E encontrei ciganos de sorte Ai ciganos, de onde vocês vêm? Com tendas e crianças famintas Ai, homens ciganos, ai, jovens ciganos! Eu também já tive uma grande família Foi assassinada pela legião de preto (nazistas) Homens e mulheres foram mortos Entre eles também crianças pequenas.</p> <p>Ai, homens ciganos, ai jovens ciganos!</p> <p>Abra, meu Deus, as portas escuras Para que eu possa ver onde está minha gente. Voltarei a percorrer os caminhos E andarei com os ciganos de sorte Ai, homens ciganos, ai, jovens ciganos! Levantem ciganos, agora é o momento Venham comigo ciganos do mundo Ai, homens ciganos, ai, jovens ciganos!</p>
--	---

Fonte: Ramanush, 2011

2.7.4. Escolarização

O conceito de escolarização para o professor, filósofo e escritor Mário Sérgio Cortella é um pedaço da educação, que são termos diferentes, mas relacionados, onde a escolarização é um componente da educação. Em se tratando da importância do processo de escolarização e dos meios que a escola poderia dispor para incluir os ciganos de Sousa/PB, Rodrigues (2012, p. 151) aponta que “Entendemos que a escola, em particular a sala de aula, apesar de todas as críticas que recaem sobre elas, ainda se constitui o espaço político onde se supõem que dois atos interligados pedagogicamente aconteçam: o ato de ensinar e o ato de aprender”.

Na perspectiva da construção de uma educação para todos a Constituição Federal do Brasil de 1988 no artigo 205 diz que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O documento oferece suporte legal para que a luta por uma educação contemple a todos na sociedade ganhando voz e possibilitando a, construção por uma sociedade em que todos possam ter o direito de livre escolha, de exercer sua cidadania plena.

O papel da educação é primordial para a reflexão sobre as diferentes culturas que configuram social e historicamente a sociedade – é trazer o tema do multiculturalismo para a sala de aula. Conforme aponta Boaventura Santos, é necessária uma orientação multicultural nas escolas, passando pelos currículos e que contemple a discussão (nem sempre pacífica ...) entre políticas de igualdade e da diferença³⁵. O autor afirma que “as versões emancipatórias do multiculturalismo se baseiam no reconhecimento da diferença e do direito e da coexistência ou construção de uma vida em comum além de diferenças de vários tipos”. Demeterco at al apud (Santos, 2003, p.33).

Os educadores refletindo sobre sua prática e identificando os problemas ocasionados em sua rotina precisam ser analisados, questionado e para que haja uma superação e consciência de que precisam de formação permanentes para superar as dificuldades existentes em sua prática pedagógica. O papel do professor para o entendimento e acompanhamento dos alunos ciganos ou não que estão sentindo dificuldade de acompanhar, interagir ou se relacionar com as pessoas no seio do espaço escolar vem a oferecer uma contribuição considerável, pois seus componentes curriculares desde as primeiras disciplinas cursadas viabilizam uma compreensão do sujeito como todo emocional, social e cognitivo.

No livro Exclusão, Inclusão e Diversidade, organizado por Richardson, no texto “ A formação docente frente a diversidade” a prof.^a Janine Rodrigues afirma:

Entendemos que o currículo não é apenas um processo lógico de disciplinas articuladas e interdependentes, mas uma construção em diferentes pontos de vista, que devem ser considerados e analisados como produção do conhecimento e como expressão individual e coletiva, com a preocupação com a verdade e validade este conhecimento, a partir da historicidade e das dinâmicas sociais (Rodrigues at al 2014).

³⁵ Demeterco, M. da S. & Cruz, G. T.D. O eu e o outro: individualismo, alteridade e cidadania – questões para a educação.

A autora diz que se não houver no espaço escolar, onde o currículo é vivenciado, uma concepção de educação que incorpore e integre o ato pedagógico como causa e consequências inseparáveis, o currículo, diante disto, fica sem sentido e a escola perde o seu papel no que diz respeito à sua tarefa política e social. O Plano Estadual de Educação da Paraíba – PEE para o período 2015/ 2018, cria a Meta 17, para a educação escolar cigana que regula ampliar a oferta, garantir o acesso e a permanência e melhorar a qualidade da educação escolar cigana na Paraíba, considerando os grupos fixados.

Quadro 8. Plano de Educação Estadual da Paraíba para os ciganos

Meta 17 – Ampliar a oferta, garantir o acesso a permanência e melhorar a qualidade da educação escolar cigana na Paraíba, considerando os grupos fixados.
Estratégias:
17.1. Garantir o atendimento às populações ciganas nas diversas etapas da educação básica e nas respectivas comunidades de forma a atender às especificidades dessa população, considerando os grupos fixados;
17.2. Garantir, no âmbito de competência dos entes federados, a formação continuada e específica para profissionais da educação básica que atuam nas escolas das comunidades ciganas;
17.3. Assegurar a acessibilidade aos (as) estudantes ciganos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação, por meio de prédios escolares, equipamentos, mobiliários, transporte escolar, recursos humanos e outros materiais adaptados às necessidades desses estudantes;
17.4. Expandir o atendimento específico às populações ciganas, garantindo o acesso, a permanência e a conclusão do ensino fundamental, qualificando-os para a continuidade dos estudos;
17.5. Expandir a oferta de ensino médio integrado à educação profissional, observando as especificidades das comunidades ciganas fixadas, contemplando as necessidades das pessoas com deficiências;
17.6. Garantir que a educação profissional e tecnológica na educação escolar cigana contemple os princípios da formação ampla, sustentabilidade socioambiental e respeito à diversidade dos estudantes, considerando-se as formas de organização dos grupos ciganos e suas diferenças sociais, políticas, econômicas e culturais;
17.7. Expandir a oferta local de cursos de educação profissional para alunos ciganos dos grupos fixados que possuam idade igual ou superior a 16 anos, de acordo com a demanda local e o interesse deste grupo;
17.8. Garantir a produção e publicação de materiais didáticos específicos, incorporando aspectos socioculturais ciganos significativos, elaborados com a participação dos professores que atuam nas escolas, das famílias, dos líderes e dos especialistas nos conhecimentos tradicionais de cada comunidade, assegurando a distribuição nas escolas ciganas de forma gratuita;
17.9. Priorizar a população cigana dos grupos fixados na oferta de matrículas de educação de jovens e adultos, nos ensinos fundamental e médio, na forma integrada à educação profissional;
17.10. Garantir o transporte escolar para os estudantes das comunidades ciganas, como forma de acesso e permanência na escola, bem como a continuidade dos estudos.

Fonte: Diário Oficial do Estado da Paraíba nº 15.863, 24 de junho de 2015

Todavia os marcos legais citados, para a escolarização dos ciganos ainda representa um desafio. Os (alunos (as) ciganos (as) devem construir a trajetória escolar sem perder a tradição milenar dos ciganos, ou seja, a sua identidade, a língua Calon e os costumes.

2.7.5. Religiosidade

Do ponto de vista geral a religiosidade mostra o sentido de transcendência de uma pessoa ao refletir sobre espiritualidade. Uma espiritualidade que adquire aspectos concretos, através de crenças religiosas pessoais que mostram a fé dentro de uma doutrina religiosa. O dicionário informal conceitua religiosidade como sendo “uma qualidade do indivíduo que é caracterizada pela disposição ou tendência do mesmo para perseguir a sua própria religião ou a integrar-se às coisas sagradas”.

No dicio.com.br encontra-se a definição de religiosidade como característica específica para os sentimentos religiosos: a religiosidade de Rousseau. Reunião das virtudes religiosas; preceitos éticos de caráter religioso. Na visão psicológica, a religiosidade influencia também os valores e o modo de agir de uma pessoa que reflete sobre aquilo que é ou não correto. As crenças religiosas têm alto valor na consciência pessoal do sujeito que é fiel a determinada doutrina. A religiosidade mostra a forma de expressão que tem um sujeito de comunicar-se com a divindade através de rituais, reza e orações; esta que é uma forma de grande valor dentro da linguagem religiosa e que possui um código específico³⁶.

A liberdade religiosa é um dos direitos fundamentais da humanidade, como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) em seu art. XVIII:

Toda a pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou particular. (Nações Unidas, 1948).

³⁶ Ver <http://queconceito.com.br/religiosidade>

Os ciganos primam por uma religiosidade muito forte, perante a vida, se mesclando nas tarefas comuns do dia a dia, fazendo com que a vida, seja permeada de magia. Essa religiosidade ímpar, que agrupa elementos de várias linhas de magia, tem uma influência grande nos ritos do calendário de Cristo. Pelo amor que os ciganos têm a Cristo, e por crer nos seus ensinamentos absolutos, na seara da caridade e amor ao próximo.³⁷

A Constituição Brasileira (1988) em seu artigo 5º, inciso VI diz: É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias. (Brasil, 1988, p.5).

Sabe-se que os ciganos não têm religião única costumam professar a que é mais seguida nos locais onde se estalam. Para o cigano Figueiredo (2012, p.22-29) “o Coronel” ressalta que os ciganos em sua maioria são devotos de São Francisco e obedecem às suas tradições religiosas, entre elas adotavam à religião do lugar onde se fixavam. A população cigana Calon de Sousa, apresenta-se predominantemente na religião católica, embora a partir de 2011, nota-se a presença de outras denominações religiosas na comunidade.

Com relação ao Salão do Reino das Testemunhas de Jeová, os ciganos têm obrigação e forma de pagar o dizimo; não bebem e não participam das festividades tradicionais dos ciganos, por exemplo, não tocam violão, as mulheres não dançam, não se vestem de ciganas e não leem a mão. O quadro 9 apresenta a religiosidade vivenciada nos dias atuais pelos ciganos da comunidade de Sousa – PB.

³⁷ Ver www.portalentretextos.com.br

Quadro 9. Contexto religioso na comunidade cigana de Sousa

Religião	Famílias
Salão do Reino das Testemunhas de Jeová	14
Assembleia de Deus	39
Universal do Reino de Deus	42
Igreja Batista	28
Devoção a Santa Sara kali	Todas
Igreja Católica	Restantes

Fonte: Grupo de Pesquisa Formação Docente e Diversidade 2018

Na Assembleia de Deus, os ciganos participam das festas tradicionais, mas as músicas ciganas estão sendo substituídas por hinos evangélicos. Na Universal do Reino de Deus, os ciganos têm a obrigatoriedade do culto, mover a fé, na doutrina do sofrimento, pecado. Tem a obrigação do dízimo, paga quando pode, participam da escola dominical do culto através da utilização de desenhos bíblicos, onde são desenvolvidas atividades que contextualizam elementos de uma outra cultura. Questionam as práticas de cura por meio de ervas e das rezas pelas benzedeadas das comunidades e as reuniões são realizadas nas casas de algum cigano.

Para os ciganos que estão na Igreja Batista é recomendado viver com moderação. Participam de congressos de ciganos evangélicos. Não leem a mão, mas preservam a língua e a cultura, e tem como proposta para traduzir a Bíblia na língua Caló. As demais famílias ciganas seguem o catolicismo, devotos de São Francisco, Padre Cícero e demais Santos. Tem na Santa Sara Kali, padroeira dos ciganos um referencial de fé e de amor.

Na religiosidade dos Calon, Santa Sara divide a preferência dos ciganos brasileiros com Nossa Senhora Aparecida e São Jorge Guerreiro. Toda Thiera (barraca) ou casa tem uma imagem de Nossa Senhora Aparecida em todo acampamento cigano tem uma estátua da virgem negra cercada por velas, incensos, flores, fruta e alimentos. Neste contexto, de especificidade da religiosidade vivenciada pelos ciganos Calon de Sousa, observa-se que na modernidade os ciganos Calon cada vez mais está perdendo a tradição e os costumes ciganos de uma cultura milenar já citado neste estudo.

A pastoral dos Nômades tem acompanhado a trajetória dos povos ciganos. E celebrou o Dia Nacional dos Ciganos 2018 através de uma mensagem descrita na íntegra no (Anexo 1), por Dom José Edson Santa Oliveira, Bispo da Diocese de Eunápolis – BA, Referencial da Pastoral dos Nômades.

As palavras de Dom José retratam o olhar da Igreja Católica nos dias atuais, voltado ao Povo Cigano, celebrando o dia dedicado a essa população. Na Cartilha “O povo cigano o direito em suas mãos”, a cigana autora Mirian Stanescon cita que por todas as injustiças, discriminações e preconceitos que meu povo tem sofrido, nunca será demais lembrar das palavras do amado e finado Papa João Paulo II em seu discurso em 1999: “ *enquanto a humanidade não resgatar sua enorme dívida para com nossos irmãos ciganos nenhum de nós poderá falar em direitos humanos e cidadania*”.

2.7.6. Os ciganos Calon de Sousa no contexto atual

Hoje 2018, a comunidade cigana de Sousa é composta por 180 famílias constituindo uma média de 980 indivíduos entre crianças, adolescentes e idosos. Estão mudando os costumes em relação a dança, música, roupas, enfeites, escolas religiosas, aulas de formação, idéia de pecado, de sofrimento para alcançar a glória. O presidente do Centro Calon preocupa-se com as mudanças da cultura, principalmente em relação as crianças ciganas – tradição e preservação dos costumes.

Quadro 10. Elementos atuais de Identidade Cultural na comunidade cigana Calon

Indivíduos	Rancho Torrelândia	Rancho Vale do Piolho	Rancho Vale das Almas	Rancho Rio do Peixe
Grupos de Dança	1	0	0	1
Violeiros	16	18	14	9
Cantores	19	22	19	9
Rezadeiras/Benzedeiros	5	4	3	1

Fonte: Elaboração própria

Quadro 11. Escolarização na comunidade cigana Calon

Indivíduos	Rancho Torrelandia	Rancho Vale do Piolho	Rancho Vale das Almas	Rancho Rio do Peixe
Alfabetizados	91	65	14	10
Educação Infantil	14	31	26	5
Ensino Fundamental	34	21	11	4
Ensino Médio	12	9	5	4

Fonte: Elaboração própria

Quadro 12. Religiosidade na comunidade cigana Calon

Religião	Família
Devoção a Santa sara Kali	Todas
Igreja Batista	28
Universal do Reino de Deus	42
Testemunha de Jeová	14
Espíritas	6
Católica	Restante

Fonte: Elaboração própria

Um referencial de fé e de amor. É a padroeira dos ciganos nos quatro cantos do mundo. Existem várias versões com Santa Sara Kali. Entre os anos 44 45 d.C., por causa das perseguições cristãs, pela ira do rei Herodes Agripa, alguns discípulos de Jesus Cristo foram colocados em embarcações, entregues à própria sorte. Em uma dessas embarcações estavam Maria Madalena, Maria Jacobé, Maria Salomé, José de Arimatéia e Trofino que, junto com Sara, uma cigana escrava, foram atirados ao mar. Milagrosamente a barca, sem rumo, atravessou o oceano e aportou em Petit-Rhône, hoje Saintes-Maries-de-La-Mer, na França. Segundo a lenda, as três Marias, em desespero em alto mar, sem esperança de sobreviver, choravam e rezavam o tempo todo. Sara, ao ver o sofrimento das amigas, retirou o diqlô (lenço) da cabeça e chamou por Kristesko (Jesus Cristo), fazendo um juramento ao Mestre se todos se salvassem, ela seria escrava do Senhor e jamais andaria com a cabeça descoberta em sinal e respeito.

3. METODOLOGIA

O marco metodológico é a explicação dos mecanismos utilizados para a análise do problema de pesquisa. Em geral, é o terceiro capítulo de tese e é o resultado da aplicação sistemática e lógica dos conceitos e fundamentos expostos no referencial teórico, conforme aponta a (APA, 2010). Esse processo é composto de uma série de etapas, que são derivadas umas das outras. Portanto, ao realizar um estudo ou investigação, não podemos omitir etapas ou alterar sua ordem. (Sampieri et al, 1997).

Este capítulo descreve a metodologia utilizada na investigação e conforme os recursos, a pesquisa é bibliográfica, telematizada pela utilização de ensaios, artigos, dissertações, teses, livros, jornais e sites na internet, fundamentada na literatura ciganológica produzida por diversos autores, potencializando e sustentando os objetivos na pesquisa.

As perguntas da pesquisa: 1). Como está fundamentada a identidade cigana coletiva e individual? 2). Qual a importância da escolarização para os ciganos nos dias atuais? 3). Quais os elementos que vivificam o fortalecimento da religiosidade na comunidade cigana? 4). Quais as perspectivas de futuro para os ciganos Calon sousense?

Esta pesquisa busca compreender a seguinte *questão problema*: de que maneira as transformações ocorridas na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade impactam na manutenção da tradição?

Definiu-se como *objetivo geral da pesquisa*: Analisar as transformações ocorridas na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade na perspectiva de manutenção da tradição.

Para dar resposta ao objetivo geral definiu-se como *objetivos específicos da pesquisa*:

- 1- Identificar os elementos de identidade cigana nas práticas sociais: individual e coletiva dos Calon de Sousa;
- 2- Constatar a importância da escolarização para a comunidade cigana sousense;
- 3- Especificar a religiosidade vivenciada pelos ciganos Calon de Sousa na perspectiva da tradição;
- 4- Verificar atitudes favoráveis que contribuam com o processo de inclusão social dos ciganos Calon sousense como cidadãos brasileiros.

Esta pesquisa está vinculada a um Projeto mais amplo, denominado “ A escolarização dos ciganos como espaço de construção de cidadania – Sousa/PB”, desenvolvido desde 2009, pelo Grupo de Pesquisa Formação Docente/Inclusão/Exclusão e Diversidade, coordenado pela Prof.^a Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, da qual a pesquisadora é membro integrante, desde 2015, que reúne profissionais da área de educação interessados em estudar os temas inclusão, formação docente, exclusão e a diversidade no qual estão inseridos a população cigana e que serviu de motivação para a realização do estudo.

A finalidade desse Grupo de Pesquisa é analisar no contexto da formação docente, as principais dificuldades encontradas pelos professores em lidar com a diversidade, em particular neste momento da pesquisa, com a escolarização dos ciganos de Sousa-PB. Pensar na formação docente e nas dificuldades do professor frente à diversidade, requer um zelo pedagógico na formação daqueles que vão lidar com alunos de minorias sociais ou que sejam vítimas de discriminação e preconceito.

O ano de 2013 foi denominado pelo Congresso Nacional Brasileiro numa proposta do senador Paulo Paim como o Ano dos Ciganos, tal gesto certamente se dá pela visibilidade que as comunidades ciganas vêm conseguindo nas escolas, nas manifestações culturais e na Mídia Nacional. Foi publicada em 2014, pela Grafset, ISBN 978-85-7951-228-5, a revista Diversidade Paraíba, onde um capítulo (pag. 111 à pag. 133) foi escrito pela Prof.^a Dr.^a Janine

Rodrigues, destinado aos ciganos, a partir das colocações desse projeto que atua nas comunidades ciganas da Paraíba desde 2009.

O Grupo de Pesquisa, com a participação da pesquisadora ajudou na organização do I Encontro de Ciganos (as) do Nordeste, realizado na cidade de Sousa-PB, no período de 13 a 14 de agosto de 2015, com os objetivos de reunir gestores/públicos, lideranças ciganas do Nordeste para que juntos dialoguem e construam indicativos de políticas públicas para a população cigana da região, com foco na garantia de direitos e da cidadania dos povos ciganos, ampliando a interlocução das lideranças Ciganas com gestores das instância Federal, Estadual e Municipal; fortalecendo a organização e a participação do povo Cigano nas discussões das políticas públicas, valorizando e dando visibilidade a sua cultura em sua diversidade; elaborando propostas para execução de políticas públicas para a população cigana do Nordeste, na Carta de Sousa, que foi encaminhada para gestores públicos de municípios, Estado, Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR, promovendo o empoderamento coletivo desses sujeitos sociais.

3.1. Local da Investigação

O Brasil, é um país situado na América do Sul, segundo estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) possui uma população de 202 768 562 habitantes (2014) em uma área de 8 515 767,049 km², resultando em uma densidade demográfica de 23,8 habitantes por quilômetro quadrado. A população atual do Brasil é muito diversa, tendo participado de sua formação diversos povos e etnias. O português é a língua oficial e é falado pela população. O inglês é parte do currículo das escolas públicas e particulares, e o espanhol passou a fazer parte do currículo escolar nos últimos anos; o inglês é entendido e usado por poucas pessoas, especialmente nos centros comerciais e financeiros.

O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 1970, dividiu o território brasileiro em regiões: Região Sul, Sudeste, Centro Oeste, Nordeste e Norte. Cada região apresenta um tipo de clima e suas especificidades diversas. A

figura a seguir representa o mapa do Brasil com suas regiões diferenciadas pelas cores e seus estados.

Figura 15. Mapa do Brasil



Fonte: <https://ap.imagensbrasil.org>

A Paraíba, é um dos vinte e seis estados brasileiros é composto de duzentos e vinte e três municípios, ocupando uma área de 56.584,6 Km² e tem segundo a estimativa do IBGE (2017) a população estimada em 4.025,558 habitantes numa densidade demográfica de 71,14 habitantes por km², IBGE (2017). Situa-se na Região Nordeste do Brasil, limita-se com três estados ao norte com o Rio Grande do Norte, ao sul com Pernambuco, a oeste com o Ceará e a leste com o Oceano Atlântico. O clima na região litorânea é Tropical e Semiárido na região interior do estado.

Os ciganos se dispersaram pelo Brasil, chegando a Região Nordeste precisamente ao estado da Paraíba, onde em média (2016) mais de oitocentas famílias em torno de três mil e seiscentos ciganos estão localizadas nos municípios de Bayeux, Cajá, Rio tinto, Casserengue, Remígio, Alagoa Grande, Campina Grande, João Pessoa, Juazeirinho, Santa Luzia, Imaculada, Aparecida, Uiraúna, Marizópolis, São João do Rio do Peixe, Cajazeiras, Catolé do Rocha, Itapororoca,

Esperança, Fagundes, Lucena, Mamanguape, Condado, Monte Orebe, Patos e Sousa. A figura a seguir ilustra o mapa da Paraíba e seus municípios.

Figura 16 Mapa da Paraíba e seus municípios



Fonte: <http://atresmd.blogspot.com/2011/04/mapa-da-paraiba.html>

O município de Sousa localizado no Estado da Paraíba, ocupa uma área segundo o IBGE (2016) de 738,547 km², com uma população de 69.554 habitantes afirma o IBGE (2017) numa densidade populacional de 93,69 habitantes por km². A cidade está situada a oeste da Paraíba apresentando um clima semiárido. Conhecida como a cidade sorriso é nela que está o Vale dos Dinossauros, já citado neste estudo, é o maior atrativo ponto turístico da cidade de Sousa que recebe turistas, estudiosos e pesquisadores do mundo inteiro.

3.1.1. Comunidade Cigana Calon de Sousa, PB/Brasil

Como se fosse premeditado no final da década de mil novecentos e setenta os ciganos começaram a deixar a vida de itinerantes encerrando definitivamente no ano de mil novecentos e oitenta e dois. Para os ciganos Calon a cidade de Sousa era considerada uma terra segura e um dos responsáveis por isso era Antonio Marques da Silva Mariz, na época prefeito e sempre foi considerado amigo dos ciganos. Quando chegou a governador do estado da Paraíba na década de oitenta Mariz contribuiu para fixação definitiva dos ciganos em Sousa. O terreno onde foram

instalados foi batizada de “Rancho”, era o lugar que os ciganos sempre se arranchavam quando viam a Sousa.

A comunidade cigana Calon investigada é composta por 160 (cento e sessenta) famílias, constituindo uma média de mil e cem indivíduos entre crianças, adolescentes, adultos e idosos, vivendo num perfil socioeconômico diferenciado, num contexto de pobreza, exclusão e preconceito. É a maior população cigana sedentarizada do Brasil, está localizada na periferia da cidade de Sousa, distante 3 km do centro da cidade, distribuída em quatro “Ranchos” (local onde vivem os ciganos), denominados de: Torrelândia, Vale do Piolho, Vale das Almas e Rio do Peixe. Nas figuras 17 e 18 são apresentadas registro fotográfico do rancho da comunidade cigana e do CCDI.

Figura 17 Rancho Calon de Sousa – PB



Fonte: Arquivo Projeto Formação Docente – UFPB

Figura 18. Centro Calon de Desenvolvimento Integral



Fonte: Arquivo Projeto Formação Docente – UFPB

Essa população não tem acesso a saneamento básico, não tem água encanada, coleta de lixo e os postos de saúde, como também, as escolas ficam afastados dessas comunidades, diante disso dificultando a vida de toda a comunidade cigana.

A cigana Dona Dolores, recorda das primeiras casinhas dos Rancho, todas de taipa, era o ano de mil novecentos e oitenta e dois. *“Isso aqui era uns campos que começamos a fazer umas casinhas de taipa, depois o governador Antonio Mariz estalou essas casinhas de tijolos pequenininhas. E os ciganos foram negociando, trabalhando, crescendo essas casinhas porque tinha deles que os filhos era muito e dormiam do lado de fora”*. Com a sedentarização dos ciganos muda também algumas atribuições que era do chefe que passa a atuar mais fora dos “Ranchos” servindo de elo entre os ciganos e o Estado, mas mantendo a função de manter a tranquilidade e harmonia da comunidade.

3.2. Tipo de Investigação

A investigação está caracterizada como um estudo de paradigma naturalista configurado de uma metodologia de abordagem qualitativa do tipo exploratória, descritiva, interpretativa com desenho não experimental.

A metodológica é qualitativa quando se seleciona e busca compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que se investigará acerca dos fenômenos que os rodeiam, aprofundar suas experiências, perspectivas, opiniões e significados, ou seja, a forma em que os participantes percebem subjetivamente sua realidade. (Hernandez Sampieri, 2010).

O enfoque qualitativo dá ênfase às características sociais, antropológicas, arqueológicas, culturais, psicológicas e históricas. Tenta descrever e compreender as situações e os processos humanos de maneira integral e profunda, considerando inclusive o contexto que envolve a problemática estudada. Interessa conhecer como as pessoas pensam, sentem e agem: suas experiências, suas atitudes e crenças.

A pesquisa qualitativa é um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais. Assim sendo, os entrevistados, os inqueridos estão mais livres para proferir suas determinadas opiniões sobre determinados temas que estejam relacionados com o objeto de estudo, e normalmente, as pesquisas qualitativas são feitas com um número pequeno de entrevistados, com o propósito de conseguir compreender o comportamento de determinado grupo-alvo.³⁸

Para (Charoux, 2007) o estudo qualitativo não se baseia no tamanho da amostra ou número de informantes, mas na riqueza no detalhamento dos extraídos destas. Procura entender não apenas o fato estudado, mas o contexto dentro do qual se desenvolve e o foco do trabalho qualitativo é conhecer o significado que se confere ao objeto estudado, pontos de vistas, processos, percepções, abstrações, enfim, a perspectivas dos participantes da situação estudada.

A pesquisa é do tipo descritiva porque seu alcance é descrever especificamente quando e onde as propriedades, características e razões do fenômeno como aponta (Maia, 2010). Para (Kauark, Manhães e Souza, 2010) a pesquisa descritiva visa descrever as características de uma determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis". Os estudos

³⁸ Ver <https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>

descritivos procuram especificar as propriedades, as características e os perfis importantes de pessoas, grupos, comunidades ou qualquer outro fenômeno que se submeta a análise. Eles medem, avaliam ou coletam dados sobre diversos aspectos, dimensões ou componentes do fenômeno a ser pesquisado como aponta (Hernandez Sampieri, 2010).

Mas (Gil, 2008) reforça que as pesquisas descritivas como sendo aquelas que tem por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental, atitudes e crença de uma população. Assim como (Tamayo y Tamayo, 2003) defende que a investigação descritiva compreende a descrição, registro, análise e interpretação da natureza atual e a composição ou processo dos fenômenos.

O desenho não experimental se realiza sem manipular deliberadamente as variáveis, ou seja, se trata de estudos onde não se pode variar em forma intencional as variáveis independentes para ver seu efeito sobre outras variáveis. Como destaca (Hernandez Sampieri, 2010) o que fazemos na pesquisa não experimental é observar fenômenos tal como se dão em seu contexto natural, para posteriormente analisá-los. Os desenhos em metodologia qualitativa são flexíveis como destaca (Vasilachis, 2011) e consiste basicamente em enumerar e identificar os componentes na investigação.

3.3. Técnicas e Instrumentos de Coleta de Dados

O instrumento para coleta de dados foi questionário aberto para ser aplicado aos ciganos escolarizados contando de 10 (dez) perguntas visando identificar os elementos de identidade cigana nas práticas sociais: individual e coletiva do Calon de Sousa; especificar a religiosidade vivenciada pelos ciganos Calon de Sousa na perspectiva da tradição e verificar atitudes favoráveis que contribuam com o processo de inclusão social dos ciganos Calon sousense como cidadãos brasileiros. Para (Sampieri, 2010) um questionário consiste em um conjunto de perguntas a respeito de uma ou mais variáveis a medir.

A técnica utilizada foi a entrevista estruturada para atender ao objetivo proposto, de constatar a importância da escolarização para a comunidade cigana sousense, como explica (Sampieri, 2010), o entrevistador realiza seu trabalho com base num guia de perguntas específicas e se sujeita exclusivamente a esta, (a técnica prescreve que questões se perguntaram e em que ordem).

Segundo Torres González et al (2011, p.46) a entrevista é uma técnica ou ferramenta utilizada em diversas investigações no qual o entrevistador expõe os temas de interesse utilizando para isso perguntas específicas e o entrevistado proporciona informação sobre si próprio, sua experiência ou o sobre qualquer que seja o tema em questão. Ainda os autores explicam que o questionário é um procedimento técnico que serve para obter informações e dados. É, portanto uma ferramenta de investigação, uma técnica que pode ser útil em distintos métodos.

As ferramentas de pesquisa utilizadas objetivam fazer a caracterização do universo pesquisado, descrevendo as opiniões dos inqueridos no questionário e nas considerações dos entrevistados sobre o objetivo geral abordado que é analisar as transformações ocorridas na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade na perspectiva de manutenção da tradição.

A técnica e instrumento foram validados pela professora orientadora/tutora da referida investigação, e por 5 (cinco) professores doutores da UAA e da UFPB. Realizada a revisão e aprovação da professora orientadora deste estudo para futuras modificações, adequações para serem validadas pelos cinco doutores professores do Curso de Pós-Graduação nas modalidades de Mestrado e Doutorado na área da Educação ou cursos relativos.

Os instrumentos para coleta de dados foram aplicados em 24 de abril de 2015 e no primeiro momento foi realizada a apresentação do projeto de estudo para o chefe dos ciganos o “Coronel” Francisco Soares Figueiredo, por meio de uma carta de anuência solicitando permissão, o que foi concedida, para realização da pesquisa na comunidade cigana Calon de Sousa – PB, com o objetivo de colocar a par do motivo e seriedade do estudo, as instituições a que ela é vinculada, a identificação

da pesquisadora responsável e as condições necessárias à participação dos ciganos. Como também as direções das escolas que tem alunos ciganos acolheram com agrado a solicitação aos professores que tem alunos ciganos em sala de aula que responderam prontamente consentindo que a entrevista fosse realizada nas respectivas escolas.

Portanto, a aplicação da entrevista estruturada com os professores foi realizada nas escolas onde lecionam e que tem aluno cigano em sala de aula. A pesquisa contou com a colaboração dos membros do Grupo de Estudo “ A escolarização dos ciganos como espaço de construção de cidadania – Sousa/PB, desenvolvido desde 2009, pelo Grupo de Pesquisa: Formação Docente/Inclusão/Exclusão e Diversidade coordenado pela Professora Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues, do Centro de Educação da UFPB, já citados nesta pesquisa, esclarecendo e guiando os participantes a responderem a entrevista.

O questionário foi aplicado aos ciganos no Centro Calon de Desenvolvimento Integral – CCDI, localizado entre os ranchos na comunidade cigana. Tanto os professores como os ciganos contribuíram para a finalização dos resultados propostos. Os resultados obtidos por meio dos instrumentos foram analisados criteriosamente, cada entrevista e questionário sendo apresentado em quadros e tabelas. Aos participantes, foi garantido anonimato, bem como de se dá o resultado da tese de doutoramento da UAA. A pesquisa foi bem aceita pelos professores e os ciganos e ficaram muitos felizes com a proposta da pesquisadora em realizar o estudo na comunidade cigana Calon de Sousa – PB.

3.4. População e Amostra

A população é a totalidade de elementos sob o estudo que apresentam uma ou mais características em comum. Para (Torres Gonzáles, 2014) população é o total das unidades de análise que são tema para o estudo e que a amostragem é parte representativa da população (de um grupo é retirado uma amostra, ou seja, um subgrupo). A amostra foi selecionada com uma amostragem aleatória simples de forma não probalística com desenho não experimental, e que os participantes foram

selecionados mediante um critério intencional e opinativo, onde a abordagem interpretativa não pretendeu fazer generalizações a partir do objeto estudado.

A amostra é de 23 (vinte e três) professores não ciganos que lecionam na Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomas Pires e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz, que tem alunos ciganos em sala de aula. São dezessete do gênero feminino e seis do masculino, suas idades situam-se no intervalo de trinta a cinquenta e um anos, todos com mais de dez anos de magistério e habilitados com a Licenciatura em Pedagogia, História, Filosofia, Sociologia, Letras (Inglês), Letras (Português), Geografia e Matemática. Como também, sujeitos dessa amostra, os 30 (trinta) ciganos escolarizados da comunidade cigana Calon de Sousa, sendo um total de 53 (cinquenta e três participantes).

Os quadros que se seguem apresentam os participantes da pesquisa para uma melhor leitura dos dados obtidos:

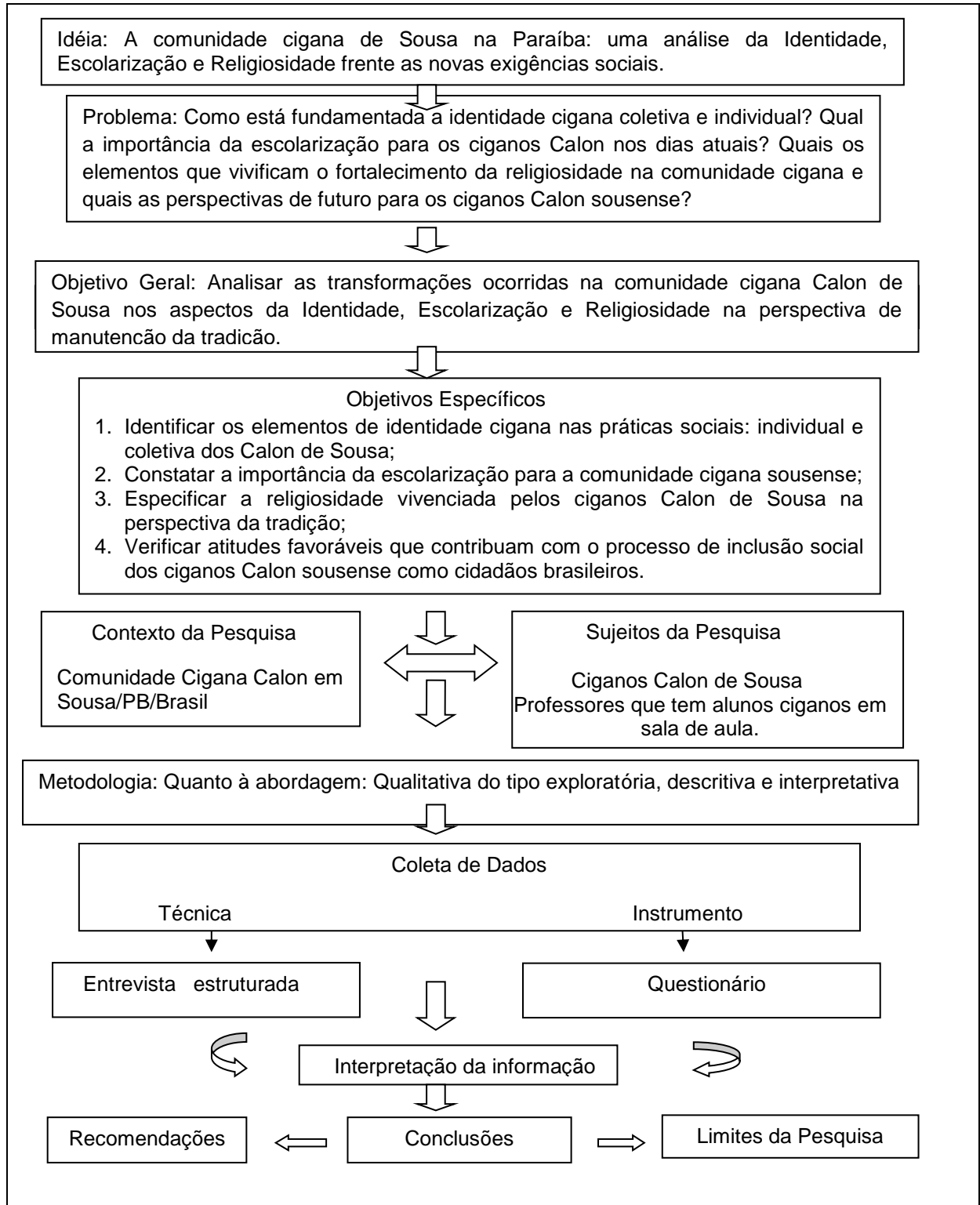
Quadro 13. Participantes da pesquisa

Entrevista estruturada	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz	Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires	Total
Professores	13	10	23
Questionário Aberto	Ciganos Calon escolarizados		30
Total de participantes			53

Fonte: Elaboração própria

3.5. Desenho Metodológico de Investigação

Quadro 14. DESENHO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO



Fonte: (Vasilachis, 2011)

4. ANÁLISES E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo a pesquisadora apresenta as análises dos resultados da pesquisa, obtidos a partir da aplicação das ferramentas propostas para tal. Os resultados respondem aos objetivos da pesquisa. Objetivos que fundamentam a pesquisa científicas obedecendo a requisitos teóricos e metodológicos baseados à luz das teorias estudadas.

4.1. Análises dos resultados da entrevista estruturada aplicada aos professores

O resultado da entrevista estruturada aplicada aos professores responde ao objetivo específico 2 – que é analisar a importância da escolarização para a comunidade cigana sousense. Dos 23 (vinte e três) professores que tem aluno cigano em sala de aula, todos responderam a entrevista.

Analisando os resultados obtidos através da entrevista, onde foram estabelecidos quatro temas com questões subjetivas e, com a proposta de responder ao objetivo já citado anteriormente temos os seguintes resultados:

Quadro 15. Entrevista estruturada com os professores

Temas	Questões	Respostas
Relação Professor/ aluno cigano	Como se dá a relação professor/aluno em sala de aula?	São boas, de maneira natural, normal e satisfatória.
	Como essa relação acontece fora da sala de aula?	Existe o preconceito; nenhuma escola acreditava nos alunos ciganos.
	Como se dá seu relacionamento com a família cigana de seus alunos?	Relações ótimas, são respeitados pelas famílias dos alunos ciganos; não tem contato com as famílias.
	Os pais dos alunos ciganos participam das reuniões das atividades escolares?	Evidente desinteresse dos pais pela vida escolar dos filhos.
Relação aluno/ aluno cigano	Com os colegas de classe?	Dificuldades em sala de aula. Alunos não cigano não querem realizar trabalhos com os alunos ciganos.
	Com colegas de outras salas?	Acontece de maneira natural, existe respeito; existe o preconceito e os alunos ciganos se isolam.
	No pátio da escola?	Não percebem diferença entre os alunos.

	Você usa alguma estratégia para incluir e aproximar os alunos ciganos e os não ciganos?	Trata todos iguais.
Processo ensino aprendizagem	A metodologia utilizada é adequada ao bom rendimento do aluno cigano em seu processo ensino aprendizagem?	Metodologia sistemática é igual para todos.
	Você faz alguma adaptação em sua metodologia de aula contemplando a cultura cigana?	Não faz nenhuma adaptação na metodologia por falta de informação sobre a etnia cigana.
	Os conteúdos das disciplinas trabalhados em sala de são facilmente compreendidos pelos alunos ciganos?	Compreendem as disciplinas mas apresentam dificuldades.
	Que dificuldades de aprendizagem você acha que seu aluno cigano tem?	Língua falada e escrita proveniente da mistura do dialeto cigano Calon com o português.
	Há disciplina em que os alunos ciganos apresentem maior dificuldade de aprendizagem?	Português, Matemática, Geografia e Química.
Inclusão do Aluno cigano	A escola oferece condições para o ingresso de aluno/cigano?	Proporciona o ingresso ao aluno cigano.
	Como você percebe a inclusão sócio educacional dos ciganos na cidade de Sousa?	A escola proporciona oportunidades; Pais de alunos ciganos trabalham na escola; Participação em grupos de dança na cidade.
	Seu aluno cigano utiliza computador?	Em casa, escola e Lan House.
	Qual a participação do aluno cigano nos eventos e comemorações escolares?	Jogos escolares, dança, música, canto, poesia e outros eventos escolares.
	Em sua opinião, que concepção a sociedade tem acerca do povo cigano?	Preconceituosa, são discriminados, vadios, preguiçosos, que roubam e que é um povo sem lei.
	Na sua formação de educador você se preparou para trabalhar com a diversidade sociocultural?	Alguns disseram que sim outros que não tem experiência e que aprendem com a vivência.
	Como você lida com o preconceito em sala de aula e em outros espaços escolares?	Quando percebe a intolerância faz intervenção e fala sobre a igualdade entre os alunos.

Fonte: Elaboração própria

Analisando o primeiro tema respondido pelos professores que foi relação professor/aluno cigano na primeira questão a maioria respondeu que não há diferença entre eles e que as relações são boas, acontecendo de maneira natural, normal e satisfatória. Sustentando a opinião dos docentes Rodrigues (2012, p.126) defende que as relações de interação e convivência entre os alunos ciganos em algumas escolas favorecem os ideais de uma convivência fraterna e colaborativa.

Para Rubem Alves (2004) apud Nietzsche “aquele que é um verdadeiro professor toma a sério somente as coisas que estão relacionadas com os seus estudantes – inclusive a si mesmo”. O autor também reforça o seu ponto de vista sobre o relacionamento professor e aluno, cigano ou não, quando ressalta que sonha com o dia em que professores, em suas conversas, falarão menos sobre os programas e as pesquisas, e terão mais prazer em falar sobre os seus alunos. As reflexões aqui postas corroboram com a idéia de que a escola tem papel preponderante na promoção da socialização das pessoas, (re) elaborando os conhecimentos pedagógicos adquiridos e construindo uma autonomia pedagógica peculiar, a cada contexto histórico educativo.

Na segunda questão do primeiro tema alguns professores falaram que não há relacionamento de amizade e existe o preconceito com os alunos ciganos e que nenhuma escola acreditava neles. Levando a considerar, neste item, que cada cidadão (ã), tenha na escola através de seus professores uma aliada que exerce um papel relevante na construção das relações sociais.

Alguns autores fundamentam esse contexto como Siqueira (2002, p.65) quando destaca que “ grande aumento de ciganos envolvidos com a educação formal na geração pós-nômade em que muito favoreceu ao estreitamento das relações entre ciganos e não ciganos. O cigano “ O Coronel”, presidente do Centro Calon de Desenvolvimento Integral - CCDI da comunidade de Sousa-PB enfatiza que muitos benefícios e que algumas atitudes começaram a modificar em relação a aceitação dos alunos ciganos na escola e na convivência com os que fazem parte da sociedade de Sousa.

Em relação a terceira questão do primeiro tema os docentes na sua maioria responderam que há uma relação ótima e que são respeitados pelas famílias dos alunos ciganos. Mas outros falaram que não tem contato com as famílias e que a ausência dos pais dificulta essa relação. Vale ressaltar que a dificuldade no relacionamento com algumas famílias ciganas deve-se levar em conta que a maioria são analfabetos, não tiveram oportunidade de ir à escola, mas que na atualidade querem que seus filhos estudem para melhorar de vida.

Nesse contexto, destaca-se para Candau et al (2008, p.44) que a ausência das relações com as famílias constitui uma preocupação e uma dificuldade. A consciência da importância da parceria com as famílias é clara, mas ao mesmo tempo, a dificuldade de se encontrar estratégias adequadas foi continuamente assinalada. É importante considerar que esse relacionamento entre professor e a família dos alunos tem um aspecto fundamental no processo-ensino aprendizagem e nas diversas formas de comunicação, nos aspectos afetivos emocionais para uma melhor transmissão e assimilação dos conhecimentos.

Sintetizando o pensamento dessas autoras, elas valorizam a postura das famílias como atores ativos no processo de aprendizagem dos alunos, procurando com suas experiências do dia-a-dia serem parceiros dos professores e de toda a comunidade escolar. Um dos aspectos que se deve levar em consideração na relação professor e a família dos alunos ciganos é a diversidade de conhecimentos, tradição e cultura e conseqüentemente aproximação entre eles.

Na quarta questão do primeiro tema foi perguntado aos professores sobre a participação dos pais nas reuniões escolares responderam que poucos pais são interessados em participarem das atividades de seus filhos na escola. Estas afirmações dos entrevistados tornam evidente o fato do desinteresse dos pais pela vida escolar dos seus filhos, constituindo uma preocupação e uma dificuldade para os docentes que necessitam do apoio da família e de todos que integram o contexto escolar. Nesta perspectiva, como quer que aconteça os professores devem manter os pais informados sobre o que acontece na escola e também comunicar, por meios diversos, as atividades da escola.

O segundo tema da entrevista a ser tratado foi a relação aluno/aluno cigano e na primeira questão foi a relação dos alunos ciganos com os colegas de classe. Neste item, os professores responderam que há dificuldade de relacionamento no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, uma vez que, os alunos não querem realizar trabalhos com alunos ciganos. Mesmo com a dificuldade de desenvolver trabalhos em conjunto entre alunos ciganos e não ciganos não há atrito entre eles.

Na segunda questão do segundo tema no que diz respeito às relações dos alunos ciganos com colegas de outras salas. Nesta resposta alguns professores disseram que há um bom relacionamento entre eles e que acontece de maneira natural, não há problemas, e que existe respeito. Enquanto, outros docentes afirmaram que existe preconceito entre eles, e que isso acarreta dificuldade nas relações entre alunos ciganos e não ciganos de outras salas de aula. A convivência escolar, está relacionada a todos os contatos e acontecimentos na escola, e que estão incluídos todos que fazem parte da vida da escola direta ou indiretamente.

O preconceito é mencionado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), como um grande desafio da escola na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro. A pluralidade cultural brasileira, étnica e social é muito diversificada e torna-se alvo de preconceito e de discriminação.

A terceira questão do segundo tema foi questionada aos professores como se configura a relação aluno/aluno cigano no pátio da escola? Os docentes responderam que não percebem diferenças entre eles. No item dois do segundo tema foi perguntado ao professor se usa alguma estratégia para incluir e aproximar os alunos ciganos e alunos não cigano. Todos responderam que não é necessário e que essa aproximação acontece de maneira natural.

O terceiro tema a ser tratado foi o processo-ensino-aprendizagem. Nesse tema a primeira questão foi se a metodologia utilizada é adequada ao bom rendimento do aluno cigano em seu processo de ensino aprendizagem? A maioria dos professores responderam que a metodologia é sistemática e apropriada ao bom desempenho do aluno cigano.

A segunda questão do terceiro tema foi, você faz alguma adaptação em sua metodologia de aula contemplando a cultura cigana? Todos responderam que não realizam nenhuma adaptação na metodologia seguindo a cultura cigana por falta de informação sobre essa etnia. Para a terceira questão ainda no terceiro tema foi perguntado se os conteúdos das disciplinas trabalhados em sala de aula são

facilmente compreendidos pelos alunos ciganos? Os professores responderam que os alunos ciganos entendem as disciplinas trabalhadas em sala de aula mas apresentam algumas dificuldades por leitura muito precária.

Na quarta questão do terceiro tema que dificuldades de aprendizagens você acha que seu aluno cigano tem? A maioria dos professores responderam que as maiores dificuldades do aluno cigano estão relacionadas a língua falada e escrita, ocasionada pela mistura com o dialeto cigano Calon. No terceiro tema na quinta questão foi se há disciplina em que os alunos ciganos apresentam maior dificuldade de aprendizagem? Os docentes responderam que as disciplinas que os alunos ciganos tem dificuldades são Português, Matemática, Geografia e Química.

O quarto tema a ser abordado foi a inclusão do aluno cigano. Sendo na primeira questão saber se a escola oferece condições para o ingresso do aluno cigano? Com relação a esse quesito os professores responderam que a escola proporciona oportunidades para o ingresso do aluno cigano e que maioria dos alunos ciganos são matriculados no turno da noite. A Constituição Federal de 1988, no seu Art. 205, promove a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Na segunda questão foi indagado como você percebe a inclusão sócio educacional dos ciganos na cidade? Os docentes responderam a inclusão é ativa, que a escola proporciona oportunidades tem pais de alunos ciganos que trabalham na escola, participam de grupo de danças no Centro Cultural da cidade de Sousa e que hoje são mais aceitos principalmente pela cultura cigana.

O Plano Estadual de Educação da Paraíba (2015-2025) no seu aspecto estrutural foi organizado em cinco tópicos principais, a saber: educação básica, educação superior, formação e valorização dos profissionais da educação, gestão democrática da educação e financiamento da educação. Além destes, foi incluído no

primeiro tópico a educação para a cultura dos direitos humanos, das relações étnico-raciais e de educação ambiental.

Neste contexto, o presente PEE realçou, de forma especial, a diversidade, com ênfase na educação escolar indígena e na educação escolar quilombola. De forma inovadora, em face da especificidade da Paraíba que apresenta em seu território comunidades ciganas fixadas, a exemplo daquela presente na região polarizada pelo município de Sousa, criou-se a terminologia educação escolar cigana, como forma de garantir a efetivação dos direitos à educação inclusiva e de qualidade a este grupo étnico.

Com relação a terceira questão do quarto tema abordado foi perguntado se o aluno cigano utiliza o computador? Os docentes disseram que não só utilizam na escola, como alguns tem em casa e os que não tem vão a Lan House³⁹, para a quarta questão qual a participação do aluno cigano nos eventos e comemorações escolares? Os docentes disseram que a participação dos alunos é total nas atividades da escola sendo elas: jogos escolares, danças, músicas, cantos, poesias e outros movimentos artísticos.

Para a quinta questão do tema quatro, em sua opinião que concepção a sociedade tem acerca do povo cigano? Os professores responderam que a sociedade sousense tem muito preconceito com os ciganos, são discriminados, vadios, preguiçosos, roubam e que é um povo sem lei. Dentre os entrevistados alguns falaram que depende muito do nível de conhecimento de cada pessoa, quanto menor o nível de escolarização maior o preconceito. O sociólogo Boaventura Souza Santos (2009) defende que temos o direito de ser iguais quando a nossa

³⁹ Lan House uma loja ou local de entretenimento caracterizado por ter diversos computadores de última geração conectados em rede de modo a permitir a interação de dezenas de jogadores. www.dicionarioinformal.com.br

diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferente quando a nossa igualdade nos descaracteriza.

Na sexta questão do quarto tema foi perguntado ao professor se na sua formação de educador se preparou para trabalhar com a diversidade cultural? Alguns disseram que sim, outros que não tem nenhuma preparação e que a experiência se dá no dia a dia aprendendo com os alunos ciganos. Mas Rodrigues et al (2012, p. 119) sustenta que se faz necessário articular disciplinas nos cursos de formação de professores que lidam com a formação do humano, fazê-lo evoluir, crescer e desenvolver-se. A autora quer dizer que o curso de formação de professores (as), não pode omitir-se frente às questões da diversidade, presentes, de forma cada vez mais intolerante, inclusive em salas de aula.

Para a sétima e última questão da entrevista a pergunta foi como você lida com o preconceito em sala de aula e em outros espaços escolares? Os professores responderam que lidam com a intolerância em sala de aula e quando percebem faz a intervenção e fala sobre a igualdade social.

Para uma melhor compreensão do que seja preconceito o dicionário de Aurélio (2018), assim define: é uma idéia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial. Rodrigues (2012) explica que “preconceito” é um juízo preconcebido, uma opinião não justificada geralmente na forma de atitudes discriminatórias perante pessoas, lugares ou tradições consideradas diferentes ou estranhas. O preconceito que existe em sala de aula, na própria escola e na sociedade pode ser compreendido como uma representação do comportamento dos indivíduos adultos, que pode ser mudado através de um processo de conscientização realizada em sala de aula, quando o professor ensinar a cada um a se colocar no lugar do outro e apesar da diversidade cultural, são todos iguais e merecem respeito.

4.2 Análise dos Resultados do Questionário Aberto Aplicado aos ciganos Calon

Os ciganos da comunidade Calon de Sousa – PB constituídos como sujeitos da pesquisa, que contribuíram com suas opiniões através do questionário, são em número de trinta ciganos escolarizados. Para realização desta análise, buscou-se através da enquete identificar a opinião dos ciganos Calon de Sousa, obtendo respostas rápidas e precisas para atender aos objetivos específicos 1 – identificar os elementos de identidade cigana nas práticas sociais: individual e coletiva dos Calon de Sousa; 3 – constatar a religiosidade vivenciada pelos ciganos Calon de Sousa na perspectiva da tradição; 4 – verificar atitudes favoráveis que contribuam com o processo de inclusão social dos ciganos Calon sousemense como cidadãos brasileiros. Tendo em vista ser esse tipo de procedimento comumente aplicado em coleta de dados qualitativa, permitindo analisar as declarações do sujeito pesquisado de diferentes aspectos da mesma atitude.

No quadro 16, as dez questões abertas contidas do questionário com as respostas dos ciganos.

Quadro 16. Questionário aplicado aos ciganos Calon de Sousa

Questões	Respostas
1. Quando os ciganos chegaram a cidade de Sousa – PB?	De origem nômade se instalaram em Sousa a partir de 1982
2. O que caracteriza a identidade dos ciganos Calon de Sousa?	O sedentarismo; a organização social da comunidade que ainda segue o modelo tradicional da cultura cigana; buena diche (leitura das mãos); língua Romani (dialeto Caló); valoriza a família, o casamento, a música e a dança; religião, lendas ciganas e a morte.
3. A comunidade cigana Calon de Sousa cultiva sua cultura?	Ainda existe um pouco de cultura, mas está se acabando por falta de recursos, de tempo, e de um professor que seja cigano para manter e resgatar a cultura cigana; a língua cigana está sumindo, os mais jovens não sabem falar.
4. No dia a dia, como você vê a cultura cigana?	Diminuiu depois que os ciganos pararam de andar; a TV interfere, é ruim, tira a idéia do jovem de ser cigano; mudando a maneira de vestir, a música e a maneira do cigano pensar; os ciganos precisam de mais oportunidade, são desclassificados e discriminados; se o Centro Cultural funcionasse ajudaria muito para a cultura não se acabar.
5. Quais são os costumes que mais se destacam na comunidade cigana?	A dança, o canto, a música; a família, o casamento; a religião; as roupas; os enfeites; a buena diche, o comércio, beber café grosso e amargo; comer carne de porco, toucinho, pão e peru. A fala mansa e arrastada assim com falar errado.

6. Como se dá a educação das crianças, dos jovens e dos adultos?	A educação dos jovens fica por conta dos pais, é uma cultura que ainda permanece, os jovens escutam e obedecem; na família, existe obediência e respeito; a educação é na escola; nós não tem estupro; pedofilia; não tem gay; cigano não rouba cigano; cigano respeita cigano.
7. Como um cigano se alfabetiza?	Antigamente quando os ciganos não tinham escola, aprendia a lê com os mais velhos que sabiam. Hoje em dia é através da escola e em casa.
8. Qual a sua opinião sobre educação escolar?	É muito importante; devia todo mundo estudar para arranjar trabalho; é o melhor que devemos dar aos filhos; as crianças ciganas sofrem preconceitos na escola; não tem escola perto; muitos desistem pela discriminação e preconceito.
9. Em se tratando de religiosidade, quais são as vivenciadas na comunidade cigana?	A religião Católica na maioria; devoção a Santa Sarah Kali; Testemunha de Jeová; Assembleia de Deus; Universal do Reino de Deus e a Igreja Batista.
10. Quais as perspectivas para os ciganos de Sousa?	Esperança de trabalho, de saúde e educação; vejo a cultura cigana se acabando porque os ciganos estão entrando na sociedade, estão progredindo. Muitos estão estudando para ter uma vida melhor; a principal dificuldade em manter e dar continuidade a cultura cigana é a falta de dinheiro, projetos para a comunidade e geração de renda.

Fonte: Elaboração própria.

Analisando a primeira questão respondida, que foi quando os Calon chegaram a cidade de Sousa – PB. Todos os ciganos responderam que foi no ano de 1982, que fixaram moradia definitiva na cidade de Sousa. A própria história contada pelo “Coronel”, o cigano Francisco Figueiredo, relata o evento da chegada de seu grupo a Sousa, de forma mais definida em 1982, durante o mandato de Antônio Mariz como prefeito da cidade: [...os ciganos começaram a deixar a vida de andarilho encerrando definitivamente no ano de 1982...] (Figueiredo, 2012, p.25).

Segundo (Goldfarb, 2010) tais grupos estão sedentarizados desde a década de 1980, e sua fixação baseou-se na articulação, desenvolvendo assim formas de fixação e estratégias de trocas. Para os ciganos a cidade de Sousa era considerada como um lugar seguro onde na época o então já governador Antonio Mariz trabalhou nas negociações para definição de um terreno onde os ciganos pudessem se instalar.

No segundo item foi perguntado o que caracteriza a identidade dos ciganos Calon de Sousa? Os inqueridos responderam o sedentarismo, a história contada de pai para filho, a organização social da comunidade que segue o modelo tradicional

da cultura cigana; a buena diche (leitura das mãos); a língua Romani (dialeto Caló); valoriza a família, o casamento; a música e a dança; a religião; lendas ciganas e a morte. É neste contexto que a identidade cigana é constituída, especialmente nas relações de parentesco quando se constrói a identidade cultural da população cigana e é nesta conjuntura de irmandade que se estabelece as características da identidade social cigana.

Na dissertação de mestrado de Rita Alexandre Jesus Marques, intitulada “ O sucesso no percurso escola da etnia cigana”, 2016 – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria/Portugal, aponta nos seus estudos que a construção da identidade deve ser entendida como um processo flexível e dinâmico, ao qual estão inerentes transformações. O indivíduo recebe diversas influências e atua em diferentes contextos, integrando pertencas múltiplas e desempenhando variado papéis que coexistem e se inter-relacionam.

A autora cita (Dias et al, 2006, p.27) que a identidade, no caso cigano, constrói-se num contexto de interação, na relação entre o eu e o outro, na semelhança e na diferença e determina o lugar que os indivíduos (ciganos) ocupam na sociedade, [...] a identidade constrói-se, fundamentalmente, na diferença. Segundo os autores, a identidade é produto da sua cultura, estabelecendo-se numa organização social, com base na família e nas relações de parentescos tecidas entre as várias famílias, em que mulher, homem, criança cumprem papéis sociais distintos.

Segundo Maria Patrícia Lopes Goldfarb em seu artigo “ Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos Calons na cidade de Sousa – PB, [...] a identidade, que pode ser desenvolvida no plano das ações ou das narrativas, representa um recurso indispensável para a criação de um nós coletivo, fundamental ao sistema de representações através do qual os grupos podem reivindicar um espaço de visibilidade e de atuação sociopolítica. O cigano “ Coronel” (Figueiredo, 2012, p.29) ressalta “ Eu conheço muito a vida do cigano mais ainda não sei a sua verdadeira identidade”.

Na terceira questão foi perguntado aos ciganos se a comunidade cigana Calon de Sousa cultiva sua cultura? Os inqueridos responderam que ainda existe um pouco de cultura, mas que está se acabando por falta de recursos, de tempo, e de um professor que seja cigano para manter e resgatar a cultura cigana; outros ciganos falaram que a língua está sumindo os mais jovens não sabe falar o dialeto Caló.

No cenário, em que a cultura cigana dos Calon de Sousa está desaparecendo, sendo um dos desafios dessa população em manter a tradição, não poderia facultar a inatividade do CCDI – Centro Calon de Desenvolvimento Integral, inaugurado em 2009, já citado neste estudo, que pela falta de recursos para conservação da estrutura, não funciona e está no processo de abandono pelas autoridades competentes. O Objetivo da criação deste Centro seria para preservar a cultura e manter a tradição dos ciganos Calon de Sousa. O fato é que, transcorridos anos, meses da abertura do CCDI, até hoje nenhuma atividade saiu do papel, e o edifício se encontra inteiramente vazio.

No quarto item, foi perguntado no dia a dia, como você vê a cultura cigana? Os questionados responderam que diminuiu depois que os ciganos pararam de andar, ou seja, se fixaram em Sousa. Os ciganos falaram que a televisão interfere, na cultura cigana, é ruim, tira a idéia do jovem ser cigano, mudando a maneira de vestir, a música e a maneira do cigano pensar. Outros inqueridos responderam que precisam de mais oportunidades, são desclassificados e discriminados. Todos foram unânimes ao dizerem que se o CCDI funcionasse ajudaria muito para a cultura cigana não se acabar.

O “Coronel” (Figueiredo, 2012, p.10) ao contar a história de vida dos ciganos Calon de Sousa, ressaltava a importância do CCDI para resgatar um pouco da cultura cigana, apesar de saber que é difícil mais não impossível. O “Coronel” cita que se a tal da tecnologia não surgisse como uma serpente venenosa para estrangular a fé e a coragem de um povo que veio do princípio do mundo. A televisão, por exemplo: com suas programações tirou de nossas belíssimas

mocinhas a originalidade cigana ensinando a prostituição e a desobediência aos pais.

Discordando dos autores, o cigano Albino Granato em entrevista ao Programa Diversidade no Encontro da Nova Consciência⁴⁰ sobre a história dos ciganos, assim falou sobre a cultura cigana: “ *[não tem como brigar contra o progresso hoje quem não gosta de conforto, quem não gosta de uma televisão e um computador isso é fundamental nos dias de hoje, então o que a gente fala e briga pelas novas gerações e que elas estudem. O que acontece a quem possa interessar cultura com ignorância a ninguém, ora nós passamos para as novas gerações que por mais que haja tecnologia e progresso pode se adaptar sem perder as suas raízes ciganas. É essas raízes ciganas o respeito aos idosos, o respeito as crianças que isto está no mandamento cigano, o povo que não respeita o passado e não respeita o seu futuro não existe]*”.

Para a quinta questão, quais são os costumes que mais se destacam na comunidade cigana? Todos os ciganos responderam que é a dança, o canto, a música, a família, o casamento, a religião, as roupas, os enfeites, a buena diche (leitura das mãos), o comércio de vendas e trocas, café grosso e amargo, comer carne de porco, toucinho, pão e peru, como também a fala mansa e arrastada, assim como falar errado.

Por intermédio da história escrita e contada por quem a viveu, fundamentando estão questão, o “Coronel” o chefe dos ciganos Calon de Sousa e presidente do CCDI, fala sobre os costumes dos ciganos Calon de Sousa. Diz o “Coronel”: a música é um costume que permanece viva na alma do cigano no decorrer da história. Sua maior preocupação é com sua família, ou seja, seu povo. O cigano não deixa de mão o seu violão, gostam de seresta, classe boêmio dotado de dom-ruanismo muito romântico e fácil de se apaixonar.

O Coronel relata que o casamento é feito mesmo sem existir namoro entre os noivos, os próprios pais e o chefe marcam a data para o casamento, dezembro ou

⁴⁰ Vídeo Youtube – A história dos ciganos

junho são datas comemorativas para eles. Sobre a religião predomina a católica, grande parte dos ciganos são devotos de São Francisco e da padroeira Santa Sara Kali. Gostam muito de ouro e prata, as ciganas se destacam pelas roupas longas e coloridas, cabelos longos e brincos reluzentes, colares, anéis e a boca cheia de ouro, morena trigueira, olhos pretos e de beleza rara. Adoram dançar, cantar, brincar e se divertem à vontade, é desse jeito a verdadeira rainha Calin (cigana do Grupo Calon).

Na sexta questão, como se dá a educação das crianças, dos jovens e dos adultos? Os ciganos entrevistados responderam que na cultura cigana a responsabilidade é dos pais, os jovens escutam e obedecem; na família, existe obediência e respeito; outros responderam que é na escola; alguns disseram que não tem estupro, pedofilia, não tem gay, cigano não rouba cigano, cigano respeita cigano. Ressalta-se a importância e valorização da família como principal responsável pela educação dos ciganos.

A sétima questão, como um cigano se alfabetiza? Os inqueridos responderam que antigamente quando não tinha escola aprendia com os mais velhos que sabiam. Hoje em dia é através da escola para os ciganos que conseguem ter acesso ao ensino.

Na oitava questão, perguntou-se qual a sua opinião sobre educação escolar? Alguns ciganos responderam que é muito importante; outros disseram que devia todo mundo estudar para arranjar trabalho; para alguns ciganos é o melhor que devemos dar aos filhos; outros disseram que as crianças ciganas sofrem preconceitos na escola; não tem escola por perto; outros disseram que muitos desistem pela discriminação e preconceito. Boaventura de Sousa Santos assim fala sobre o preconceito:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (Santos, 2016).

A nona questão, em se tratando de religiosidade quais são as vivenciadas na comunidade cigana? Os ciganos responderam que a religião Católica predomina na maioria; todos os ciganos são devotos de Santa Sara Kali, alguns são da Testemunha de Jeová; outros são da Assembleia de Deus; outros são da Universal do Reino de Deus; e outros da Igreja Batista. Observando-se que hoje frente as novas exigências sociais, várias denominações religiosas com suas religiosidades fazem parte da Comunidade Calon, transformando a tradição cigana milenar.

Para a décima questão, foi perguntado quais as perspectivas de futuro para os ciganos de Sousa? Os ciganos responderam que tinham esperança de trabalho, de saúde e educação; outros disseram que ver a cultura cigana se acabando porque os ciganos estão entrando na sociedade, estão progredindo. Muitos estão estudando para ter uma vida melhor responderam alguns; outros disseram que a principal dificuldade em manter e dar continuidade a cultura cigana é a falta de dinheiro, projetos para a comunidade e geração de renda.

5. CONCLUSÕES

Este ponto propõe-se em responder à problemática central deste estudo, bem como o objetivo geral que é analisar as transformações ocorridas na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade na perspectiva de manutenção da tradição, visto como aspectos importantes para os ciganos Calon. Para obter o resultado mediante a técnica da entrevista se investigou a percepção dos docentes de duas escolas que tem ciganos em sala de aula com relação ao professor/aluno cigano; relação aluno/aluno cigano; processo ensino/aprendizagem e inclusão do aluno cigano. Para interpretar essas informações recolhidas mediante a entrevista, desde um enfoque qualitativo se procedeu analisar os informes através da entrevista. O instrumento questionário, permitiu analisar as informações respondidas pelos ciganos, evidenciando que o preconceito e a discriminação existem nos dias atuais, dificultando o acesso à escola ao trabalho e a toda perspectiva de futuro.

O primeiro objetivo específico foi alcançado através do questionário aplicado aos ciganos que aponta *“identificar os elementos de identidade cigana nas práticas sociais: individual e coletiva dos Calon de Sousa”*. Os resultados revelam que esses elementos tanto individual quanto coletivo estão fundamentados no nomadismo hoje sedentarismo, pois estão fixados na cidade de Sousa; a memória (a história oral passada de pai para filho); a língua Caló ou Calé atualmente utilizada pelos mais antigos, porque os jovens não têm interesse de aprender o dialeto cigano; a maneira de se vestir não seguindo mais a tradição cigana e sim usando as roupas dos não ciganos; leitura das mãos; valoriza a família; casamento; música e dança; religião, lendas ciganas e a morte.

Com relação ao segundo objetivo específico, *constatar a importância da escolarização para a comunidade cigana sousense*. Foi respondido através da entrevista estruturada aos professores. Os resultados obtidos apontam para algumas dificuldades que são consideradas comuns aos alunos ciganos, em relação à aprendizagem. Constatou-se que a escola tem papel preponderante na interação do aluno cigano com o professor e os alunos não ciganos. O cigano Coronel falou

que muitos benefícios e algumas atitudes começaram a modificar em relação a aceitação dos alunos ciganos na escola como também na sociedade de Sousa. A sala de aula, na própria escola e na sociedade pode combater o preconceito, a discriminação, através de um processo de conscientização, quando for ensinado a cada um se colocar no lugar do outro e falar que embora exista as diversidades são todos iguais.

Esta questão acaba sendo pertinente para despertar no professor a necessidade de uma formação para trabalhar a diversidade num processo contínuo e persistente e que uma atividade sobre o respeito ao outro, não se esgota em um momento, mas começa nele, possibilitando a construção e reconstrução do saber e a formação do cidadão, tanto no individual quanto coletivo, dentro e fora da escola. As opiniões dos docentes revelam que a escola proporciona oportunidades, como o ingresso do aluno cigano a escola e que são respeitados pelas famílias dos alunos ciganos.

O terceiro objetivo específico “*especificar a religiosidade vivenciada pelos ciganos Calon de Sousa na perspectiva da tradição*”, foi concretizado, os resultados mostram que a religião Católica é predominante, como também a devoção a Santa Sara Kali, padroeira de todos os ciganos no mundo inteiro. Outras denominações são vivenciadas na comunidade cigana, são elas: Testemunha de Jeová, Assembleia de Deus, Universal do Reino de Deus e a Igreja Batista. Neste cenário com as exigências que essas denominações exigem os ciganos vão mudando os seus costumes e tradição.

O quarto objetivo específico “*verificar atitudes favoráveis que contribuam com o processo de inclusão social dos ciganos Calon sousense como cidadãos brasileiros*”. Os ciganos ao responder esta questão demonstraram muito otimismo para o futuro, visando uma maior interação com a sociedade de Sousa, o reconhecimento e a preservação da cultura cigana, frente as novas exigências sociais, a esperança de trabalho, saúde e educação.

Quanto ao reconhecimento como cidadão brasileiro, o cigano precisa conhecer não apenas os seus direitos, mais a comunidade como um todo. Ele deve entender o contexto da sociedade onde a comunidade cigana está inserida, conhecer as pessoas não ciganas, seus hábitos e costumes, nível socioeconômico e cultural. A partir daí, demonstrar a sociedade a cultura cigana, seus hábitos e costumes. Para que, nesse processo de interação a sociedade passe a aceita-los como paraibanos e cidadãos brasileiros, acabando com o preconceito e discriminação.

Refletindo sobre os resultados e as discussões desta pesquisa ressaltamos a necessidade da sociedade de Sousa e autoridades locais, estaduais e nacionais da urgente necessidade de ações que saiam do papel e políticas efetivas que atendam aquela comunidade em relação à saúde, moradia, trabalho e educação, bem como a urgente necessidade de resgatar e salvaguardar a identidade individual, coletiva e a tradição de seus elementos culturais entre eles, a língua Caló e toda cultura cigana.

Tais premissas possíveis de serem viabilizadas a partir da valorização da identidade cigana, da escolarização e da religiosidade como também da preparação e ocupação profissional com o objetivo maior de minimizar o preconceito e a discriminação negativizada pelo estado social e econômico daqueles indivíduos.

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como agência formadora através do Projeto Formação Docente/Inclusão, Exclusão e Diversidade, com o Plano “ A escolarização dos ciganos como espaço de construção de cidadania” como também esta pesquisa caminha do anúncio para a denúncia pelo descaso da falta de escolarização, sobretudo pela necessidade de revitalização do Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI), que se encontra descaracterizado e desqualificado pela ausência, sem recursos materiais ou pedagógicos que justificasse seu próprio nome “ Centro de Referência”.

Ressaltamos a importância desse estudo pela possibilidade de visibilidade que está sendo dada a comunidade cigana Calon de Sousa – PB, revelando suas carências físicas, políticas e sociais, desvendando a insuficiência das ações

educacionais dos professores e das escolas onde alguns ciganos conseguem estudar e, sobretudo do descaso e descompromisso e a não garantia dos direitos constitucionais de atenção à saúde, a educação e ao trabalho e o reconhecimento como cidadãos brasileiros.

Os problemas econômicos e sociais são cada vez maiores, assim como a discriminação fazendo com que os ciganos dessa comunidade não tivessem tantas oportunidades nos diversos âmbitos, pelo qual, estão vivendo de ajuda sociais como os programas assistencialistas oferecidos pelo governo associados aos seus ofícios trabalhistas atuais completam a sua renda familiar. Mesmo assim, muitos ainda tentam lutar contra essa discriminação e procuram se inserir de forma significativa na sociedade.

Esta pesquisa contribuirá para edificar a história social dessa população tentando da visibilidade a esse povo tão sofrido, que ainda buscam pela melhoria de vida e pelo reconhecimento de seus direitos como cidadãos, de modo que seja desenvolvida ações que valorizem a identidade cultural cigana, com isso tentamos desconstruir a invisibilidade e discriminações sociais que os ciganos ainda estão sujeitos.

6. RECOMENDAÇÕES

A luz das conclusões obtidas após análise dos resultados pesquisados com vista a apontar as transformações ocorridas pela influência da globalização na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade na perspectiva de manutenção da tradição recomenda-se o que foi acordado na Carta Aberta dos Povos Ciganos do Nordeste.

Os ciganos e gestores dos estados Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, reunidos durante o I Encontro de Ciganos do Nordeste, realizado nos dias 13 e 14 de agosto de 2015 no município de Sousa, no estado da Paraíba, estiveram pensando, debatendo e propondo melhorias para as nossas comunidades e nosso povo cigano do Nordeste, com o objetivo de garantir acesso a políticas públicas, o exercício de cidadania plena, proteção e preservação de nossas tradições e cultura. Os ciganos presentes entenderam a importância do fortalecimento de suas entidades representativas. Após os debates foram aprovados os seguintes eixos de reivindicações:

1. Identidade

A auto declaração conforme defendida na Conferência de Durban de 2001, só será aceita com o reconhecimento das Comunidades de Etnia Cigana em sua totalidade. Portanto, exigimos o esclarecimento do termo. Reconhecer como grupo Ciganos aqueles que estão sedentários, semi sedentários e nômades.

2. Proteção e Preservação da Cultura Cigana

Fica terminantemente proibido o ensino do dialeto dos Ciganos para não Ciganos; Incentivo a promoção e o fortalecimento da cultura cigana; Ações de enfrentamento ao racismo e discriminação contra os Ciganos, através de: Palestras, Oficinas, divulgação em rádios, jornais locais, e ampla divulgação de materiais por/em órgãos municipais, estaduais e federais.

3. Saúde

A divulgação e aplicação nas comunidades Ciganas da cartilha elaborada pelo Ministério da Saúde; Garantir a inclusão das comunidades Ciganas no Programa

Nacional de Saneamento Básico; garantir o atendimento das mulheres ciganas profissionais femininas.

4. Educação

A inclusão na grade curricular da temática cigana: realidade local e social dos ciganos no Brasil; Produção de material didático com protagonistas ciganos; levar para as comunidades os programas de educação continuada, cursos técnico/profissionalizantes; Bolsa de Estudo que garantam e assegurem a permanência dos estudantes ciganos nas instituições educacionais (públicas e privadas); garantir Jurisprudência de Lei de outros municípios e Estados que beneficie os ciganos; garantir a educação infantil e o Ensino Fundamental I dentro das comunidades Ciganas e capacitação dos profissionais da educação para garantir o bem estar e o respeito dos estudantes ciganos no ambiente escolar.

5. Trabalho

Garantir todas as conquistas dos outros Povos Tradicionais ao Ciganos em relação a concursos públicos e demais cotas; incentivar o empreendedorismo através de cursos remunerados e garantir estágios remunerados para estudantes ciganos universitários.

6. Habitação

Implementar o programa do Distrito Federal que garantiu a construção de casas em terrenos AGU; mapear terrenos públicos municipais, estaduais e federais para construção das casas de acordo com Portaria do Governo Federal vigente. Sendo responsável pelo mapeamento a Secretaria do Desenvolvimento Social e a Secretaria da Promoção da Igualdade Racial e garantir a documentação de regularização de terrenos e casas que os Ciganos receberam ou viram a receber de doações.

7. Cidadania

Levar ao conhecimento dos cartórios a recomendação do Ministério da Justiça em relação a emissão de documentos de identificação civil dos Ciganos (registro de nascimento, RG, CPF e título de eleitor); o direito sem constrangimento das ciganas

à leitura de mãos; formação e capacitação de policiais militar e civil, levando ao conhecimento da portaria do Ministério da Justiça que proíbe a invasão nos ranchos; a Secretaria de Desenvolvimento Social devem realizar busca ativa para inserir todos os Ciganos no CADÚnico enquanto cidadãos com direitos étnicos diferenciados; garantir recursos para capacitação de lideranças Ciganas para fortalecimento de suas comunidades e entidades jurídicas/políticas; incentivo a prática de esportes com construções de quadras poli esportivas; a reestruturação da SEPPIR no município de Sousa

O Centro Calon de Desenvolvimento Integral – CCDI deve ser reconhecido como entidade de referência Calon e garantir recursos públicos para ser administrados pelos próprios Calon; garantir a criação de outros centros de referência em outras comunidades Ciganas; o Prêmio Cultura Cigana de ser apresentado e concorrido pelos próprios Ciganos.

REFERÊNCIAS

- Abrantes, et al (2016) O modo de vida da comunidade cigana em Sousa-PB. INTESA – Informativo Técnico do Semiárido v.10 n1, p 77-91, Jan - Jun
- Amarilhas, C. (2014). *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa*. Asunción Paraguai: Edição Gráfica: A4 Diseños.
- American Psychological Association. (2010) *Publication manual of the American Psychological Association* (6th ed.) Washington, DC: Autor.
- American Psychological Association. (n. d.). (2010). *Manual de Estilo de publicaciones*. 6ta Ed. México: El Manual Moderno.
- Aranguren, L.E. (2005). *Problemas Sociales: desigualdade, pobreza, exclusión social*. Editora Biblioteca Nueva: Madrid.
- Auzias, C. (2001). *Os ciganos ou o destino selvagem dos Roms do Leste: Lisboa Antígona*.
- Baçan, L.P (1999). *Ciganos, os filhos do vento*. RocketEdition e BooksBrasil.com
- Barcelos, L.; Farias, E.; Fonseca. I.; Flores, E. y Rodrigues, J.M. (2014). *Diversidade Paraíba: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos*. 1ª edição. João Pessoa: Editora Grafset. Boas, F. (2008). *Textos de antropología*, Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, Madrid.
- Batuli, M.S. (2007). Cartilha: *Povo cigano o direito em suas mãos*. Brasília/DF.
- Bluteau, R. Vocabulario portuguez & latino (1712): aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.
- Brasil Cigano (2003). Guia de políticas públicas para os povos ciganos. Brasília, Brasil.
- Brasil (1988), Constituição da República Federativa do Brasil.
- Caria, Telmo (2002), *A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: relatividade e fronteiras*, in Caria, Telmo H (Org.) *Experiência etnográfica em Ciências Sociais*, Porto: Edições Afrontamento. Pp.2-20.
- Carvalho, J. M. (2001). *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Carvalho, M.C.M. de (Org.). (2011). *Construindo o saber: metodologia científica-fundamentos e técnicas*. São Paulo: Papyrus.

- Candau, V. M.; Sacavino, S.(2008). *Educação em direitos humanos*. Petropolis/RJ: DP et Alli Editora LTDA.
- Centurión, D. (2015). *Manual abreviado de método e Estilo: guia para a elaboração de teses e dissertações baseada em normas acadêmicas internacionais*. 1 ed. – Curitiba, PR: Editora CRV.
- Charox, Ofélia M. Guazzelli (2007). *Metodologia: processo de produção, registro, relato do conhecimento*. 3ª edição. São Paulo: DVS Editora.
- Corbetta, P. (2007). *Metodologia y técnicas de investigación social*. Edición Revisada. McGran-Hill/Interamericana de España, S.A.U. *Constituição da República Federativa do Brasil*. (1988). 5ª edição. Brasil: Imprensa Nacional.
- Cunha, J. R. (2013). *Ser cigano e estando em Sousa: discutindo os modos de ser após trinta anos da parada*. Monografia apresenta à Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da UFCG.
- Decreto nº 6040 da Presidência da República do Brasil (2006). Institui o Dia nacional do cigano. Brasília, Brasil.
- Diário Oficial do Estado da Paraíba nº 15.863 (2011). O centro de língua Caló em Sousa, PB, Brasil.
- Dornas F., João. (1948). *Os ciganos em Minas Gerais*. Separata da RIHG de MG, v. III.
- Ferrari, F. (2010). *O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros*. São Paulo. Tese 9Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo.
- Ferreira, A.B.de H (2010). *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Paraná, Brasil: Editora Positivo.
- Fraser, A. *História do Povo cigano*, Portugal, Teorema, 1997.
- Freyre, G. (1951). *Sobrados e mocambos*, 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Ed.

- Figueiredo, F.S. (2012), *Calon história e cultura cigana*. João Pessoa: Editora Sal da Terra.
- Gil, A.C. (2010). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5ª edição. São Paulo: Editora Atlas.
- Goldfarb, P. (2004). *O “tempo de atrás”: um estudo da identidade cigana em Sousa: PB*. Tese (Doutorado em Sociologia) – UFPB/CCHLA/PPGS.
- Gonzáles, J.A.T; Fernández, A.H. y Camargo, C.de B. (2014). *Aspectos fundamentais da pesquisa científica*. Asunción-PY: MARBEN Editora & Gráfica S.A.
- Gonzáles, J.A.T; Fernández, A.H. y Campoy, T. (2011). *Manual para elaboração de teses de mestrado e doutorado*. 1ª ed. Espanha: Jaén.
- Hall, Stuart. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro. DP&A,
- Hernandez Sampieri, R.; Collado, C.F. y Lucio, P.B. (2008). *Metodologia de la investigación*. 4ª edição. México: McGraw – Hill.
- Hernandez, S.R.; Fernandez. C.C y Baptista, L.P. (2004). *Metodologia de la investigación*. 3ª edição. Colômbia: McGraw – Hill.
- Kauark, F.; Manhães, F. C. y Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Bahia: Via Litterarum.
- Lakatos, E.M. (2003). *Metodologia do trabalho científico*. Ed. Atlas, San Pablo.
- Laplatine, F. (2007). *Aprender antropologia*. 20ª Edição. São Paulo: Brasiliense
- Lopes da Costa, E.M. (1997). *O povo cigano entre Portugal e terras de além-mar (séculos XVI-XIX)*. Lisboa: GT do Ministério da Educação para as comemorações dos descobrimentos portugueses, p.36.
- Macedo, O. (1992), *Ciganos: natureza e cultura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Marsiglia, L. (2008). *A saga cigana*. Super Interessante, São Paulo, n 256, p. 29

Disponível em: <http://super.abril.com.br/cultura/a-saga-cigana>. Acesso em: 26 de maio 2017.

Minayo, M. C. de S.; Deslandes, S.F y Gomes, R. (2012). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 32ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes

Moonem, F. (2008). *Os ciganos na Europa e no Brasil*. dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/index.html

_____ (2002). *Ciganos Calon na Paraíba*. Recife.

_____ (2011). *Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil*. 3ª ed. Recife. (Editora do autor)

_____ (2013). *Políticas ciganas no Brasil e na Europa* subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil. (Editora do Autor)

Morais Filho, A. J. de M. *Os ciganos no Brasil e o Cancioneiro dos ciganos*.

Mota, A. V.B. (2004). *Ciganos antologia de ensaios*. Brasília, Brasil: Editora Thesaurus.

Mucchielli, A (2009). *Dictionnaire des méthodes qualitatives em sciences humaines*, Paris: Armand Colin.

Paiva, Asséde. (2002). *Brumas da História- ciganos & escravos, no Brasil – a verdade*. Rio de Janeiro, RIHGB a. 163, n. 417, pp. 11-60, out./dez.

Paiva, Mirna Montenegro Val-do-Rio (2012). *Aprender a ser cigano hoje: empurrando e puxando fronteiras*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Instituto de Educação.

Pereira, C. da C. (2009). *Os ciganos ainda estão na estrada*. Rio de Janeiro: Rocco.

Pinsky, J. (2013). *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Quintana, M.V. (2009). *Multiculturalismo em las sociedades de ócio*. Ediciones Academicas: Madrid.

- _____ (2010). *Sociedades y mundo: de la teoría a la práctica em la ciência sociológica*. Ediciones Academicas: Madrid.
- Ramanush, N. (2011). *Cultura cigana, nossa história por nós. Embaixada cigana no Brasil*. Fundação Biblioteca Nacional – MEC.
- Rodrigues, Donizete; Vieira, Célia; Oliveira, Elisa; Figueiredo, Jorge; Figueiredo, Marina (2000), *ciganas e não ciganas: reclusão no feminino*, Lisboa: Contracapa e autores.
- Rodrigues, J. M. C. et al (2012). *Construindo trilhas, refazendo caminhos: alguns pontos de reflexão sobre educação e diversidade*. João Pessoa: Editora Mídia.
- Schepis, M. R. (1999). *Ciganos os filhos mágicos da natureza*. São Paulo: Editora Madras.
- Silva, A.M. (1789). *Diccionario da lingua portugueza – recopilado dos vocabularios impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- Silva, P. (2003). *Etnografia e educação. Reflexões a propósito de uma pesquisa sociológica*. Porto: Profedições.
- Silvia, K. S. y Silva, M. H. (2010). *Diccionario de conceitos históricos*. São Paulo: Editora Contexto.
- Siqueira, R. de A. (2012). *Os Calon do município de Sousa-PB: dinâmicas ciganas e transformações culturais*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia.
- Tamayo y Tamayo, M. (2003). *El proceso de la investigación científica*. México: Limusa.
- Teixeira, R.C. (1999). *História dos ciganos no Brasil*. Núcleo de Estudos Ciganos.
- Torres Gonzáles, J.A.; Hernandez Fernández, A. y Campoy, T. (2011). *Manual para elaboração de teses de mestrado e doutorado*. 1ª edição. Espanha: Jaén.

Torres Gonzáles, José Antonio, Hernández Fernández, Antonio y Barros Camargo, de Claudia. (2014). *Aspectos fundamentais da pesquisa científica*. Asunción, Paraguay: Marben Editora & Gráfica S.A.

Tratado da União Europeia (2016). *Relatório especial do tribunal de contas europeu. Iniciativas políticas e apoio financeiro da UE para a integração dos ciganos*.

Sulpino, M.P.L. (1999). *Ser viajor, ser morador: uma análise da construção da identidade cigana em Sousa – PB*. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Vasilachis, I. (2011). *Estrategias de investigación cualitativa*. Madrid: Gedisa.

Wallace, (2012). *Pastoral dos nômades do Brasil*. CNBB.

WEBGRAFIA

<https://leituradebaralhocigano.blogspot.com.br/2008/09/chegada-dos-ciganos-ao-brasil.html>

www12.senado.leg.br/nóncias/áudios/2017/02/comissão-de-educação-deve-analisar-estatuto-do-cigano

<https://nacoesunidas.org/especialista-da-onu-pede-esforcos-politicos-para-promover-direitos-dos-ciganos-e-combate-a-discriminacao/>

<https://pt.slideshare.net/carlostionello/aula-cultura-cigana-12062010>

<https://mundoestranho.abril.com.br/historia/quem-sao-e-de-onde-vem-os-ciganos/>

<https://dicionariodoaurelio.com/cigano>. Acesso em: 15 nov. 2017

<http://www.kumpaniaromai.com.br/textos/holocaustocigano.htm>

<https://canaldoensino.com.br/blog/educacao-e-escolarizacao-quem-sao-os-responsaveis-nesse-processo>

<http://queconceito.com.br/religiosidade>

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisadorecolar>

www.portalentretextos.com.br

www.mostracaravanacigana.com.br

www.dhnet.org/direitos/sos/ciganos

www.simbolos.net.br/simbolos-ciganos

www2.senado.gov.br

www2.jornalcruzeiro.com/materiais

www.embaixadacigana.org.br

www.dicio.com.br

lunacigana.blogspot.com/2011/11/as-roupas-ciganas.html

ciganaaganara.blogspot.com/2013/01

Vídeo youtube: A história dos ciganos – Programa Diversidade no Encontro da Nova
Consciência

APÊNDICES

Apêndice A - Carta de Anuência ao Chefe dos Ciganos para aplicação da pesquisa

CARTA DE ANUÊNCIA

Senhor Francisco Soares Figueiredo (Coronel)
Presidente do Centro Calon de Desenvolvimento Integral - CCDI
Chefe da Comunidade Cigana de Sousa/PB/Brasil

Prezado Coronel,

Maria José Rangel, Doutoranda em Ciências da Educação da Universidade Autônoma de Assunção, Facultad de Ciencias Jurídicas Políticas y de la Comunicación, Paraguai, vem solicitar autorização para realizar a pesquisa de campo intitulada A comunidade cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da identidade, escolarização e religiosidade frente as novas exigências sociais.

A pesquisadora aplicará questionários a trinta ciganos escolarizados, sobre questões relacionadas a identidade cigana individual e coletiva, escolarização e religiosidade dos ciganos Calon de Sousa, Paraíba, Brasil. Ao mesmo tempo a investigadora solicita autorização para realizar registros fotográficos, e que possa constar na tese, bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

O sigilo e privacidade dos participantes serão assegurados em todas as fases da pesquisa de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos.

Certa de contar com a vossa colaboração, agradeço antecipadamente e coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizeram necessários.

Atenciosamente,

João Pessoa, 23 de abril 2015.

Maria Jose Rangel
Doutoranda da Universidade Autônoma de Assunção – UAA/PY

Apêndice B – Carta de Anuência aos Diretores das Escolas Públicas

CARTA DE ANUÊNCIA

Aos Diretores (as) das Escolas Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Mariz e da Escola Estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Dr. Thomaz Pires.

Prezados (as) Diretores (as),

Maria José Rangel, Doutoranda em Ciências da Educação da Universidade Autônoma de Assunção, Facultad de Ciencias Jurídicas Políticas y de la Comunicación, Paraguai, vem solicitar autorização para realizar a pesquisa de campo intitulada A comunidade cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da identidade, escolarização e religiosidade frente as novas exigências sociais.

A pesquisadora realizará entrevista estruturada com os professores que tem aluno cigano em sala de aula, sobre questões relacionadas a escolarização dos ciganos Calon de Sousa, Paraíba, Brasil. Ao mesmo tempo a investigadora solicita autorização para que possa constar na tese, bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

O sigilo e privacidade dos participantes serão assegurados em todas as fases da pesquisa de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos.

Certa de contar com a vossa colaboração, agradeço antecipadamente e coloco-me a disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente,

João Pessoa, 24 de abril 2015.

Maria Jose Rangel
Doutoranda da Universidade Autônoma de Assunção – UAA/PY

Apêndice C - Roteiro da entrevista estruturada aplicada aos professores.

I -Relação professor/aluno cigano
<ol style="list-style-type: none"> 1. Como se dá a relação professor/aluno cigano em sala de aula? 2. Como essa relação acontece fora da sala de aula? 3. Como se dá seu relacionamento com a (s) família (s) cigana (s) de seu (s) aluno (s)? 4. Os pais dos alunos ciganos participam das reuniões de pais e professores? Participam dos projetos e atividades escolares? Acompanham o rendimento de seus filhos?
II – Relação aluno/aluno cigano
<ol style="list-style-type: none"> 1. Como se configura a relação que seu aluno cigano estabelece? <ol style="list-style-type: none"> 1.1. Com os colegas de sala 1.2. Com colegas de outras salas 1.3. No pátio da escola 2. Você usa alguma estratégia para incluir e aproximar os alunos ciganos e os alunos não ciganos?
III – Processo ensino aprendizagem
<ol style="list-style-type: none"> 1. A metodologia utilizada é adequada ao bom rendimento do aluno cigano em seu processo ensino-aprendizagem? 2. Você faz alguma adaptação em sua metodologia de aula contemplando a cultura cigana? 3. Os conteúdos das disciplinas trabalhados em sala de aula são facilmente compreendidos pelos alunos ciganos? 4. Que dificuldades de aprendizagens você acha que seu aluno cigano tem? 5. Há disciplinas em que os alunos ciganos apresentem maior dificuldade de aprendizagem?
IV – Inclusão do aluno cigano
<ol style="list-style-type: none"> 1. A escola oferece condições para o ingresso de aluno cigano? 2. Como você percebe a inclusão sócio educacional dos ciganos na cidade? 3. Seu aluno cigano utiliza computador? 4. Qual a participação do aluno cigano nos eventos e comemorações escolares? 5. Em sua opinião, que concepção a sociedade tem acerca do povo cigano? 6. Na sua formação de educador você se preparou para trabalhar com a diversidade sócio cultural? 7. Como você lida com o preconceito em sala de aula e em outros espaços escolares?

Apêndice D - Questionário aplicado aos ciganos

1. Quando os ciganos chegaram ao município de Sousa?
2. O que caracteriza os ciganos?
3. Que tradição e costumes mantêm?
4. Que tradição são as mais praticadas pelos ciganos?
5. Quais são os costumes que mais se destacam na comunidade cigana?
6. Dentro das tradições ciganas qual o papel atual da família na sociedade?
7. Quais são as mudanças que você considera importante na cultura cigana?
8. Qual a religião predominante na comunidade cigana hoje no cenário da tradição?
9. De que maneira se vivencia a religiosidade na tradição cigana?
10. Que pode fazer você para contribuir e incluir os ciganos como membros da sociedade?

Apêndice E - Validação do Roteiro de Entrevista



UNIVERSIDADE AUTONOMA DE ASSUNÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS, POLÍTICAS E DA COMUNICAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DO ROTEIRO DE ENTREVISTA
ESTRUTURADA

Prezado (a) Professor (a) Dr. (a),

Este formulário destina-se à **validação** da técnica de entrevista que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: ***A Comunidade Cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da Identidade, Escolarização e Religiosidade frente as novas exigências sociais.*** Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há **adequação entre as questões formuladas e o objetivo referente**, além da **clareza na construção** dessas mesmas questões. Caso julgue necessário, fique à vontade para sugerir melhorias utilizando para isso o campo de observação.

A numeração na coluna I corresponde ao número de questões e será utilizada para a aprovação de cada questão, o mesmo para a coluna II. As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com **(X)** se houver, ou não, coerência entre **perguntas, opções de resposta e objetivos**. No caso de a questão ter suscitado dúvida assinale a coluna **(?)** descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou na observação. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço por sua atenção e por ter contribuído para a realização desta pesquisa.

Maria José Rangel
Doutoranda em Ciências da Educação
Universidade Autônoma de Assunção - UAA

Apêndice F. Guião de Entrevista aberta aplicada aos Professores

I -Relação professor/aluno cigano
1. Como se dá a relação professor/aluno cigano em sala de aula?
2. Como essa relação acontece fora da sala de aula?
3. Como se dá seu relacionamento com a (s) família (s) cigana (s) de seu (s) aluno (s)?
4. Os pais dos alunos ciganos participam das reuniões de pais e professores? Participam dos projetos e atividades escolares? Acompanham o rendimento de seus filhos?
II – Relação aluno/aluno cigano
1. Como se configura a relação que seu aluno cigano estabelece:
1.1. Com os colegas de sala
1.2. Com colegas de outras salas
1.3. No pátio da escola
2. Você usa alguma estratégia para incluir e aproximar os alunos ciganos e os alunos não ciganos?
III – Processo ensino aprendizagem
1. A metodologia utilizada é adequada ao bom rendimento do aluno cigano em seu processo ensino-aprendizagem?
2. Você faz alguma adaptação em sua metodologia de aula contemplando a cultura cigana?
3. Os conteúdos das disciplinas trabalhados em sala de aula são facilmente compreendidos pelos alunos ciganos?
4. Que dificuldades de aprendizagens você acha que seu aluno cigano tem?
5. Há disciplinas em que os alunos ciganos apresentem maior dificuldade de aprendizagem?
IV – Inclusão do aluno cigano
1. A escola oferece condições para o ingresso de aluno cigano?
2. Como você percebe a inclusão sócio educacional dos ciganos na cidade?
3. Seu aluno cigano utiliza computador?
4. Qual a participação do aluno cigano nos eventos e comemorações escolares?
5. Em sua opinião, que concepção a sociedade tem acerca do povo cigano?
6. Na sua formação de educador você se preparou para trabalhar com a diversidade sócio cultural?
7. Como você lida com o preconceito em sala de aula e em outros espaços escolares?

Apêndice G. Validação do Questionário



UNIVERSIDADE AUTONOMA DE ASSUNÇÃO
FACULDADE DE CIÊNCIAS JURÍDICAS, POLÍTICAS E DA COMUNICAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

FORMULÁRIO DE VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO ABERTO APLICADO AOS
 CIGANOS CALON DE SOUSA

Este formulário destina-se à validação do instrumento questionário aberto utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo aplicados aos ciganos Calon da Comunidade de Sousa/PB/Brasil, cujo tema é: **“A comunidade cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da identidade, escolarização e religiosidade frente as novas exigências sociais”** que tem como objetivo geral **analisar as transformações ocorridas na comunidade cigana Calon de Sousa nos aspectos da identidade, escolarização e religiosidade na perspectiva de manutenção da tradição**. Para isso, solicito sua análise no sentido de verificar se há **adequação entre as questões formuladas e os objetivos referentes a cada uma delas**, além da **clareza na construção** dessas mesmas questões.

As colunas com **SIM** e **NÃO** devem ser assinaladas com **(X)** se houver, ou não, coerência entre **perguntas, opções de resposta e objetivos**. No caso de a questão ter suscitado dúvida assinale a coluna **(?)** descrevendo, se possível, as dúvidas que a questão gerou no verso da folha. Sem mais para o momento antecipadamente agradeço por sua atenção e pela presteza em contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa.

Questionário	Questões	Coerência			Clareza		
		Sim	Não	?	Sim	Não	?
OBJETIVOS DA PESQUISA							
Objetivo 1 Identificar os elementos de identidade cigana nas práticas sociais: individual e coletiva dos Calon de Sousa;	Quando os ciganos chegaram ao município de Sousa?						
	O que caracteriza os ciganos?						
	Que tradição e costumes mantêm?						
	Que tradição são as mais praticadas pelos ciganos?						
	Quais são os costumes que mais se destacam na comunidade cigana?						
	Dentro das tradições ciganas qual o papel atual da família na sociedade?						
	Quais são as mudanças que você considera importante na cultura cigana?						

<p>Objetivo 3</p> <p>Especificar a religiosidade vivenciada pelos ciganos Calon de Sousa na perspectiva da tradição.</p>	<p>Qual a religião predominante na comunidade cigana hoje no cenário da tradição?</p>						
	<p>De que maneira se vivencia a religiosidade na tradição cigana?</p>						
<p>Objetivo 4</p> <p>Verificar atitudes favoráveis que contribuam com o processo de inclusão social dos ciganos Calon sousense como cidadãos brasileiros.</p>	<p>Que pode fazer você para contribuir e incluir os ciganos como membros da sociedade?</p>						

Fonte: Torres González, J. A., Hernández Fernández, A. y Barros Camargo, C. (2014)

DADOS DO AVALIADOR

NOME COMPLETO: _____

FORMAÇÃO: _____

INSTITUIÇÃO DE ENSINO: _____

ASSINATURA DO AVALIADOR: _____

Apêndice H. Roteiro de Questionário aplicado aos ciganos

1. Quando os ciganos chegaram ao município de Sousa?
2. O que caracteriza os ciganos?
3. Que tradição e costumes mantêm?
4. Que tradição são as mais praticadas pelos ciganos?
5. Quais são os costumes que mais se destacam na comunidade cigana?
6. Dentro das tradições ciganas qual o papel atual da família na sociedade?
7. Quais são as mudanças que você considera importante na cultura cigana?
8. Qual a religião predominante na comunidade cigana hoje no cenário da tradição?
9 De que maneira se vivencia a religiosidade na tradição cigana?
10 Que pode fazer você para contribuir e incluir os ciganos como membros da sociedade?

Apêndice I. Declaração de Aplicação de Pesquisa de Campo

DECLARAÇÃO DE APLICAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

DECLARAÇÃO

Francisco Soares Figueiredo (Coronel), Chefe da Comunidade Cigana de Sousa/PB/Brasil, presidente do Centro Calon de Desenvolvimento Integral – CCDI, declara para os devido fins e efeitos legais de comprovação que a Pesquisa “A Comunidade Cigana de Sousa na Paraíba: uma análise da Identidade, Escolarização e Religiosidade frente as novas exigências sociais”, foi realizada nesta comunidade pela doutoranda Maria José Rangel, da Universidade Autónoma de Assunção, Faculdade de Ciências Jurídicas e da Comunicação – UAA/PY portanto, declaramos a veracidade dos registros pertinentes que a mesma demonstrou na Pesquisa.

Sousa, 26 / outubro - 2017



Francisco Soares Figueiredo

Chefe da Comunidade Calon de Sousa

Apêndice J. Declaração de participação do Grupo de Pesquisa Formação Docente



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDO FORMAÇÃO DOCENTE

DECLARAÇÃO

Declaro a quem interessar que MARIA JOSÉ RANGEL participa do Grupo de Estudo Formação Docente desde 2015 até a presente data, liderado pela Prof^a Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues.

João Pessoa, 26 de outubro de 2018.

Janine Marta Coelho Rodrigues
Prof^a Dr^a Janine Marta Coelho Rodrigues

Janine Marta Coelho Rodrigues

Coordenadora
Mat SIAPE 338275

ANEXOS

Anexo 1. A Cronologia é uma síntese contributiva da história dos ciganos no mundo, Brasil e na Paraíba. (Respeitou-se a grafia original) ⁴¹

1562

O cigano João Giciano, mulher e quatorze filhos são degredados para o Brasil. In Elisa Maria Lopes da Costa. O povo cigano entre Portugal e terras de além-mar, (p.36).

1574

¾ Dom Sebastião. Despacho sobre requerimento. A pena de galés imposta ao cigano João Torres foi comutada em desterro para o Brasil, podendo vir acompanhado de mulher e de seus filhos. (Arquivo Nacional, Liv. 16 de Legitim. D. Seb. E D. Henr., fl. 189). Apud Adolfo Coelho, os ciganos de Portugal, (p.200).

1578

¾ Frei Vicente Salvador, na sua História do Brasil, informa que em Pernambuco Diogo Martins escreveu uma carta a Diogo de Castro “ e lhe mandou por um cigano”. Apud José Alípio Goulart. O cavalo na formação do Brasil, (p.176).

1591

¾ Heitor Furtado de Mendonça, visitador do Santo Ofício, na Bahia e Pernambuco, recebeu dezenas de denúncias contra ciganos como delinquentes de crimes contra a religião e os bons costumes. In João Dornas Filho: Os Ciganos em Minas gerais, em RIHG de MG, ano III, 1948. Laura M. Souza: O diabo e a Terra de Santa Cruz. (pp.108-24); e Primeira Visitação do Santo Ofício – às partes do Brasil (Confissões da Bahia 1591 -1593), série Eduardo Prado – São Paulo, 1922, pp.57,74, 166. Ver também “Denúncias da Bahia” 1591 -1592, São Paulo 1925, pp.250, 285, 303, 323, 385, 388 e 400.

1591

¾ Violante Fernandes, viúva de um ferreiro cigano, também deportado de Portugal, agastada com as chuvas, dissera que “Deus mijava sobre ela que a desejava afogar”. Tareja Roiz ouvira da cigana Argelina que a cigana Maria Fernandes dissera: “que pesava de Deus porque chovia tanto”. In Primeira Visitação, Denúncias da Bahia, pp. 385 -386. Tareja Roiz negava a existência do dia do juízo. Idem, p.192. Apud Laura de Mello e Souza: O diabo e a Terra de Santa Cruz.

1603

¾ Ordenações Filipinas...que não entrem no reino Ciganos, Armênios, Arábios, Persas nem Mouriscos de Granada. Ordenações Philipinas, liv. V, tít. 69.

⁴¹ Asséde Paiva Oliveira – Ver. Acir Reis.

<https://leituradebaralhocigano.blogspot.com.br/2008/09/chegada-dos-ciganos-ao-brasil.html>

1603

³/₄ primeira loja no séc. XVII, da Vila São Paulo. Abre-a a cigana Francisca Roiz que diz se contentar com apenas 10% do lucro. E foi contratada para fornecer alimentos à comitiva de dom Francisco de Souza. “A nove dias de mês de agosto de mil seiscentos e três anos nesta vila na casa da Câmara, estando aí os Oficiais para fazerem Câmara e acordaram o seguinte – que era necessário haver na vila uma mulher que vendesse porquanto vinha o Sr. Dom Francisco de Souza e gente com ele e para isso lhe pareceu bem Francisca Roiz, cigana, que o fará muito bem e logo lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos”. Ver Taunay, in História da cidade de São Paulo; Belmonte: No tempo dos bandeirantes, (p.98) e José Alípio Goulart: O mascate no Brasil, (p.128).

1613, 13 de setembro

³/₄ Ley dos ciganos.“ Dom Phillipe per graça de Deos, Rey de Portugal, & Algarves, d’aquem & d’alem, Mar em Africa, Senhor de Guine, & da conquista, navegação, comércio & Ethiopia, Arabia, Persia, & India, & c. [...] que eu mandei passar hum Alvarà feito em Janeiro de mil seiscentos & seis sobre os ciganos que fossem achados neste Reyno vagando em quadrilhas, & nelle residissem do qual o traslado he o seguinte [...] [...] e achei por bem, que posto que pelas ordenações serão dee os ditos ciganos mais pena que açoutes pella primeira vez, que forem achados sejam degradados alem da dita pena, em tres annos para galés, & pela Segunda vez sejam outra vez açoutados, & em dobro: & pella terceira vez açoutados, & encorrerão nas ditas penas, & em dez annos”. [...] FBN 89, 5, 2, n. 20.

1677, 18 de janeiro

Decreto “os degredos que para o Brasil se proferirem, sejam com distinção: ou para a Bahia, ou para as capitancias de Pernambuco, Rio de Janeiro, Maranhão, Paraíba etc., os quais irão com ordem ao governador da parte para onde for o degredo, e se lhes faça os seus assentos do dia em que chegaram, declarando-se nele os anos por que vão, e a era em que lhes findam, para nesse tempo se lhes dar certidão. “Apud António Gomez Alfaro: Ciganos e degredos.

1685, 27 de agosto

³/₄ Ordenações do Reino diz o seguinte: “Fica comutado aos ciganos o degredo da África para o Maranhão”.

1686, 15 de julho

³/₄ Dom Pedro II [rei de Portugal]. Registro de uma Provisão de Sua Magestade sobre ciganos. “Mandava-se que os que já tivessem entrado deveriam ser presos e desterrados de acordo com a lei já estabelecida a respeito com declaração que os crimes que a dita ley dá para a África sejam para o Maranhão”. Disposição confirmava em 27 de agosto do mesmo ano pelo “Decreto em que se mandou comutar o degredo da África para o Maranhão”. Tombo II do Registro dos Alvarás, Provisões, Cartas e mais ordens de Sua Magestade, fl. 12. Archivo da Camara de Elvas, armário no 8. Apud Adolfo Coelho, op. Cit.

1689-1750

Dom João V, rei de Portugal, decretou a expulsão das mulheres ciganas para o Brasil. E no mesmo tom, anos a fio, promulgaram-se dezenas de leis, decretos, alvarás exilando ciganos para o Brasil. E eles aportavam no Maranhão, Recife, Bahia e Rio de Janeiro, onde estavam os núcleos coloniais mais importantes, mais desenvolvidos. Elisa Maria Lopes da Costa, *O povo cigano entre Portugal e terras de além-mar (séculos XVI-XVII)*. Lisboa: GT do Ministério da Educação para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1997, p.36.

1704, 10 de julho

¾ Carta Régia: Os ouvidores podiam sentenciar os vadios que infestavam a capitania com a pena de degredo para Angola.

1708

¾ Decreto de Dom João V. Proíbe o traje, a língua, negócios de bestas e outras imposturas (ler sina). “Os que transgredirem essas disposições incorriam nas penas de açoites e seriam degredados pelo tempo de dez anos: o qual degredo para o homem será de galés e para as mulheres, o Brasil.” Ordenações e leys etc, Lisboa, 1747. III, 170-171. *Colleção chonologica de leis extravagantes*. Coimbra, 1819, t. II pp. 364-366. Apud Adolfo Coelho, op. Cit.

1718, 11 de abril

¾ Decreto. “Foram degredados os ciganos do reino para a praça da cidade da Bahia, ordenando-se ao governador que ponha cobro e cuidado na proibição do uso de sua língua e gíria, não permitindo que se ensine a seus filhos, a fim de obter-se a sua extinção.” In Melo Moraes Filho: *os ciganos no Brasil*, (p.26).

1718, 15 de abril

¾ Havendo S. Majestade que Deus guarde resoluto que os Ciganos e Ciganas fossem exterminados do reino pelos furtos e mais delitos que frequentemente cometiam, ordenou que fossem embarcados para as conquistas da Índia, Angola, Santo Thomé, Ilha do Príncipe, Cabo Verde, Ceará e Maranhão, e dos que vão embarcados na frota destinados para essa Capitania remeto a V.S. as relações... (Arquivos do distrito federal, IV pág. 404. Apud José Alípio Goulart ¾ *O cavalo na formação do Brasil*. (p.176).

1718, 15 de abril; 1724, 23 de agosto; 1726, 29 de maio e 1740, 29 de julho

¾ Lê-se: “ Se os ciganos e outros malfeitores, degredados do reino para Pernambuco, não adotarem nesta capitania algum modo de vida e continuarem a cometer crimes, serão novamente degredados para Ceará e Angola. *Anais pernambucanos*, volume 5 p.299 de A. Pereira ad Costa. Também Sílvio Júlio, *Terra e povo do Ceará*, (pp. 89-90).

1718, junho

Portaria ao Provedor-mor, publicada nos Documentos Históricos, vol. LV, p.42, o Governador da Bahia mandava quatro patacas a cada cigano que assentasse praça. Aos que de Portugal vinham para a Bahia não se lhes permitiam sair de Salvador, sob pena de prisão; é o que lê de várias ordens expedidas aos Capitães-mores e Coronéis de outras localidades, de que é excelente exemplo a determinação contida nos Documentos Históricos, LV, pág.54, datada de 20 de abril de 1718 e assinada pelo Marquês de Angeja. Em carta assinada pelo governador do Brasil, do ano de 1719(dia e mês ilegíveis), dirigida aos Coronéis do Recôncavo, mandava-se prender todo cigano ou cigana, velho ou moço, que aparecesse nos seus respectivos distritos; “e sucedendo apresentarem algum despacho de licença deste Governo, Vossa Mercê o remeta junto com os presos”. Não adiantavam os salvo-condutos. Documentos Históricos, LXXIII, pág. 232. Apud José Alípio Goulart, op. cit., p.176.

1718, 31 de julho

¼ no governo de dom Pedro Antônio de Noronha, Marquês de Angeja, o vice-rei (1714-1718), chegavam os primeiros ciganos à cidade da Bahia. “Eu, Dom João, pela graça de Deus etc. Faço saber a V. Mercê que me aprouve banir para essa cidade vários ciganos homens, mulheres e crianças ¼ ‘devido ao escandaloso procedimento com que tem se portado neste reino’. Tiveram ordem de seguir em diversos navios destinados a esse porto, e tendo eu proibido, por lei recente, os usos de sua língua habitual, ordeno a V. Mercê que cumpra essa lei sob ameaça de penalidades, não permitindo que ensine a dita língua a seus filhos, de maneira que daqui em diante o seu uso desapareça”. Propagaram-se por tal forma os ciganos que se tornou a Mouraria pequena para contê-los pelo que a Câmara designou também para moradia dos ciganos outro bairro da Freguesia de Santo Antônio d’Alem do Carmo. Apud José Carlos de Macedo Soares, em Santo Antonio de Lisboa, militar no Brasil. E in Resumo chronologico e noticioso da província da Bahia desde seu descobrimento em 1500. De José Alves do Amaral, apud José B. China, op. cit., p.62.

1720, 20 de março

¼ proíbe-se a entrada de estrangeiros em Minas, refere-se explicitamente ao cigano. D. Lourenço de Almeida, capitão de Minas e de Pernambuco, então em Vila Rica, ordenava: [...] “pelo descuido que houve em algumas praças da Marinha, vieram para estas Minas várias famílias de ciganos, onde podem fazer maiores roubos que em outra nenhuma parte e, por esta devem ser infalivelmente presos e remetidos para o Rio de Janeiro, para daí se transportarem para Angola, porque só desta forma se continuará o grande sossego em que se acha todo este país, não se experimentam roubos, o que infalivelmente haverá se nele se consentirem ciganos”. [...] Elisa Maria Lopes ad Costa in O povo cigano entre Portugal e terras de além-mar, p. 50 e João Dornas Filho, op. cit., p.146.

1720, 14 de dezembro

¼ Ordem para que os ciganos fossem estabelecer em Sergipe del-Rei. A. Pereira da Costa, op. Cit.

1723, julho

Bando em Vila Rica: [...] “ ordeno a todos os capitães-mores e mais oficiais de guerra ou justiça, que infalivelmente mandem prender todo o cigano ou cigana que aparecer e qualquer outra pessoa de qualquer qualidade ou condição que seja, que ande com eles em sua companhia, ou lhes dê acolhimento em sua casa, ou fazenda, e os trarão presos com todos os bens que se lhe acharem[...], outrossim ordeno que qualquer pessoa do povo de qualquer qualidade ou condição que seja, possa prender cigano e trazê-lo à cadeia ad Vila que lhe ficar mais vizinha, tomando-lhe todos os móveis que tais ciganos tiverem, de ouro, roupas ou cavalos que serão da pessoa ou pessoas que prenderem os tais ciganos, com a condição de que primeiro os entreguem presos nas cadeias e, só dos ditos bens se tirará a importância que fizer o custo dos grilhões que se comprarão logo para se laçarem os ciganos” [...], In Elisa Maria da Costa. O povo cigano entre Portugal e terras de além-mar (séculos XVI-XIX), pp.69 e 70.

1723, 16 de dezembro

¾ Carta da Câmara de Olinda ao soberano informando que os ciganos viviam espalhados pela capitania, cometendo toda sorte de crimes... e em tal escala que não se podia mais tolerá-los... solicitando que fossem enviados para o Ceará.

1724, 23 de agosto

¾ os vadios, vagabundo, malfeitores e facínoras eram degredados para as possessões portuguesas da África, como consta da Provisão de 23 de agosto de 1724, mandando expulsar os ciganos para Angola.

1725, 21 de abril

¾ Carta dirigida ao Coronel Antônio Homem da Fonseca Corrêa determinando: “Vejo a diligência que se faz para serem presos os cinco ciganos que por aí passaram e como causa de sua resolução se dificultou essa diligência, espero que Vossa Mercê a reforce de tal maneira, assim como deste... apareçam como com outros quaisquer que se consiga a sua prisão e não se entregando eles resistindo como fizeram outros, se atirá aos cabeças até matarem”. Vol. LXXII, pág.96, dos Documentos Históricas [Bahia] apud J. Alípio Goulart, op. Cit., p.176.

1726, 5 de outubro

¾ O Procurador do Conselho requer medidas contra “huns ciganos que apareceram na cidade (de São Paulo), os quais, diziam ‘eram prejudiciais’ a este povo porque andavam com jogos e com outras reais perturbassoins.” In J.B. China, op. Cit., p.64.

1727

¾ Dom Antonio de Guadalupe, bispo do Rio de Janeiro (com jurisdição nas Minas Gerais) pede instruções ao Santo Ofício sobre como proceder com os ciganos que infestavam as povoações da Capitania, principalmente instaladas na Vila Rica de Ouro Preto, realizando com grande aparato, comédias e óperas imorais.

1731, 5 de junho

¾ Carta Régia, louvando o zelo e o cuidado com que o governador Duarte Sodré Pereira se houvesse nas remessas de gente criminosa para Angola, correndo a respectiva despesa pelo tributo da dízima. Mandando o governo da Metrópole

observar o regimento dos Carcereiros decretados em 1681, determinou por alvará de 24 de abril de 1738, remetendo, mencionado regimento do Governador de Pernambuco para mandar vigorar na capitania, que o degredo que o mesmo Regimento impunha para o Estado do Brasil se devia praticar para o reino de Angola.

1732, 28 de outubro

Bando do Capitão-general das Minas de Ouro, André de Melo de Castro[...] “ Faço saber aos que este meu Bando virem que, porque em todas estas Minas se acham quantidade de ciganos e ciganas com grande escândalo e prejuízo destes povos pelos muitos furtos e insultos que todos os dias andam cometendo, e como sobre a expulsão desta gente se têm lançado vários bandos e expedidas várias ordens que todas dou por inclusas neste Bando, porque umas e outras se publicaram segundo as reais deliberações de Sua Majestade, ordeno por este Bando que da publicação este a três dias, todo o cigano e cigana despeje todo governo das Minas, sem embargo de que mostre qualquer licença, ou dispensa, que tenha em contrário, que tudo dou por derogado”. In Elisa Maria Lopes da Costa, op.cit. p.51.

1736, 3 de junho

Carta escrita em Brejo de São José, na Comarca de Serro Frio. [...] “se informará por si e seus oficiais dos ciganos que se acham neste Governo, para se conhecer onde para uma quadrilha que assistiu no Rio das Contas e me dizem que nela tem Mestres de fabricar ouro falso, e os fará prender” [...]. Idem, Elisa Maria, op. Cit., p. 51.

1736, 14 de agosto

³/₄ Carta de Gomes Freire de Andrade, Governador de Minas, a Martinho Proença, informando que Enrique Carlos andou pelo rio São Francisco com ordem do senhor Conde para prender ciganos no mês de dezembro”. Dornas Filho, op. cit.

1737, 13 de janeiro

Carta do vice-rei despejando ciganos da Bahia em Minas: “por ora me parece acertado, castigando aos que cometerem algum insulto, não intender com os mais, porque não suceda juntarem-se em alguma parte remota, salteando os caminhos, o que agora seria perniciosas consequências e dificultoso remédio estando tão dispersos os Dragões deste presídio”. Apud Elisa Maria Lopes da Costa, in Ciganos e degredos, p. 86.

1737, 7 de maio

Carta dirigida ao governador Martinho de Mendonça: “e lhe peço pelas chagas de Cristo mande exterminar fazendo na mesma hora e tempo, pelas ordenanças prender em todas as comarcas a quantidade e multidão de ciganos e conduzir ao Rio de Janeiro pelos seus bens, pois lhe não faltam peças de ouro, e cavalos, ainda que furtados, que se vendem e dm para a Leva, porque aliás estas Minas, padecem grande dano havendo pessoas a que tem levado cinco a seis cavalos”. Apud Elisa Maria Lopes da Costa. In Ciganos e degredos, p. 81.

1739

³/₄ Desterrados para Fernando de Noronha todos os ciganos do Brasil, tidos como vadios.

1740

¾ Carta Régia, resolvendo que vadios e sujeitos prejudiciais, cujos crimes coubessem a pena de degredo para Angola, fossem deportados para alí a fim de servirem no exército. In Melo Morais Filho, op. Cit.

1740, 20 de julho

Provisão dirigida ao governador da capitania declarava que, mediante sentença do ouvidor, fossem degredados para Angola ¾ os vadios e indivíduos prejudiciais, cujos crimes coubessem a pena de degredo para aquela possessão, e na proporção que lhes pudesse acomodar, ¾ sendo tais indivíduos destinados a servir no exército. As deportações para Angola vigoraram até que a ilha de Fernando de Noronha foi constituída em degredo ou presídio. F. Antônio Pereira da Costa. Anais pernambucanos v. V 1701-1739.

1760

Alvará. Recomendava às autoridades da colônia que usassem medidas repressivas contra eles [ciganos]. Proíbe de comerciarem escravos. Os que não respeitassem as diversas disposições estabelecidas no dito alvará deveriam ser degredados por toda a vida para a ilha de São Thomé ou para a do Príncipe. (Registrado a fol. 351 do Lo. X do Registro do Real Archivo. ¾ Antonio Delgado da Silva, Colleção da legislação portuguesa, 1750-1762, pp. 749-750). Apud Adolfo Coelho, op. cit.

1760, 4 de outubro

¾ Termo de Vereança ¾ (SP) visto que se refere a um grande bando desses nômadez que aparecem na cidade. Atas da Câmara de São Paulo, IX, pág. 508.

1761, 12 de junho

¾ detectada presença de ciganos em Minas Gerais. Várias ordens do governador Luís Diogo Lobo da Silva ao sargento-mor Jerônimo Mendes da Paz, recomendando ações contra os ciganos.

1762, 27 de março

Carta da Câmara de Minas, dirigida ao soberano. Costumam andar dispersos por todos estes continentes uns meramente ladrões disfarçados com o título de ciganos tendo só por vida o viajarem com toda a sua família de umas para outras comarcas furtando cavalos e tudo o que podem por ser ofício próprio de semelhante casta de gente passando os furtos que fazem a uns e a outros para melhor encobrirem a sua maldade e indo seus donos no alcance de tirarem o que lhes levam os maltratam e muitas vezes matam [...] porque com os transportes que fazem para outros distritos lhes fica comutada a pena em degredo da própria vontade, sendo para utilidade do bem comum é preciso que residam em paragem certa com penas rigorosas para os que se acharem com semelhante modo de vida. "Apud Elisa Maria Lopes da Costa, in Ciganos e degredos, p. 82.

1763

Os ciganos participaram ativamente das festas em honra do primogênito de d. Maria I. Transcreve-se, na íntegra, o relato do livro Meios de transporte, no Rio de Janeiro, de Noronha Santos, p. 126. "Conforme a Epanáfora, citada por Varnhagem,

constaram também estas festas de um desfile de carros das corporações de ofícios, carros e danças de ciganos que vieram com outras usanças até o século XIX...”

1768, 22 de outubro

¾ mandando derrubar um rancho de ciganos (SP). In J. B. China, op. cit., p.63.

1768

¾ Ata do Senado da Câmara de São Paulo repetindo quase na íntegra as outras duas de 1726 e 1760. Obs. As Atas da Câmara Municipal de São Paulo estão, como publicação oficial do arquivo Municipal de São Paulo, enfaixados em diversos volumes impressos. Apud Renato Rosso, em *Ciganos um povo de Deus*, (p.17).

1808 – 1818

Foi a época de ouro dos ciganos no Brasil. Eles, olhados com bons olhos pela corte, por várias vezes foram chamados a participarem das festas de casamentos reais. Há registros que participaram do casamento da princesa da Beira com um infante da Espanha, conforme testemunho do Barão de Eschewege. Também outro evento foi registrado quando se elevou o Brasil a Reino Unido, em 1815. Tudo está nos livros de Mello Moraes Filho, J.B. China (1874-1941), Rodrigo Corrêa Teixeira e outros.

1809

Viajante inglês Henry Koster dá informações dos ciganos que percorriam os sertões de Pernambuco. Isto em 1809 a 1815, período de duração da viagem. Renato Rosso, op. cit., p.17.

1817

Afonso de E. Taunay fala da impressionante quantidade de ciganos na corte de dom João VI. Id. Ibid.

1819

Saint-Hilaire encontra-se com numeroso grupo de ciganos em Mogy Guassu (São Paulo). In J.B. D'Oliveira China.

1822, 3 de junho

Felisberto Inácio Januário Cordeiro encaminha um memorial a José Bonifácio, que começa assim: “Respeitosamente dirijo à presença de V.Exa. com Procurador dos Moradores da Freguesia de Inhaúma, a cópia inclusa da Memória que fiz e remeti ao Intendente-Geral da Polícia sobre a segurança das estradas que continuam a ser infestadas de salteadores ciganos”. E a “Memória” encaminhada à autoridade policial na primeira parte acusa o seguinte: “São tantos e tão continuados os roubos e assassinios praticados não só de noite, mas até de dia pelas estradas que da Cidade do Rio de Janeiro seguem para o Campinho, Irajá e Penha, que se não derem quanto antes vigorosas e sucedidas providências em breve os caminhos se tornarão intransitáveis: e os ciganos, os vagabundos, os desordeiros e os escravos aquilombados, conhecendo que são perseguidos e castigados ativa e ... elevando cada vez mais suas ousadias, temeridade e cruezas, passarão a formar-se em reforçadas quadrilhas que não só não darão quartel nas estradas passageiros, mas até assaltarão a viva força do fazendeiro e mais habitantes dos sítios e roças dentro de suas próprias casa; porque já tem passado ao terrível excesso de arrombarem

cercas e portões e de irem às cavaleriças furtar animais, e às casas, atacarem seus habitantes”. (111-25). Apud José Alípio Goulart, op. cit., pp. 177-8.

1830, 25 de janeiro

José de Melo Correia apresenta em sessão do Conselho da Província (de Alagoas) que “fosse evacuado esse povo [cigano] por intermédio dos Juizes de Paz”, porque: “Os ciganos não são brasileiros, pois, 1. Dizem que sua pátria é o Egito; 2. Não juraram o projeto da Constituição e menos consta que jurassem outra qualquer dos nossos vizinhos; 3. Não se acham alistados em corporação alguma desta província e, por isso não podem prestar serviços à mesma; 4. Finalmente não consta que eles tenham um pároco que os reconheça por seus fregueses. Dornas Fo, op. cit., p.141.

1860

Posturas de Juiz de Fora. Art. 161. É proibido comprar ou trocar escravos, animais etc. com ciganos e pessoas desconhecidas e suspeitas. Ciganos e suspeitos se denominarão os que são por taes havidos; e não são moradores e estabelecidos no Município e nem tem pessoa capaz que os conheça e abone. In Gooduwin Júnior, J. W. Império do Brasil: nesta nação nem todo mundo é cidadão. Apud Cadernos de Filosofia e Ciências Humanas, pp. 29 e 32, ano V, no 9, 1997.

1865, 27 de agosto

Existiam disposições régias proibindo entradas de ciganos em Portugal e que aqueles que lá estavam se intentassem manter seus modos de vida e sua língua, deviam ser expulsos para o Maranhão. Ordenações do Reino diz o seguinte: Fica comutado aos ciganos o degredo da África para o Maranhão.

1887, 8 de julho e 17 de março de 1888

O Pharol Juiz de Fora. [...] Diversas notícias referem-se ainda aos chamados “turcos” possivelmente ciganos, que pediam esmolas, impingiam bugigangas às pessoas sendo inclusive acusados de roubar crianças para comê-las. Idem, ibidem.

1892, 21 de março

A Câmara Municipal de Paracatu se reúne para discutir a presença de ciganos na periferia. É decidido que eles poderiam ficar por três dias, após este prazo seriam presos e pagariam multa de 20\$000 por cigano preso. Fonte; Internet.

1893

A cidade de Rio Preto é cercada por 500 ciganos. No mesmo ano é preso em Uberaba o cigano João Cristo. Apud Renato Rosso, op. cit., p.19. [...] O sr. Ministro da Agricultura tem notícia de que em um dos vapores esperados no Rio veem centenas de turcos ou bohemios sem profissão, telegrafou para os portos intermediários a fim de que não lhes fossem permitidos o desembarque. No Rio foram dadas as mesmas ordens. O Pharol. Humanas. Belo Horizonte, ano V no 9, out. /1997, pp. 29 e 32.

1902-1962

Não há provas definitivas de que os ciganos participaram das “Entradas e Bandeiras” que tanto alargaram o território nacional. Mas é possível que sim, pela maneira de ser do cigano: sempre mudando, viajando... O que condiz com o sistema de bandeiras. Há esta pista em Dornas Filho (1902-1962) “Moradores do termo de Mariana e dos distritos de Tapera, Turvo e Calambao representaram contra a

‘bandeira’ do capitão José Leme da Silva e seus irmãos, acusando-os de açoitadores de ciganos”.

1903

Os ciganos são perseguidos em Minas Gerais. In Rodrigo Corrêa Teixeira. Correrias de ciganos pelo território mineiro. Dissertação de Mestrado em História, UFMG.

1912, junho

No governo de Miguel de Paiva Rosas (1912-1916), um bando de ciganos é massacrado pela polícia, no lugar Peixe (Nossa Senhora dos Remédios). In Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí, de Cláudio Bastos. Teresina, 1994.

1935

Notícia Diário da Bahia, tendo como título “A vida agitada dos ciganos”. Ao tratar dos ciganos da Bahia, fala-se sobre os Michlos, ciganos cearenses. As terras cearenses foram as que mais receberam ciganos de Portugal. Apud Renato Rosso, op. cit., p.20.

1938, 20 de agosto

Decreto nº 3.010, o Presidente da República do Brasil, usando da atribuição que lhe conferem o art. 74, letra a, da Constituição e o art. 90, regulamenta o decreto-lei nº406, de 4 de maio de 1938, que dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. No art. 113. Serão impedidos de desembarcar, mesmo com o visto consular em ordem, os estrangeiros: indigentes, vagabundos, ciganos e congêneres; ...

1944

Os ciganos de São Paulo levaram ao governo brasileiro a sua solidariedade em face da agressão totalitária, [da Alemanha], oferecendo os seus serviços militares em defesa de nossa pátria, como ainda entregando donativos em dinheiro e joias de ouro para auxiliar o custeio de nossa defesa. Dornas Filho, op. cit., p.146).

1971, 8 de abril

No primeiro Congresso Mundial Cigano em Londres, foi instituída a Bandeira Cigana como símbolo internacional de todos os ciganos, como também o Hino Internacional dos Ciganos. <https://pt.slideshare.net/carlostonello/aula-cultura-cigana-12062010>.

1980, 19 de agosto

O cigano oriundo de outro país que seja naturalizado brasileiro ou mesmo sendo ele estrangeiro, é amparado pela lei 6.815 de 19/08/1980. (Estatuto dos Estrangeiros). Povo cigano o direito em suas mãos. Miriam Stanescon Batuli – Rorarni (nome cigano), advogada – Cigana do clã Kalderash, 2007.

1988

Pela Constituição Federal, a etnia cigana foi incluída na classificação de minorias étnicas. Lúcia Gaspar, Ciganos no Brasil. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

14 de março

Foram deportados 24 ciganos (oito homens, sete mulheres e nove crianças, uma de colo), para a Romênia. E assim o Brasil mostra quão pouco hospitaleiro e. In Folha de São Paulo de 14/3/2001.

2001, 14 de julho

É posto em liberdade o cigano Paulo Bianchi Yvanovich, que fora preso em 19 de abril de 2001 injustamente, e acusado pelo estupro e assassinato de três jovens em Teresópolis. O exame de DNA inocentou o rapaz. O Globo. Rio de Janeiro. Eis aí o velho preconceito: Se há um crime, prenda o cigano.

2001, 31 de dezembro

Refugiados romenos somem em São Paulo. Assim noticiou a Folha de São Paulo: 9400 indivíduos desaparecem... deportados? Escondidos por alguém? Expulsos da cidade? O consulado da Romênia informou: eles são ciganos e não querem trabalhar. O que aconteceu com esta gente?).

2002, 13 de maio

Até que enfim! Após 428 anos o governo brasileiro reconhece que os ciganos merecem respeito, são cidadãos. O Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH II) inclui (graças aos esforços da Associação de Preservação da Cultura Cigana, no Paraná), pequeno texto sobre este povo. Vamos citar os tópicos relativos a eles para que não se esqueçam:

259. Promover e proteger os direitos humanos e liberdades fundamentais dos ciganos.

260. Apoiar a realização de estudos e pesquisas sobre a história, cultura e tradições da comunidade cigana.

261. Apoiar projetos educativos que levem em consideração as necessidades especiais das crianças e adolescentes ciganos, bem como estimular a revisão de documentos, dicionários e livros escolares que contenham estereótipos depreciativos com respeito aos ciganos.

262. Apoiar a realização de estudos para a criação de cooperativas de trabalho para ciganos.

263. Estimular e apoiar as municipalidades nas quais se identifica a presença de comunidades ciganas com vistas ao estabelecimento de áreas de acampamento dotada de infraestrutura e condições necessárias.

264. Sensibilizar as comunidades ciganas para a necessidade de realizar o registro de nascimento dos filhos, assim como apoiar medidas destinadas a garantir o direito de registro gratuito para as crianças ciganas.

2006, 25 de maio

Decreto do Presidente da República: Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano. Art. 2º As secretárias Especiais de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos da Presidência da República apoiarão as medidas a serem adotadas para comemoração do Dia Nacional do Cigano. Perly Cipriano – Subsecretário de promoção e Defesa dos Direitos Humanos – SEDH/PR. Brasil Cigano: Brasília, maio 2014.

2007, 07 de fevereiro

Decreto nº 6.040 – Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasil Cigano: Brasília, maio 2014.

2009, 13 de agosto

Portaria nº 1.820 do Ministério da Saúde – Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde, e que afirma, no parágrafo único, do Art. 4º, o princípio da não discriminação na rede de serviços de saúde. Brasil Cigano: Brasília, maio 2014, p.13.

2010, 20 de julho

Lei nº 12.288 – Institui o Estatuto de Igualdade Racial: O Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH -3); O Plano Nacional de Cultura. Brasil Cigano: Brasília, maio 2014.

2011, 28 de abril

Portaria nº 940 do Ministério Nacional de Saúde – Afirma a não obrigatoriedade do fornecimento do endereço de domicílio permanente no caso de população cigana nômade que queira se cadastrar. Brasil Cigano: Brasília, maio 2014.

2012

Parecer CNE/CEB nº 14/2011 – Define Diretrizes do Conselho Nacional de Educação para o Atendimento em Educação Escolar para a População em Situação de Intinerância.

Inclusão no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), de marcador específico para a identificação de famílias ciganas. Brasil Cigano: Brasília, maio 2014.

2012, 16 de maio

Resolução CNE/CEB nº 03/2012 – Diário Oficial da União, Brasília, 17/maio/2012.

Art. 1º As crianças, adolescentes e jovens em situação de intinerância deverá ter garantido o direito à matrícula em escola pública, gratuita, com qualidade social e que garanta a liberdade de consciência e de crença.

Parágrafo único. São considerados crianças, adolescentes e jovens em situação de intinerância aqueles pertencentes ao grupo sociais que vivem em tal condição por motivos culturais, políticos, econômicos, de saúde, tais como ciganos, indígenas, povos nômades, trabalhadores itinerantes, acampados, circenses, artistas e/ou trabalhadores de parques de diversão, de teatro mambembe, dentre outros. Brasil Cigano: Brasília, maio 2014.

2013, 20 a 24 de maio

I Semana Nacional dos Povos Ciganos – realizado em Brasília, reuniu cerca de 300 pessoas de comunidades ciganas das diferentes regiões do país, oriundas de 19 estados e do Distrito Federal. Aprofundamento do debate sobre a pauta de reivindicações dos Povos Ciganos junto ao Estado brasileiro, com ênfase no acesso diferenciado a políticas públicas de cultura, saúde, desenvolvimento social, combate à discriminação, mecanismos de defesa dos direitos humanos e valorização das culturas ciganas. Brasil Cigano: Brasília, maio 2014.

2015

Projeto do senador Paulo Paim (PT-RS) cria o Estatuto do Cigano ([PLS 248/2015](#)). O objetivo é garantir direitos básicos para essa parcela da população, como acesso à educação e à inviolabilidade do lar. Isso porque os ranchos e acampamentos de ciganos não são reconhecidos como lar e, muitas vezes, são invadidos durante batidas policiais. O projeto, que está em análise na Comissão de Educação, Cultura e Esporte, deve passar por mais duas comissões no Senado, antes de seguir para a Câmara dos Deputados. www12.senado.leg.br/noticias/audios/2017/02/comissao-de-educacao-deve-analisar-estatuto-do-cigano.

2015 – 2025

Projeto de Lei do Plano Estadual de Educação 2015-2025, Educação e Cidadania: Identidades Raciais em contextos sociais excludentes é constituído por 28 Metas e 310 Estratégias. O Plano de Educação da Paraíba, objetivando contemplar as etnias que residem no Estado definiu metas e estratégias de caráter inclusivo que estimulam a conservação da história dos costumes, línguas e tem a escolarização como construção de cidadania. Governo da Paraíba, Secretária de Estado da Educação, Conselho Estadual de Educação.

2015

I Encontro de Ciganos (as) do Nordeste realizado em Sousa/PB pelo governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana, em parceria com Governo do Estado de Pernambuco, Associação Comunitária dos Ciganos de Condado/PB e Associação dos Ciganos de Pernambuco. Espaço de discussão sobre as problemáticas, desafios, potencialidades e perspectivas vivenciadas pela população cigana do Nordeste.

2017, 24 de maio

Comemoração do Dia Nacional do Cigano – Praça da Diversidade no Centro de Educação na Universidade Federal da Paraíba (Amostra do mundo cigano).

2017, novembro

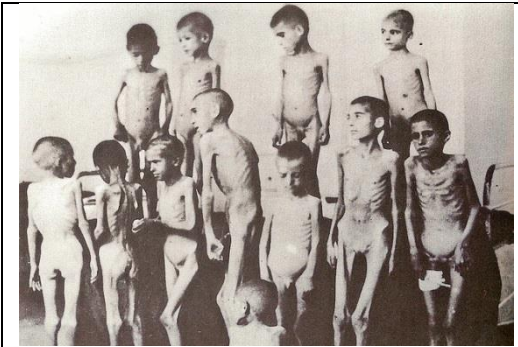
Reunião das lideranças ciganas com a Secretaria do Desenvolvimento Humano em João Pessoa.

2018, 24 de maio

Comemoração do Dia Nacional do Cigano – Praça da Diversidade no Centro de Educação na Universidade Federal da Paraíba.

Anexo 2. O HOLOCAUSTO CIGANO

Transcrito na íntegra –



Crianças ciganas, vítimas de experiências médicas - Museu de Auschwitz - Polônia

Quando se houve falar em campos de concentração nazistas, pensa-se logo em judeus sendo martirizados, em Auschwitz, Dachau e outros campos. Isso porque os arautos do Sionismo, além de cuidar para que aquela barbárie não seja esquecida, apresentam-na de um tal modo que parece ter sido apenas o “povo eleito” o alvo da sanha hitlerista.

Mas houve outras vítimas. E dentre elas, os ciganos.

Desde 1933, a imprensa nazista começou a acentuar que os ciganos e os judeus eram raças estrangeiras, inferiores, e que teriam contaminado a Europa como um corpo estranho. Valendo-se de uma desconfiança histórica em relação aos ciganos, foi possível justificar um conjunto de medidas duras contra esse povo, inclusive uma política de extermínio.

O primeiro grito de alarme oficial para o mundo cigano se fez ouvir a 17 de outubro de 1939, quando Heydrich (1), proibiu-os de abandonar seus acampamentos e iniciou sua transferência para a Polônia. A maioria dos transferidos acabou no campo de Dachau, enquadrada como “elementos sociais”.

Em novembro de 1941 ecoou na Europa o slogan: “ Depois dos judeus, os ciganos! ” E, em 24 de dezembro de 1941, uma ordem reservada a todas as SS, afirmava que os ciganos eram duplamente perigosos, tanto pelas doenças de que são portadores como pela sua deficiência mental. A ordem concluía que os ciganos deveriam ser tratados com o mesmo rigor aplicado aos judeus.

Em um boletim policial, datado de 25 de agosto de 1942, lê-se, entre outras coisas relativas aos ciganos, que “é, pois, indispensável exterminar esse bando integralmente, sem hesitar”.

Mas desde 1941, quando se criaram os Einsatzgruppen (pelotões de execução), as deportações e extermínio de ciganos já estavam sendo praticadas. Em outubro de 1941, chegaram a Lodz (Polônia), 5 mil ciganos, entre os quais mais de 2.600 crianças. Foram todos internados por grupos de famílias. Os testemunhos nos dizem que as janelas das barracas estavam quebradas, enquanto o inverno era extremamente duro. No campo não havia medidas higiênicas médica. Duas semanas depois de sua chegada, irrompeu uma epidemia de tifo, que matou mais de 600 adultos e crianças. Entre março e abril de 1942, os sobreviventes foram deportados para Chelmo, e ali assassinados nas câmaras de gás.

Desde então, até 1945, multiplicam-se os testemunhos: massacres coletivos, mortes individuais, tortura de todo o tipo, experimentos químicos e médicos dos mais cruéis. E todas essas crueldades ocorriam nos diversos campos de concentração: Auschwitz, Birkenau, Mauthausen, Rabensbruch, Buchenwald, Chelmo, Lodz, Dachau, Lackenbach e Sachsenhausen. Para Auschwitz foram enviados ciganos de toda a parte. Até soldados alemães em licença da frente militar, alguns deles

condecorados por bravura em combate, cujo único delito era terem “ sangue cigano” nas veias.

Particularmente impressionantes são os depoimentos sobre a transferência de crianças do campo de Buchenwald para o de Auschwitz. Eram crianças ciganas da Boêmia, dos Cárpatos, da Croácia, do Nordeste da França, da Polônia meridional e da Rutênia.

Bárbara Richter, menina cigana, assim depõe: “*Até os prisioneiros mais afeitos a esses horrores sentiram enorme tristeza quando perceberam que os SS iam tirar um por um os pequenos judeus e ciganos, reunindo-os em um só rebanho. Os meninos choravam e gritavam, tentavam freneticamente voltar para os braços dos pais ou dos protetores que tinham encontrado entre os prisioneiros, mas envolvidos por um círculo de fuzis e metralhadoras, foram levados para fora do campo e enviado para Auschwitz, onde morreriam nas câmaras de gás*”. Devido aos maus tratos e péssimas condições sanitárias, “ a pele das crianças se enchia de feridas infecciosas. Elas sofriam de estomatite cancrenosa... parecia lepra... seus corpinhos iam se desfazendo, bocas espantosas se abriam nas faces, e lá dentro se podia observar a lenta putrefação da carne viva”.

Só em Auschwitz, os ciganos regularmente matriculados foram 20.933, incluindo 360 crianças nascidas no campo de concentração, e que viveram o bastante para receberem número de matrícula. A estes se devem somar mais de 1.700 ciganos mandados para a câmara de gás, assim que chegaram, em março de 1943, e que nem tinham recebido ainda o número de matrícula. Em um único dia (29 de maio de 1943), 102 ciganos foram arrastados para fora de suas instalações e levados para a câmara de gás.

Esses testemunhos narram também a matança de quatro mil ciganos, no começo de agosto de 1944: “ A sirena anunciou um princípio de um rigoroso toque de recolher. Os caminhões chegaram por volta das 20:00 hs. Os ciganos tinham previsto o que estava para acontecer, mas os alemães fizeram de tudo para confundir as idéias: ao saírem dos acampamentos, os ciganos recebiam uma ração de pão e salame, e muitos assim acreditaram que se trataria simplesmente de transferência para outro campo. Então, um pelotão da SS, armado e auxiliados por cães, irrompeu no acampamento e lançou-se contra mulheres, crianças e anciãos. Um garoto tcheco, suplicou aos gritos: “ *Eu lhe peço, senhor SS, me dixei viver!* ”. A única resposta que teve foram os golpes de cassetete. Por fim, foram todos jogados, em montes, no caminhão e levados ao crematório. (Kraus e Kulka).

Houve cenas de cortar o coração: mulheres e crianças se ajoelharam diante de Mengele (2) e Borger (3), gritando: “*Piedade! Tenha piedade de nós!* ” Em vão. Foram abatidas a coronhadas, pisadas, arrastadas ao caminhão, levadas à força. Foi uma noite horrível, alucinante. Na carroceria foram jogados os que também já tinham morrido sob os golpes da clava. Os caminhões chegaram ao bloco dos órgãos por volta de 22h30 min e ao isolamento por volta de 23h. Os SS e quatro prisioneiros levaram para fora os enfermos, mas também 25 mulheres em perfeita saúde, isoladas com os respectivos filhos” (Aldesberger, p.112-113).

“Por volta de 23hs chegaram outros caminhões diante do hospital, num só caminhão colocaram cerca de 50 a 60 presos e foi assim que chegaram até a câmara de gás. Ouvi os gritos até altas horas da madrugada, e compreendi que alguns tentavam opor resistência. Os ciganos protestavam, gritando e lutando até a madrugada... Tentavam vender a vida a um alto preço”. (Dromonski, no processo por Auschwitz).

“Depois, Gober e outros percorreram os quartos um por um tirando dali as crianças que tinham se escondido. Os menores foram arrastados até os pés de Boger, que os agarrava pela perna e os jogava contra a parede... Vi esse gesto se repetindo umas cinco, seis e sete vezes” (Langhein). As estimativas mais próximas falam em meio milhão de ciganos mortos, mas sabe-se que esses dados são inferiores às cifras reais, pois muitos foram mortos antes mesmo de serem matriculados.

Em seu livro “Alemanha e Genocídio”, o historiador Joseph Billig distingue três tipos de genocídio: por eliminação da capacidade de procriar, por deportação e por extermínio. No hospital de Dusseldorf-Lierenfeld foram esterilizadas ciganas casadas com não-ciganos, algumas das quais morreram por estarem grávidas. Em Ravensbrück os médicos ad SS esterilizaram 120 meninas ciganas. Um exemplo do segundo tipo de genocídio foi a deportação de 5 mil ciganos da Alemanha para o gueto de Lodz, na Polônia. As condições de vida eram ali tão desumanas que ninguém sobreviveu.

Povo antigo, porém, profício e cheio de vitalidade, os ciganos tentaram resistir à morte, mas a crueldade e o poderio de seus inimigos prevaleceram à sua coragem. O amor à música serviu-lhes por vezes de consolo no martírio. Famintos e cobertos de piolhos, eles se juntavam diante dos hediondos barracões de Auschwitz para tocar música, encorajando as crianças a dançar.

Há testemunhas da coragem dos ciganos que militaram na resistência polonesa, na região de Nieswiez. Segundo elas, os combatentes ciganos se lançavam sobre o inimigo fortemente armado empunhando apenas uma faca.

Como diz Myriam Novitch, diretora do Museu dos Combatentes dos Guetos, “são decorridos muitos anos desde o genocídio dos ciganos. Já é tempo de denunciar esse crime abominável”.

Notas:

- (1) Reinhard Tristan Eugen Heydrich, Sicherheitsdienst da SD – Serviço de Segurança das SS, Protekto da Boêmia e Morávia (ex-Tchecoslováquia), onde recebeu o cognome de “Carniceiro de Praga”.
- (2) Josefe Menguele, médico chefe da principal enfermaria do Campo de Birkenau, que era parte do complexo Auschwitz – Birkenau, ficou conhecido como “Todesengel” (o Anjo da Morte).
- (3) Wilhelm Boger, SS – Oberscharfuhrer.

Fontes: * Myriam Novitch – Os ciganos e o terror nazista

* Ota Kraus e Erick Kulka – The death factory: documents on Auschwitz – 1946.

* Lucie Adelsberger – Auschwitz: A Doctor’s Story – Boston, Northeastern University Press. 2006. ISBN: 9781555536596

TEXTO retirado de:

<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/holocausto-cigano>

<http://www.kumpaniaromai.com.br/textos/holocaustocigano.htm>

Anexo 3. Celebração ao Dia do Cigano 2018

Dom José Edson Santa Oliveira, Bispo da Diocese de Eunápolis – BA, Referencial da Pastoral dos Nômades:

Celebramos hoje, no Brasil, o Dia Nacional do Povo Cigano. Tempo de alegria e de festa, porque celebramos este povo que está no coração da Igreja”, conforme disse o Papa Paulo IV. Contudo, este dia, além de um dia de júbilo, deve ser de reflexão para todos nós. Como comunidade católica somos chamados a refletir como estamos acolhendo e cuidando do povo cigano em nossas comunidades. Estamos seguindo os ensinamentos do Papa Francisco na exortação Apostólica *Guadete et Exsultate* (GE) sobre a chamada à santidade no mundo atual, que diz: “que a comunidade cuida uns dos outros e forma um espaço aberto e evangelizador, e se torna lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai”? Somos chamados a sair do nosso mundo e ir “contra a tendência para o individualismo consumista que acaba por nos isolar na busca do bem-estar à margem dos outros.

O nosso caminho de santificação não pode deixar de nos identificar com aquele desejo de Jesus: que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti”. No Dia Nacional do Povo Cigano devemos seguir o convite do Papa Francisco feito no Dia Mundial ad Pobreza em 2017: “Convido a Igreja inteira e os homens e mulheres de boa vontade a fixar o olhar, neste dia, em todos aqueles que estendem as suas mãos invocando ajuda e pedindo a nossa solidariedade. São nossos irmãos e irmãs, criados e amados pelo único Pai Celeste.

Este Dia pretende estimular, em primeiro lugar, os crentes, para que reajam à cultura do descarte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro. Ao mesmo tempo, o convite é dirigido a todas, independentemente da sua pertença religiosa, para que se abram à partilha com os pobres em todas as formas de solidariedade, como sinal concreto de fraternidade. Deus criou o céu e a terra para todos; foram os homens que, infelizmente. Ergueram fronteiras, muros e recintos, traindo o dom originário destinado à humanidade sem qualquer exclusão”. Os pobres, hoje, são os ciganos e ciganas, os quais foram tirados o direito de ir vir e permanecer. São discriminados, deixados nas periferias existências e geográficas; são homens e mulheres que estendem suas mãos para que nos unamos a eles em uma ação solidária e humana em busca de uma vida digna para todos.

Neste 24 de maio de 2018, unamo-nos ao povo cigano em suas lutas, para que tenham o mesmo direito que todo cidadão brasileiro. Esforcemo-nos para que a Igreja seja o porto seguro destes nossos irmãos e irmãs que têm diariamente seus direitos negados e muitíssimas vezes não considerados, chegando ao extremo de não serem considerados como filhos e filhas de Deus. Sejamos uma “Igreja em saída”; sejamos pontes! Vamos ao encontro destes nossos irmãos e irmãs porque *Deus é sempre novidade, que nos impele a partir sem cessar e a mover-nos para ir mais além do conhecido, rumo às periferias e aos confins. Leva-nos aonde se encontra a humanidade mais ferida e aonde os seres humanos, sob a aparência da superficialidade e do conformismo, continua à procura de resposta para a questão do sentido da vida. Deus não tem medo! Não tem medo! Ultrapassa sempre os nossos esquemas e não lhe metem medo as periferias. Ele próprio se fez periferia*

(cf Flp 2, 6-8; Jo 1, 14). Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá O encontraremos: Ele já estará lá. Jesus antecipa-Se-nos no coração daquele irmão, na sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sombria. Ele já está lá”.

Convidamos a todos e todas a saírem dos seus lugares, perderem o medo de se aproximarem dos acampamentos, das casas deste povo que está na periferia das periferias geográficas e existenciais. Não tenham medo! Com os ciganos podemos fazer uma grande experiência de Deus. Com eles, façamos esta experiência do Ressuscitado, buscando um mundo mais justo e fraterno para todos, pois Cristo veio “*para que todos tenham vida e vida em abundância*”. (Cf. Jo 10,10). Que Maria, Mãe e serva, abençoe e caminhe junto com o Povo Cigano! Dom José Edson Santa Oliveira, Bispo da Diocese de Eunápolis – BA. ⁴²

⁴² Ver www.cnbb.org.br

Anexo 4. Lista de Fotografias

PROJETO DE PESQUISA PIBIC/CNPQ/UFPB
Formação Docente Frente a Diversidade

Figura 19 CCDI em Sousa/PB



Fonte: Grupo de Pesquisa, 2015

Figura 20 CCDI em Sousa/PB



Fonte: Grupo de Pesquisa, 2015

Figura 21. Pesquisadora aplicando o questionário ao cigano no CCDI



Fonte: Grupo de pesquisa 2015

Figura 22 Pesquisadora aplicando o questionário ao cigano no CCDI



Fonte: Grupo de pesquisa 2015

Figura 23. Comemoração do Dia Nacional do Cigano – 24 de maio



Fonte: Grupo de Pesquisa

Figura 24. Ciganos Calon de Sousa com a Dra. Janine Marta Coelho Rodrigues Coordenadora do Grupo de Pesquisa



Fonte: Grupo de Pesquisa